

BONS AMIGOS

MANUAL DO
PROFESSOR

ARTE

2

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

Editora responsável:
**Ana Carina
da Cunha Marques**

Organizadora: FTD EDUCAÇÃO
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela FTD Educação.

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0116P230102000060
PNLD 2023 • OBJETO 1
Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

FTD



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

BONS AMIGOS

ARTE

MANUAL DO
PROFESSOR

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

2

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD



Bons Amigos – Arte – 2º ano
(Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © FTD Educação, 2021

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).

Mestre em Dança pela UFBA-BA.

Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.

Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinícius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scriba Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.), Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.), Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira, Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 2º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-729-3 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-730-9 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-739-2 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-740-8 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73386

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Neste **Manual do professor**, você vai encontrar apoio para trabalhar com o componente curricular Arte. Nele, são apresentados comentários e orientações sobre os conteúdos das unidades, atividades extras, momentos sugeridos de avaliação e sugestões de livros, filmes e *sites*, que auxiliarão no ensino desse componente. Além disso, há a descrição das estruturas do **Livro do estudante** e deste **Manual do professor** e um quadro anual de conteúdos, contendo uma sugestão de itinerário distribuindo os conteúdos do volume ao longo do ano letivo.

Este manual foi produzido tanto para facilitar a preparação das aulas quanto para auxiliar no dia a dia em sala de aula e nos momentos de avaliação. Vale ressaltar que as sugestões podem ser adequadas de acordo com a realidade da turma e da escola. Esperamos que seja uma ferramenta útil e enriquecedora no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Desejamos a você um ótimo ano letivo!

SUMÁRIO

🍌 O Livro do estudante e o Manual do professor V

A estrutura do Livro do estudanteV

A estrutura do Manual do professorV

🍌 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) VI

As Competências gerais da Educação Básica VII

As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental VIII

As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental VIII

🍌 A Política Nacional de Alfabetização (PNA) IX

Literacia e Literacia familiarIX

Os componentes essenciais para a alfabetizaçãoX

Cognição matemática: numeraciaXI

🍌 Integração entre os componentes curriculares XI

🍌 Avaliação XI

🍌 O ensino de Arte XIII

Arte e BNCC XIV

As linguagens da Arte na coleção XIV

🍌 Quadro anual de conteúdos • 2º anoXV

Início da reprodução do Livro do estudante ...1

Apresentação.....3

Sumário 4

Viva a Arte!..... 6

Vamos iniciar8

Como desenvolver alguns tipos de atividades 11 • MP

Introdução • Unidade 1.....12 • MP

UNIDADE 1 MAIS DO QUE MIL PALAVRAS 12

Conclusão • Unidade 1.....23 • MP

Introdução • Unidade 224 • MP

UNIDADE 2 O QUE EU SEI, O QUE VOCÊ SABE.. 24

Conclusão • Unidade 237 • MP

Introdução • Unidade 338 • MP

UNIDADE 3 UM MUNDO DE ARTE! 38

Conclusão • Unidade 351 • MP

Introdução • Unidade 452 • MP

UNIDADE 4 PARA CANTAR E BRINCAR52

Conclusão • Unidade 4 61 • MP

Introdução • Unidade 562 • MP

UNIDADE 5 RESGISTROS DE ARTISTAS 62

Conclusão • Unidade 5 71 • MP

Introdução • Unidade 672 • MP

UNIDADE 6 FAZENDO E REFAZENDO72

Conclusão • Unidade 6 81 • MP

Introdução • Unidade 782 • MP

UNIDADE 7 O PASSEIO DA LINHA 82

Conclusão • Unidade 7 95 • MP

Introdução • Unidade 8 96 • MP

UNIDADE 8 LEVANDO UMA LINHA PARA PASSEAR NO TEATRO E NA DANÇA 96

Conclusão • Unidade 8 105 • MP

Referências complementares para o professor 106 • MP

Vamos concluir106

Saiba mais108

Referências bibliográficas 111

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)112 • MP

Referências bibliográficas comentadas – Manual do professor 114 • MP

O Livro do estudante e o Manual do professor

Esta coleção é composta de cinco volumes destinados aos estudantes e professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ela foi desenvolvida com o objetivo de atender aos fundamentos pedagógicos da BNCC e da PNA. Cada volume contém 8 unidades, que contemplam seções para desenvolver as habilidades de literacia, bem como as habilidades relacionadas aos objetos de conhecimento do componente curricular **Arte** propostos pela BNCC. Além disso, a inclusão dos Temas contemporâneos transversais contribui no sentido de promover a cidadania.

A estrutura do Livro do estudante

A seguir, apresentamos as características das seções e de outros elementos que compõem a coleção, além dos ícones que foram explicados no **Livro do estudante**.

Viva a Arte!

Presente no início de cada volume, essa seção busca fazer uma apresentação lúdica, e com uma linguagem próxima do universo infantil, dos conteúdos do componente curricular **Arte** que serão trabalhados em cada ano. Por seu caráter mais livre, pode ser abordada tanto junto à avaliação diagnóstica proposta na seção **Vamos iniciar**, quanto pode ser retomada em demais momentos do ano letivo.

Vamos iniciar

Essa seção, presente no início de cada volume, tem o objetivo de avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos esperados para o ano de ensino (avaliação diagnóstica).

Páginas de abertura

As páginas de abertura têm como objetivos marcar o início de cada unidade, despertar a atenção do estudante para o que será visto e relacionar os conteúdos aos seus conhecimentos prévios e à sua realidade próxima.

Conteúdo

Os conteúdos são apresentados por meio do texto principal e das seções presentes nos temas. Com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, as atividades relacionadas aos conteúdos são apresentadas ao longo da teoria, de modo integrado. As atividades têm estruturas variadas e podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades da BNCC e dos componentes da PNA.

Vocabulário

Elemento que aparece ao longo das unidades sempre que houver a necessidade de explicar o significado de uma palavra importante para a compreensão do texto.

Boxe complementar

Um acréscimo ao conteúdo da unidade, muitas vezes com informações interessantes.

Coletivamente

Essa seção explora os Temas contemporâneos transversais, contribuindo com a formação cidadã dos estudantes por meio de reflexões e propostas de resoluções para problemas, de modo que eles sejam

atuantes na sociedade em que vivem. É subdividida em **Conhecendo o problema**, **Organizando as ideias** e **Buscando soluções**, para que assim os estudantes tenham contato com uma situação-problema, reflitam sobre ela e busquem uma solução prática. O Tema contemporâneo transversal desenvolvido é identificado no **Manual do professor**.

Entre textos

Promove o trabalho com diferentes gêneros textuais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas de linguagem (leitura, escrita e oralidade) e aos quatro processos gerais de compreensão de leitura (localizar e retirar informação explícita de textos; fazer inferências diretas; interpretar e relacionar ideias e informação; analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais). A seção apresenta as subdivisões **Explorando o texto** e **Além do texto**.

Fala artista

O objetivo dessa seção é apresentar a visão de algum artista ou produtor cultural específico. Isso é feito ao apresentar trechos de entrevistas ou declarações desse artista sobre assuntos referentes à sua produção ou a aspectos da Arte em geral.

Venha conhecer

Essa seção pretende apresentar espaços específicos onde estão obras de arte ou onde ocorrem produções artísticas. Nesse sentido, busca-se abarcar museus, galerias, espaços públicos, teatros, conchas acústicas etc.

Em destaque

Nessa seção, busca-se destacar as características específicas de determinado contexto, artista, obra, técnica etc. que se relaciona ao tema abordado pela unidade.

Vamos avaliar o aprendizado

Essa seção tem como objetivo avaliar os estudantes em relação aos conteúdos abordados na unidade (avaliação formativa ou de processo).

Saiba mais

Apresenta sugestões de recursos extras, como livros e filmes. Cada sugestão é acompanhada por uma sinopse.

Vamos concluir

Essa seção, presente no final de cada volume, contém atividades cujo objetivo é avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos adquiridos no ano letivo (avaliação de resultado ou somativa).

Referências bibliográficas

Referências de livros, revistas e sites que foram utilizadas na elaboração do **Livro do estudante** são apresentadas e comentadas ao final do livro.

A estrutura do Manual do professor

Este **Manual do professor** é organizado em duas partes. A primeira é a **Seção introdutória**, que explica a estrutura do **Livro do estudante** e deste manual, e apresenta a fundamentação teórica, de maneira prática e concisa, e o quadro anual de conteúdos – uma proposta de itinerário organizado por trimestres, bimestres, semanas e aulas, indicando momentos de avaliação formativa ao longo do volume, também podendo ser utilizado como um índice.

A segunda parte refere-se à reprodução das páginas do **Livro do estudante** na íntegra, em tamanho reduzido, com orientações, comentários e sugestões de condução para as atividades, potencializando a prática docente. Para cada unidade, essa parte do manual apresenta uma página de introdução e uma de conclusão, entre outros elementos que colaboram com a prática docente e o dia a dia do professor em sala de aula. É importante ressaltar que essa segunda parte do **Manual do professor** foi elaborada de modo a explicitar os procedimentos da aula de forma prática e ao mesmo tempo detalhada, sendo orientador para a prática do professor, como um roteiro de aulas estruturadas. Uma síntese desse detalhamento é expressa no rodapé da primeira página das seções **Vamos iniciar** e **Vamos concluir** e na **Introdução** das unidades, por meio da **Proposta de roteiro**, que sugere como estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos do livro.

Conheça a seguir a estrutura da parte que reproduz a totalidade do **Livro do estudante**.

Como desenvolver alguns tipos de atividades

Presente no início da reprodução do **Livro do estudante**, essa seção intercalada às reproduções das páginas do livro traz propostas de atividades que o professor pode desenvolver ao longo do ano letivo, como forma de avaliação diagnóstica.

Vamos iniciar

Dá sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos apresentados.

Proposta de roteiro

Apresenta um roteiro sintético, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos.

Introdução da unidade

Apresenta os objetivos pedagógicos a serem abordados na unidade, trazendo uma introdução aos conteúdos, conceitos e atividades e como estas se relacionam com o objetivo e com os pré-requisitos pedagógicos para sua realização; e uma **Proposta de roteiro**, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos da unidade.

Sugestão de estratégia inicial

Dicas para que o professor possa iniciar a aula, abordar o conteúdo ou realizar uma avaliação diagnóstica de maneira diferente ao longo da unidade.

BNCC e PNA / BNCC / PNA

Apresenta comentários para as relações entre o conteúdo do **Livro do estudante** e os elementos da BNCC e/ou da PNA.

Os comentários e as explicações de caráter prático referentes às atividades do **Livro do estudante** e as considerações pedagógicas a respeito de possíveis dificuldades dos estudantes na resolução das atividades, bem como alternativas para consolidar conhecimentos, são inseridos em tópicos ao longo da unidade.

Orientações complementares

Comentários complementares a algumas respostas de atividades e questões.

Atividade extra

Apresenta sugestões de atividades complementares, jogos, brincadeiras, adaptações, variações e conteúdos relacionados aos que aparecem no **Livro do estudante**.

Sempre que oportuno, são apresentadas citações que fundamentam o conteúdo da unidade, do tema ou da seção.

Objetivos

Lista os objetivos pedagógicos para as seções **Coletivamente** e **Entre textos**.

Avaliando

Propõe avaliações formativas para que o professor verifique a aprendizagem dos estudantes em diferentes momentos.

Vamos avaliar o aprendizado

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares

Dá sugestões de filmes, livros, *sites*, documentários, entre outras, contribuindo para a formação do professor.

Conclusão da unidade

Apresenta possibilidades de avaliação formativa e monitoramento da aprendizagem para cada objetivo pedagógico desenvolvido na unidade, contribuindo para a observação e o registro da trajetória de cada estudante.

Vamos concluir

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares para o professor

Indicações de livros, *sites*, filmes, entre outras, com o objetivo de complementar a prática docente.

Referências bibliográficas comentadas – Manual do professor

Referências de livros e artigos utilizados na elaboração do **Manual do professor** são apresentadas e comentadas ao final do manual.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Desde a publicação da Constituição Federal, em 1988, há, no artigo 210, uma previsão de uma base comum para a educação. Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, as discussões sobre a criação de um documento para nortear os currículos da Educação Básica em todo o país ganharam destaque novamente. Em 2018, após debates e contribuições da sociedade e de educadores, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De modo geral, a BNCC propõe uma progressão de aprendizagens que contribuam para a formação humana integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. O documento orienta um aprendizado por meio de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas em cada segmento de ensino.

As cinco áreas de conhecimento da BNCC são compostas por componentes curriculares, que, por meio de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, têm como objetivo o desenvolvimento das Competências gerais e específicas (a descrição das

unidades temáticas, dos objetos de conhecimento e das habilidades deste volume estão na página **112 MP** deste **Manual do professor**. Para enriquecer esse trabalho, sempre que possível, as propostas pedagógicas dos currículos devem abordar os Temas contemporâneos transversais, que contribuem para a formação cidadã do estudante. De acordo com o documento *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*, publicado em 2019, esses temas têm relevância local, regional e global e são divididos em seis macroáreas com quinze subdivisões. Veja no esquema a seguir.



As Competências gerais da Educação Básica

A BNCC defende que, ao longo da Educação Básica, os estudantes desenvolvam dez Competências gerais, que envolvem mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Veja cada uma no quadro a seguir.

Competências gerais da Educação Básica

- 1 Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- 2 Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3 Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 4 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5 Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6 Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7 Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8 Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9 Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10 Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

Na prática, a BNCC propõe que o conteúdo chegue à sala de aula vinculado a contextos reais, o que exige novas estratégias do professor, como a transposição didática, observando a vivência dos estudantes

e a necessidade de converter esse conteúdo em uma linguagem científica e adaptada ao segmento escolar deles. Para isso, exigem-se do professor o estudo e a reavaliação de sua prática de modo constante. Veja a seguir algumas ações para trabalhar as Competências gerais e que podem ser aplicadas no trabalho com os conteúdos apresentados nesta coleção.

Ação docente

Competência geral 1: Proporcionar ao estudante a valorização e o reconhecimento da importância dos conteúdos já aprendidos e, por meio deles, entender a realidade e dar continuidade a novos conhecimentos, mostrando o motivo de estudar determinados conteúdos.

Competência geral 2: Exercitar a curiosidade intelectual do estudante e levá-lo a recorrer à abordagem da ciência para investigar causas, levantar hipóteses, formar e resolver problemas com base em diferentes conhecimentos por meio de experiências ou observações e analisar os resultados, alcançando novo patamar de conhecimento.

Competência geral 3: Proporcionar ao estudante o conhecimento e os benefícios de diferentes manifestações culturais em âmbito local, regional e global. Junto a isso, propiciar atividades de produções artísticas, como grupos de dança, elaboração de roteiros de teatro, atuação em peças de teatro, festivais musicais e paraus.

Competência geral 4: Dar subsídios ao estudante para se comunicar por meio de diferentes linguagens, selecionando a mais apropriada para diferentes situações.

Competência geral 5: Apresentar diferentes tecnologias e verificar a compreensão que o estudante tem sobre elas. Trabalhar com aplicativos e diversificar a utilização de aparelhos tecnológicos em sala de aula como recursos metodológicos.

Competência geral 6: Criar no estudante a perspectiva de futuro valorizar a liberdade, a autonomia e a consciência crítica na escolha profissional e pessoal com consciência e responsabilidade. Valorizar toda diversidade trazida pelos diferentes saberes e experiências para fazer suas opções, exercitando a cidadania.

Competência geral 7: Ofertar subsídios para que o estudante tenha a capacidade de argumentar com base em fatos, sabendo selecionar fontes e dados confiáveis para negociar pontos de vistas, persuadir e apresentar ideias.

Competência geral 8: Levar o estudante a se compreender e a se valorizar dentro da diversidade com suas especificidades no coletivo.

Competência geral 9: Promover no estudante o exercício da empatia, estabelecendo o diálogo com as pessoas, resolvendo conflitos e coordenando pontos de vistas, respeitando o outro e fazendo-se respeitar dentro de um ambiente democrático que se quer viver.

Competência geral 10: Contribuir para que os estudantes atuem pessoal e coletivamente de modo responsável, guiados por princípios éticos e que regem a cidadania, tendo a consciência de que ações individuais e coletivas estão alinhadas à tomada de decisões inclusivas, sustentáveis e solidárias.

As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

A BNCC explicita que, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes desenvolvam sete Competências específicas de Linguagens, descritas no quadro a seguir.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

- 1 Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- 2 Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- 3 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- 4 Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 5 Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 6 Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 65. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental

De acordo com a BNCC, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes devem desenvolver sete Competências específicas de Arte. Veja a descrição de cada uma delas no quadro a seguir.

Competências Específicas de
Arte para o Ensino Fundamental

- 1 Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- 2 Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- 3 Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- 4 Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- 5 Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- 6 Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
- 7 Problematicar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- 8 Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- 9 Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 198. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.



A Política Nacional de Alfabetização (PNA)

Com base na Ciência Cognitiva da Leitura, ou Ciência da Leitura, a Política Nacional de Alfabetização (PNA) entende a promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, por meio do estudo da mente e do funcionamento do cérebro. A PNA foi instituída pelo decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, e é uma política educacional com objetivo geral de implementar programas e ações para a melhoria na qualidade da alfabetização em todo o território nacional.

Considerando o livro didático como um instrumento orientador para essas ações, esta coleção procura oferecer condições para que os estudantes desenvolvam suas habilidades para a aprendizagem e a alfabetização e, do mesmo modo, aproximem o professor do conhecimento científico proposto na PNA de maneira aplicável ao cotidiano da sala de aula. As atividades propostas nos volumes da coleção estão desenvolvidas de forma intencional e progressiva, visando alcançar o desenvolvimento das habilidades de leitura, de escrita e de conhecimentos de numeracia.

Literacia e Literacia familiar

A PNA considera que o processo de leitura e escrita, com base na ciência cognitiva da leitura, deve ser intencional e sistemático na prática de ensino nas escolas. A aprendizagem da leitura e da escrita, nesse contexto, não é natural nem espontânea e precisa ser ensinada sistematicamente, explicitando o sistema alfabético ao estudante. Dessa maneira, é importante que o professor compreenda os diferentes níveis de literacia para conduzir a prática de ensino em sala de aula, contribuir com práticas familiares e contemplar de modo intencional todos os elementos necessários para que o estudante aprenda o sistema alfabético, as regras que conduzem a codificações e decodificações e as representações gráficas das letras e dos sons referentes a cada uma delas.

As pesquisas relacionadas à neurociência e à psicologia cognitiva demonstram como os processos cerebrais podem ser instigados para uma aprendizagem eficaz por meio de hábitos de leitura, escrita e apreciação literária.

[...]

A psicologia cognitiva aborda a questão da leitura como poderia realizá-la um robô. Cada leitor dispõe de um captor: o olho e sua retina. As palavras aí se fixam sob a forma de manchas de sombra e luz, as quais devem ser decodificadas sob a forma de signos linguísticos compreensíveis. A informação visual deve ser extraída, destilada, depois recodificada um formato que restitua a sonoridade e o sentido das palavras. Temos necessidade de um algoritmo de decodificação, semelhante em seus princípios àquele de um *software* de reconhecimento dos caracteres, capaz de passar as manchas de tinta da página às palavras que ela contém. Sem que tenhamos consciência, nosso cérebro realiza uma série de operações sofisticadas cujos princípios começam somente a ser compreendidos.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 26.

A literacia considera habilidades a serem adquiridas pela criança antes da alfabetização formal e antes que se sinta inserida em um ambiente sistematizado para o conhecimento do sistema alfabético para que possa desenvolver e consolidar os níveis avançados de literacia. Nesse sentido, esta coleção é desenvolvida para ampliar as habilidades adquiridas pelos estudantes, avançando a literacia emergente no 1º ano do Ensino Fundamental, em contribuição à literacia familiar e ao desenvolvimento da alfabetização, explorando as habilidades de literacia no cotidiano escolar durante os demais anos do Ensino Fundamental.

Esse processo compreende a família como um agente fundamental para a alfabetização e integrante ao ambiente formal da escola, uma vez que a comunicação pressupõe a interação, que se faz presente desde o nascimento da criança. Entende-se como literacia familiar o conjunto dessas práticas vivenciadas pela criança com seus familiares antes mesmo que ela ingresse no ambiente escolar. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se complementa entre práticas familiares e escolares.

Veja a seguir alguns exemplos que a PNA dá de práticas e experiências de literacia familiar:

- leitura partilhada de histórias;
- conversas com a criança;
- narração de histórias;
- manuseio de lápis e tentativas de escrita;
- contato com livros ilustrados;
- modelagem da linguagem oral;
- desenvolvimento do vocabulário em situações de brincadeiras;
- jogos com letras e palavras;
- vivências em ambientes comunitários que promovam o contato com a linguagem oral e escrita.

O caráter qualitativo dessas práticas interfere no êxito da aprendizagem da leitura e da escrita. De acordo com estudos de literacia, os suportes essenciais para a alfabetização ocorrem naturalmente no cotidiano do estudante, e as oportunidades para que ele manipule, explore e utilize a leitura e a escrita trazem um impacto de considerável importância (MATA, 2012). Com isso, as práticas de literacia familiar continuam sendo incentivadas mesmo que a criança já esteja no ambiente da escola. Sendo assim, esta coleção traz estratégias convidativas para atividades a serem realizadas em casa, no intuito de contribuir com o avanço do estudante nos níveis de literacia.

Os componentes essenciais para a alfabetização

Os componentes essenciais para a alfabetização apresentados na PNA são desenvolvidos nesta coleção de modo gradual e intencional, sugerindo opções práticas para que o professor possa abordar os conhecimentos de leitura e de escrita, instrumentalizando o ensino para o estudante. Veja a seguir algumas estratégias para desenvolver esses componentes.

- A **consciência fonêmica** em sala de aula pode ser explorada pelo professor com a intencionalidade de apresentar aos estudantes o conhecimento das menores unidades da fala (fonemas). Atividades que envolvam brincadeiras cantadas e fórmulas de escolha possibilitam a observação do fonema. Com essas brincadeiras, espera-se que eles exercitem a identificação com o grafema. A brincadeira cantada pode ser escrita na lousa ou até mesmo no chão, e, conforme os estudantes cantam, o professor marca as partes cantadas.
- A **instrução fônica sistemática** permite aos estudantes adquirir o conhecimento do nome, das formas e dos sons das letras (**conhecimento alfabético**), estabelecer a relação das letras e dos sons, ou seja, dos grafemas e fonemas (**consciência fonêmica**) e desenvolver a habilidade de identificar e manipular intencionalmente a linguagem oral, como palavras, sílabas, aliterações e rimas (**consciência fonológica**). Cabe ao professor, então, conduzir o ensino do conhecimento fônico diariamente, apresentando aos estudantes a lógica presente no som de cada letra com as palavras e imagens correspondentes. A construção de alfabetos feitos com a ajuda deles torna-se um instrumento eficaz e exitoso, e as palavras presentes nesses alfabetos podem ser sistematizadas pelo professor em atividades de registro e sequências didáticas.
- A **fluência em leitura oral**, que é a habilidade de ler textos com velocidade, precisão e prosódia, deve ser incentivada pela leitura em voz alta para que os estudantes experimentem e compreendam o que leem. A leitura em voz alta é um exercício cotidiano na prática de ensino, e o professor deve observar o avanço dos estudantes sistematicamente. De maneira prática, é o professor que possibilita a eles que leiam diariamente sílabas, palavras, frases e textos, de acordo com a fase em que se encontram. Também é

possível organizar um momento do dia e utilizar o recurso do gravador de voz dos aparelhos celulares, criando uma expectativa para esse momento e deixando a leitura divertida. Pode haver alternância para ler, com propostas de leitura individual, em duplas ou coletivamente. As palavras, frases ou textos lidos estão no próprio livro didático ou podem partir do contexto de um tema proposto nas unidades ou de interesse da turma. A ordem da leitura também pode seguir a sequência alfabética para permear outros componentes da alfabetização.

- O **desenvolvimento de vocabulário** permeia as práticas desde a literacia em seu nível mais básico até a literacia disciplinar. Para promover o conhecimento de novas palavras, o ambiente escolar, em ação conjunta com a família, deve apresentar o maior número e variação de palavras possíveis para os estudantes. Essa ação deve ser intencional e planejada pelo professor. A coleção explora o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo, introduzindo os estudantes em contexto de novos significados e oportunizando, pelas atividades orais e de registro, a aplicação de novas palavras. O professor e a família não devem poupá-los de palavras consideradas de difícil entendimento, aderindo ao uso somente de palavras básicas, infantilizando a relação oral ou subestimando a possibilidade de compreensão. Cabe lembrar que o desenvolvimento do vocabulário deve ser explorado no cotidiano e nas experiências das práticas sociais, e é o professor que precisa estar atento às mediações sistematizadas para que haja apropriações significativas por parte dos estudantes.
- Segundo a PNA (BRASIL, 2019, p. 34), a **compreensão de textos** “é o propósito da leitura”. As estratégias de compreensão do que se lê de modo autônomo estão diretamente relacionadas ao vocabulário dos estudantes e vão além da capacidade de decodificar as palavras. É preciso que o professor promova ações de leitura de textos que conduzam os estudantes na compreensão do sentido daquela combinação de palavras. As estratégias de compreensão devem ser propostas em atividades de interpretação oral, de leitura em voz alta e de leitura silenciosa para que o cérebro processe o conteúdo exposto nas palavras. Se isso não for oportunizado pela experiência da leitura sistematizada e progressiva, observando a estrutura, o gênero textual, a pontuação aplicada e o exercício para a fluência, a compreensão dos textos será comprometida. Para isso, devem ser propostas situações de leitura adequadas à faixa etária e que desafiem os estudantes a ler em determinado tempo, perguntando ao final o que compreenderam com essa leitura. Diminua o tempo, acrescente palavras ao contexto e repita a proposta para que a habilidade seja estimulada.
- A **produção de escrita** deve ser praticada do 1º ao 5º ano e vai alcançando níveis de progressão mediante as estratégias intencionais do professor. Desde a escrita de letras, palavras ou textos, a atividade de representação gráfica é fundamental ao processamento cerebral e cognitivo para escrever de maneira autônoma, relacionando os grafemas e fonemas e compreendendo o sentido das palavras em contexto, além de observar as estruturas ortográficas e gramaticais em níveis mais avançados da literacia. Essa escrita, de acordo com a PNA, avança desde os primeiros movimentos de escrita, como na caligrafia, até atingir capacidades de organização do discurso, e isso só será alcançado se possibilitado aos estudantes o ensino sistemático das estruturas das formas, da ortografia e da organização de palavras em uma frase com sentido ao desenvolvimento de um enredo. Em sala de aula, o professor deve explorar os níveis da produção escrita. Uma proposta é elaborar um exercício contínuo em uma folha avulsa, caderno ou material específico para observar a escrita de cada estudante. Solicite a eles que no início do ano escrevam apenas uma palavra. Estabeleça uma rotina para retomarem esse material, propondo a continuidade ao que escreveram, empregando

novas letras, atribuindo valor sonoro ou acrescentando palavras que complementem o que já está escrito. Oportunize a escrita fazendo uma relação com o contexto vivido pelos estudantes.

Cognição matemática: numeracia

Com o intuito de buscar uma melhoria no rendimento escolar e no processo de aprendizagem dos alunos, a comunidade científica tem desenvolvido diferentes estudos e, nas últimas décadas, novas tecnologias de imagens cerebrais contribuíram para o surgimento das ciências cognitivas, como a neurociência cognitiva e a psicologia cognitiva.

Com isso, foi possível investigar como o cérebro organiza e se ocupa do processamento numérico, linguístico e cognitivo durante uma aprendizagem e no ensino das habilidades de literacia e de **numeracia**. Mais do que uma simples habilidade de contar numericamente, a intuição matemática fundamenta-se e expande-se por meio das representações cerebrais de espaço, número e tempo e abre caminho para competências mais complexas, que vão sendo fixadas conforme o avanço da instrução formal.

Ao defender a relevância dessa contribuição para a aprendizagem, a PNA recomenda que

[...] os professores, dada a importância que têm no processo de desenvolvimento da numeracia, precisam receber sólida formação em matemática elementar baseada em evidências científicas.

[...]

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC: Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021. p. 25.

Nos seres humanos, a representação interna para quantidades numéricas é desenvolvida desde os primeiros anos da infância. Evidências científicas dão conta de que crianças muito pequenas podem aprender a pensar e a comunicar-se por meio de habilidades matemáticas, inclusive mostrando-se capazes de aplicar raciocínio lógico na resolução de problemas e de compreender padrões e sequências. É essa capacidade de usar habilidades matemáticas de maneira apropriada e significativa na busca de respostas para situações simples ou complexas do dia a dia que conceitua a numeracia.

Pensando em colaborar para esse processo, as atividades desta coleção foram planejadas e elaboradas cuidadosamente, buscando fornecer subsídios significativos para o ensino de medidas, números e noções básicas espaciais e geométricas. Em sua tarefa como alfabetizador, o professor terá a oportunidade de explorar com os estudantes, em vários momentos, o raciocínio lógico por meio de situações lúdicas, além de ter à sua disposição atividades diversificadas, com estruturas que permitem desenvolver o reconhecimento de fatos aritméticos e, sempre que possível, convidam os estudantes a agir de modo crítico e criativo.

Integração entre os componentes curriculares

Desde a década de 1990, é levada em conta no Brasil a importância do trabalho interdisciplinar na escola. Atualmente, esse aspecto é ainda mais relevante, sendo incentivado em todos os níveis de ensino da Educação Básica.

A interdisciplinaridade é a relação entre dois ou mais componentes curriculares, ou seja, a abordagem interdisciplinar equivale aos vínculos estabelecidos entre dois ou mais componentes para obter um conhecimento maior, unificado e diversificado ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade tem o objetivo de integrar as diversas áreas do conhecimento, proporcionando uma compreensão maior da realidade. Com isso, os estudantes não só compreendem as respectivas

conexões como também são capazes de desfragmentar os conhecimentos para torná-los mais significativos do que eram antes de serem integrados entre si.

Para essa prática, é preciso determinar o modo como essa integração se dará. Pensando nisso, nesta coleção foram idealizadas algumas atividades cujo propósito é integrar diferentes componentes curriculares com uma abordagem menos fragmentada. Assim, espera-se contribuir para o aumento da criatividade e para a formação crítica e responsável do estudante na construção de seu conhecimento.

No ambiente escolar, a interdisciplinaridade atinge resultados positivos, uma vez que os estudantes iniciam parcerias contextualizando assuntos e integrando saberes. Essa dinâmica é importante para garantir que a aprendizagem ocorra não só com base na realidade deles, mas também com o ensino dos outros componentes.

Avaliação

A avaliação tem uma função fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é a oportunidade de investigar, diagnosticar, refletir sobre o processo e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e a atuação do professor.

É comum a ideia de impossibilidade de uma avaliação no componente curricular Arte que seja produtora e justa. A constatação de que “cada um tem um jeito de desenhar”, que se estende ao dançar, tocar e interpretar, muitas vezes justifica uma avaliação sem critérios e uma falta de entendimento por parte dos estudantes do seu desenvolvimento. Sim, cada um tem um jeito próprio de desenhar, dançar, interpretar e se expressar musicalmente, mas isso não impede que todo o processo de ensino e aprendizagem dessas linguagens possa ser avaliado. É a natureza subjetiva da Arte e do fazer artístico o seu maior valor, e não um impedimento ao processo avaliativo.

É imprescindível, portanto, levar em conta as especificidades da avaliação em Arte. Obviamente se faz necessário avaliar a produção dos estudantes, porém mais importante é avaliar seus processos de criação, considerando sua dimensão subjetiva.

De modo geral, uma maneira de avaliar os processos envolve a análise da relação que os estudantes estabelecem com as linguagens artísticas. Para isso, pode-se lançar mão de instrumentos como cadernos de desenho, portfólios, apresentações, exposições e atividades que explorem diferentes formas de movimento e poéticas corporais. Esses procedimentos podem ser enriquecidos com registros diversos, inclusive com o uso de novas tecnologias de registro e edição de áudio e imagens. Assim, torna-se possível ajudar os estudantes a se tornarem mais conscientes de seu percurso e de assumirem maior protagonismo em seu processo de aprendizagem. É preciso encontrar um equilíbrio de estratégias que demonstre o progresso do estudante tendo em vista o desenvolvimento de competências e habilidades, mas, principalmente, que esse desenvolvimento não seja relativo ao grupo, mas ao progresso individual de cada um.

Nesta coleção, a ação avaliativa do processo de ensino-aprendizagem propõe três modalidades principais.

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica constitui-se como o momento dedicado a identificar os conhecimentos já alcançados pelos estudantes, bem como suas necessidades e dificuldades.

É importante dar um lugar especial a essa avaliação, visto que por meio dela é possível reajustar as rotas e os objetivos estabelecidos para a construção do conhecimento.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação diagnóstica ocorre na seção **Vamos iniciar**. Nela, são propostas atividades que possibilitam determinar se será necessário retomar conteúdos, estabelecer

objetivos a serem alcançados pela turma e definir as práticas e as estratégias didáticas. A avaliação diagnóstica também pode ocorrer no início de cada unidade, pois as atividades das páginas de abertura servem para diagnosticar os conhecimentos prévios dos estudantes.

Avaliação formativa ou de processo

A avaliação formativa ou de processo acontece ao longo do período letivo. São os processos contínuos, que verificam se os estudantes alcançaram o cumprimento dos objetivos de cada etapa de aprendizagem. Desse modo, tal tipo de avaliação, quando articulado ao processo de ensino-aprendizagem, contribui para a aprendizagem da turma, à medida que possibilita ao professor realizar intervenções, propondo novas estratégias e procedimentos que visam à melhoria e/ou ao aprofundamento dos conhecimentos por parte dos estudantes.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação formativa ou de processo é destacada na seção **Vamos avaliar o aprendizado**, apresentada em cada unidade dos cinco volumes do **Livro do estudante**. Essa seção propõe atividades que retomam os principais conceitos e noções trabalhados, com vistas a averiguar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados. Além disso, nas laterais das páginas reduzidas do **Livro do estudante**, o **Manual do professor** apresenta o box **Avaliando**, com propostas de atividades avaliativas que permitem acompanhar a aprendizagem dos estudantes, trazendo objetivos e estratégias de intervenção. A avaliação formativa acontece também nas páginas de **Conclusão**, com a proposta de retomada dos principais objetivos de aprendizagem da unidade. Além disso, destacamos que faz parte do processo de avaliação formativa o hábito de transitar pela sala para observar os estudantes durante o desenvolvimento das atividades propostas. Esse acompanhamento mais ativo pode contribuir para incentivar os estudantes a se entenderem como parte do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico e sua autonomia e fazendo-os assumir a responsabilidade pelos acertos e erros.

Avaliação de resultado ou somativa

Com base no trabalho desenvolvido com os estudantes ao longo do ano letivo e em consonância com as práticas pedagógicas adotadas pelo professor e pela escola, acontece a avaliação de resultado ou somativa. Por meio das informações obtidas com a avaliação de resultado, é possível saber se os estudantes conseguem relacionar a apreensão de conteúdos, conceitos e noções com resoluções de problemas da vida cotidiana. Além disso, com base nas respostas a essa avaliação, o professor poderá refletir sobre ações a serem tomadas para sanar possíveis dificuldades dos estudantes. É comum que essa avaliação confira o desenvolvimento dos estudantes de maneira classificatória, por meio de testes e atribuição de notas. Nessa perspectiva, surge o equívoco de que avaliar restringe-se à aplicação de testes e à emissão de notas. Nesse sentido, é importante entender que a nota é uma das formas, entre muitas, de mostrar os resultados de uma avaliação. É preciso desvincular o pensamento de que a avaliação de resultado é a mais importante por mensurar em números o aprendizado. Ela é a consequência da avaliação diagnóstica pontual e da avaliação formativa bem vivenciada. Se as duas práticas ou ações avaliativas

mencionadas forem assertivas, o resultado em números oferecido pela avaliação de resultado será satisfatório, porque será o reflexo de um aprendizado que ocorreu de modo efetivo. Ainda assim, resultados diferentes ou abaixo do esperado não podem ser tomados como sentenças, mas como apontamentos para a retomada da avaliação formativa, com seus caminhos e objetivos.

Onde ocorre

Ao final de cada um dos cinco volumes desta coleção, é apresentada aos estudantes a seção **Vamos concluir**, com atividades que permitem ao professor obter os resultados avaliativos dos conhecimentos adquiridos por eles no decorrer do ano letivo. As atividades propostas possibilitam ao professor averiguar a necessidade de estratégias de remediação, retomando os objetivos pedagógicos quando assim se fizer necessário.

Para um sistema de avaliação eficiente, é recomendável a combinação das três modalidades, além de usar diferentes instrumentos que auxiliem a obter informações sobre a evolução da aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, a avaliação pode acontecer por meio da montagem de um portfólio, das observações do professor e do registro em fichas avaliativas. Isso visa contemplar não só o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, mas a maneira como cada um aprende, com atenção especial às habilidades que eles desenvolvem com mais facilidade e as que demandam mais atenção e auxílio para serem desenvolvidas.

Reconstruindo o significado e a importância de cada avaliação dentro do processo de ensino-aprendizagem, é possível promover o desenvolvimento das habilidades e competências esperadas para cada segmento de ensino de modo assertivo e pontual, além de despertar a corresponsabilidade e a autonomia dos estudantes sobre a construção de seu conhecimento. Dessa forma, além de auxiliar a repensar a prática pedagógica, é possível aperfeiçoá-la e reajustá-la, visando alcançar e suprir as necessidades identificadas pelo professor. Cada estudante é atendido em suas especificidades, e assim a turma evolui de maneira proveitosa e positiva.

Veja a seguir uma sugestão de ficha avaliativa e uma autoavaliativa que podem ser utilizadas para o registro de suas observações diárias.

Ficha de avaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
O estudante:	Sim	Às vezes	Não
demonstra interesse nas aulas?			
compreende os conteúdos?			
faz as atividades propostas nas aulas?			
participa das atividades em grupo?			
escuta e respeita as opiniões dos colegas?			
demonstra autonomia quando faz as atividades?			

Ficha de autoavaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
Eu...	Sim	Às vezes	Não
tenho interesse nas aulas?			
compreendo os conteúdos?			
pergunto as minhas dúvidas para o professor?			
faço as atividades propostas nas aulas?			
participo das atividades em grupo?			
escuto e respeito as opiniões dos colegas?			
faço as atividades com autonomia?			
sou organizado com meu material escolar?			
ajudo a manter a organização da sala de aula?			
tenho uma boa convivência com meus colegas?			

Com o intuito de auxiliar o monitoramento das aprendizagens, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação de acompanhamento individual das aprendizagens, como o modelo apresentado a seguir. Você pode utilizar fichas desse tipo quando trabalhar com as seções **Conclusão** das unidades deste **Manual do professor**.

Ficha de acompanhamento individual das aprendizagens				
Legenda: S (Sim) N (Não) P (Parcialmente)				
Estudante:				
Ano:	Período letivo do registro:			
Objetivos avaliados	S	N	P	
Preencher com o objetivo.				
Preencher com o objetivo.				
Observações				

O ensino de Arte

De acordo com a antropóloga francesa Michèle Petit, ensinar é apresentar o mundo para as novas gerações. Desse modo, a transmissão cultural, conceito amplo e muito debatido, se constitui na possibilidade que os adultos têm para construir novas perspectivas para o mundo. Para essa estudiosa, a transmissão cultural possibilita:

“[...] construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano; oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida. [...] É preciso transmitir o mundo às crianças, ensiná-las a amá-lo, para que elas um dia tenham vontade de assumir a responsabilidade por ele.”

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 23.

Diante disso, esta coleção se apresenta como um material de apoio para os professores e professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Visando auxiliá-los na construção dessas novas perspectivas, esta coleção busca:

- ser coerente e adequada à idade dos estudantes;
- considerar o desenvolvimento dos estudantes em seus aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores;
- possibilitar a expressão de emoções pessoais;
- valorizar o cuidado com a comunidade;
- permitir a aquisição de competências e habilidades;
- demonstrar amor e respeito pela arte e pela cultura.

A seleção de conteúdos que abrangem as diferentes linguagens da Arte (Dança, Artes visuais, Música e Teatro, além das Artes Integradas) em seus aspectos particulares, suas interseções, e a organização em sequências didáticas adequadas às idades não são suficientes sem os grandes responsáveis por essa relação afetiva para o ensino: os professores e as professoras. Com suas experiências, afetos, saberes e histórias particulares, eles devem ser os autores e protagonistas do seu próprio trabalho, desenvolvendo percursos de ensino e aprendizagem da Arte junto com os estudantes.

Esta é uma coleção feita por professores para professores e estudantes. É feita para auxiliar o trabalho daqueles que ensinam, aprendem, teorizam, pesquisam, administram seus saberes e conhecem o potencial da Arte no sentido de elevar os padrões na educação. Compreendida no campo da cultura, a Arte pode tornar-se mais familiar aos estudantes ao se aproximar do cotidiano deles. É importante que o professor compreenda o contexto cultural dos estudantes, os conhecimentos prévios que eles têm sobre diferentes formas de arte, as experiências e aprendizagens na disciplina, enfim o universo em que eles estão inseridos. Dessa forma, pode fazer adequações e orientações relacionadas à realidade dos estudantes e da escola em que ensina.

Esta coleção procura engajar a comunidade educativa no conceito de educação para a Arte. Os professores realizadores desta coleção acreditam que esse engajamento contribui para o desenvolvimento integral das pessoas; promove a fruição das artes e da cultura; e possibilita a formação de cidadãos sensíveis à realidade que os rodeia. Acreditam, assim, na formação de cidadãos que respeitam e integram a diversidade, com capacidade para estabelecer relações democráticas e participativas.

De um lado, há o desafio de gerar uma reflexão sobre as contribuições do ensino da arte na construção de uma educação de qualidade. De outro, o desejo de fornecer ferramentas metodológicas e conceituais para que essa contribuição se efetive e possa promover proje-

tos que permitam aos estudantes exercer seu direito de igualdade de acesso à cultura e às artes.

A coleção faz um convite ao professor e aos estudantes para que a conheçam, apropriem-se dela no sentido de ampliar efetivamente o universo de experiências artísticas e estéticas. Além disso, o convite é feito para que construam conjuntamente uma experiência educativa que possibilite o entendimento do valor inestimável da Arte em nossa sociedade.

Arte e BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, é um documento, de caráter normativo, que explicita os direitos de aprendizagem da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, e que serve de referência para a construção dos currículos de todas as redes, em âmbito federal, estadual e municipal. As aprendizagens essenciais definidas pela BNCC devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências que garantem a aprendizagem.

Na BNCC, o componente curricular **Arte** é composto por quatro linguagens, nomeadas como unidades temáticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. Além delas, há ainda uma unidade temática denominada Artes Integradas, que explora as integrações entre as quatro linguagens e suas práticas e, também, o uso de novas tecnologias da formação e da comunicação.

A BNCC também propõe que se garanta a abordagem das unidades temáticas e que esse processo se dê por meio das seis dimensões contempladas no documento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão em suas múltiplas linguagens artísticas (Música, Dança, Artes visuais, Teatro e Artes Integradas).

Tendo como eixo organizador a BNCC, esta coleção selecionou conteúdos, materiais, sugestões de práticas e sequências didáticas que possibilitem uma ampla compreensão das linguagens no sentido de promover a articulação de todas as dimensões do conhecimento e garantir a aquisição das habilidades e competências elencadas na Base.

Orientados para a prática, os conteúdos propostos na coleção abordam experimentações e pesquisas apresentadas por meio de estratégias que procuram fomentar a autonomia dos estudantes, considerando-os como o centro do processo de aprendizagem. Além disso, a coleção aborda a Arte como área de conhecimento. Os conteúdos visam desenvolver a sensibilidade, os sentimentos e o pensamento, propondo o ensino de Arte a partir de vivências e experiências, tanto no contexto escolar como no cotidiano de estudantes e professores. A prática docente também é abordada como campo de conhecimento, pesquisa e experimentação no sentido de propiciar autonomia ao professor.

As linguagens da Arte na coleção

Diferentes abordagens metodológicas são discutidas atualmente no campo da Arte. As concepções acerca das funções da Arte na sociedade também se ampliaram. Vivemos em uma sociedade essencialmente imagética, com múltiplos meios de produção midiática que envolvem a sonoridade, a visualidade, a encenação, o movimento corporal. Em função disso, os alunos devem ser preparados para a fruição e também para a crítica a esses meios.

Para os educadores é especialmente relevante conhecer e compreender as metodologias de ensino que são referências para suas práticas pedagógicas. Tais práticas exigem dos educadores interferências, ações e mediações que são fundamentais para a aprendizagem.

Cada uma das quatro linguagens da Arte, mais a unidade temá-

tica Artes Integradas, preconizadas na BNCC, necessita de especificidades pedagógicas, diferentes metodologias, conteúdos e formas de avaliação. As dimensões de conhecimento (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) podem estabelecer relações e ampliar a abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa: ler, contextualizar e fazer arte. Conscientes das concepções de Arte que permeiam suas práticas pedagógicas, os professores podem relacioná-las e ampliá-las por meio da proposta metodológica desta coleção.

Artes visuais

Nesta coleção, a alfabetização visual é conceituada como o desenvolvimento contextualizado da cultura visual. Dessa maneira, os componentes fundamentais das Artes visuais conhecidos como elementos (cor, forma, linha, espaço, textura, luz etc.) e seus princípios (equilíbrio, contraste, harmonia, movimento, proporção, ritmo etc.) se expandem para que sejam percebidos mais amplamente e contextualizados dentro de realidades culturais específicas. Assim, são estabelecidas conexões entre esses elementos e a expressão de ideias que registram a história, os valores e as cosmovisões de diferentes sociedades e culturas. Dessa maneira, a alfabetização visual ocorre de forma contextualizada, de modo a permitir que os estudantes compreendam e apreciem a variedade e os significados da expressão artística em diversos contextos culturais.

Essa perspectiva também se pauta no multiculturalismo, pois a coleção apresenta uma diversidade de culturas, além da ocidental europeia. Nela são abordadas, por exemplo, a arte Gond, feita na Índia, as narrativas mitológicas de diversos povos, a cultura popular brasileira e as matrizes estéticas que a compõem, a inventividade e o uso de tecnologias por artistas de diferentes perfis, os mestres e as mestras da arte brasileira e suas biografias. Além disso, esta coleção aborda a produção cultural globalizada, que propicia desafios de análise e interpretação ao apresentar conceitos como identidades, memória, alteridades e homogeneização cultural.

Dança

A linguagem da Dança, com a qual a maioria das pessoas ainda tem pouca familiaridade, geralmente permanece limitada a contextos e nichos específicos. A partir da delimitação descrita na BNCC, o processo de ensino e aprendizagem da Dança precisa fomentar a compreensão dos elementos desta linguagem de maneira ampla, promovendo a articulação de descobertas e desmistificações sobre o poético que se elabora no movimento dançado.

A coleção abordará a diversidade e a multiplicidade de modos de comunicação inerentes ao movimento dançado por culturas e povos diversos. Com o intuito de envolver os estudantes na pesquisa e na percepção do seu contexto familiar e social, são propostas práticas que envolvem tanto os colegas de turma quanto sociedades distantes. Essas propostas propiciam reflexões sobre as formas de comunicação e de elaboração de poesias e metáforas na própria cultura do estudante, mas também, nas culturas de outras sociedades.

Para tratar dos elementos da linguagem (corpo, espaço e tempo), a partir da proposta da BNCC, tomamos como referências os estudos de Rudolf Laban, seus discípulos e leitores, e também as propostas de Klaus Vianna e seus sistematizadores

Música

Seguindo os parâmetros da BNCC quanto aos conteúdos e abordagens relativos à educação musical, esta coleção trata das metodo-

logias e questões didáticas a partir de processos ativos que valorizam a pesquisa, a experimentação e a vivência da música, bem como seus elementos conceituais e parâmetros sonoros. As práticas propostas são criativas objetivando o desenvolvimento da escuta e o entendimento das sonoridades provenientes do cotidiano e ambiente sonoro de cada comunidade, por meio de jogos de observação, escuta e manipulação dos sons. Tais princípios têm como referências as perspectivas teóricas contemporâneas da educação musical utilizadas por músicos educadores, como Raymond Murray Schafer, Hans-Joachim Koellreutter, Keith Swanwick, John Paynter, François Delalande e Chefa Alonso que, em comum, preconizam o aprimoramento da escuta e do fazer musical criativo.

Teatro

Em relação à área da produção de conhecimento, estudo e prática da linguagem teatral, a coleção tem como referências as pesquisas realizadas no campo do teatro antropológico, originalmente proposto por Eugênio Barba e que, ao longo dos anos, teve diversos desdobramentos decorrentes do trabalho de seus seguidores. Partindo desse referencial, a coleção aborda culturas teatrais de diferentes partes do mundo. O reconhecimento do espaço físico e do ritual da cena, na perspectiva do sensível do corpo, as relações entre os atores e as manifestações interativas diversas, decorrentes da prática teatral, poderão ser percebidos passo a passo ao longo dos volumes. As práticas propostas pela coleção pretendem a expansão de estímulos expressivos pautados nas descobertas e nas potencialidades do corpo, da cor,

da voz e da interação, guiados por uma condução pedagógica lúdica que visa, sobretudo, o brincar para aprender e o aprender para seguir brincando.

Assim, a coleção recorre, em especial, ao universo dos palhaços, das cantigas de roda, das máscaras, da contação de histórias, do coro, do solo, do personagem animado, dos seres fantásticos e dos múltiplos cenários e luzes possíveis na arte da criação cênica. É importante ressaltar, portanto, que a coleção une obras, procedimentos de artistas, educadores e fazedores de arte que exercem significativo papel em nossa cultura.

 Quadro anual de conteúdos • 2º ano

O quadro apresentado a seguir mostra a evolução sequencial dos conteúdos deste volume e os momentos de avaliação formativa propostos. Além disso, é possível verificar uma sugestão de organização desses conteúdos em trimestres e bimestres, assim como em semanas e em aulas. Também apresentamos as habilidades da BNCC desenvolvidas e, quando pertinente, as relações com a PNA. Trata-se de uma planilha que pode ser utilizada para ter uma visão geral dos conteúdos das unidades, assim como facilitar a busca por orientações e comentários de práticas pedagógicas sugeridas nas orientações das páginas correspondentes ao **Livro do estudante**.

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
TRIMESTRE 1	BIMESTRE 1	SEMANA 1		
		AULA 1		
		▶ Vamos iniciar (avaliação diagnóstica) (p. 8, 9, 10 e 11)		
		AULA 2		
	BIMESTRE 2	SEMANA 2		
		AULA 1		
	BIMESTRE 3	SEMANA 3		
		AULA 2		

BIMESTRE 1

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 3	AULA 1	› Unidade 1: Mais do que mil palavras › Artes visuais – Materialidades (p. 16 e 17)	› p. 16	› (EF15AR04)
	AULA 2	› Unidade 1: Mais do que mil palavras › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 18 e 19) › Artes visuais – Sistemas da linguagem (p. 18 e 19) › Artes Integradas – Patrimônio cultural (p. 18 e 19)		› (EF15AR01), (EF15AR07), (EF15AR25) › Competências Específicas de Arte 1 e 9
SEMANA 4	AULA 1	› Unidade 1: Mais do que mil palavras › Artes visuais – Elementos da linguagem: cor (p. 20) › Artes visuais – Materialidades (p. 20)	› p. 20	› (EF15AR02), (EF15AR04) › Educação ambiental › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, numeracia
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 21)	› p. 21	› Desenvolvimento de vocabulário, consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, produção escrita, fluência em leitura oral
SEMANA 5	AULA 1	› Unidade 1: Mais do que mil palavras › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 22) › Artes visuais – Elementos da linguagem (p. 22)		› Competência Específica de Arte 7 › Educação Ambiental
	AULA 2	› Unidade 1: Mais do que mil palavras › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 23) › Artes visuais – Elementos da linguagem (p. 23)	› p. 23-MP	› Competência Específica de Arte 7 › Educação Ambiental
SEMANA 6	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe (abertura) › Artes integradas – Processos de criação (p. 24 e 25) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 24 e 25)		› (EF15AR03), (EF15AR23), (EF15AR24) › Competência Específica de Arte 1 › Educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras. › Desenvolvimento de vocabulário
	AULA 2	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Música – Elementos da linguagem: pulso (p. 26) › Dança – Elementos da linguagem: pulso (p. 26)		› (EF15AR10), (EF15AR14)

TRIMESTRE 1		BIMESTRE 1		
SEMANA 7	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Música – Materialidades: instrumentos musicais indígenas (p. 27)		› (EF15AR15) › Desenvolvimento de vocabulário, conhecimento alfabético, produção escrita, fluência em leitura oral
	AULA 2	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Música – Materialidades: instrumentos musicais indígenas (p. 28)	› p. 28	› (EF15AR15)
SEMANA 8	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Música – Materialidades (p. 29) › Música – Processos de criação (p. 29)		› (EF15AR15), (EF15AR17)
	AULA 2	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 30)		› Competências Específicas de Arte 1 e 3 › Desenvolvimento de vocabulário, produção escrita, consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético
SEMANA 9	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Dança – Contextos e práticas › Dança – Elementos da linguagem › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 31)	› p. 31	› (EF15AR08), (EF15AR10), (EF15AR24)
	AULA 2	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Artes integradas – Processos de criação (p. 32) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 32)		› (EF15AR23), (EF15AR24)
SEMANA 10	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Dança – Contextos e práticas (p. 33) › Artes integradas – Processos de criação (p. 34)		› (EF15AR08), (EF15AR23) › Competências Específicas de Arte 1 e 3 › Literacia familiar
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (p. 34 e 35)	› p. 34 › p. 35	› (EF15AR23), (EF15AR24) › Competências Específicas de Arte 1 e 3

BIMESTRE 2

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 11	AULA 1	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 36)		› Competências Específicas de Arte 1 › Diversidade cultural, Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras, Vida familiar e social
	AULA 2	› Unidade 2: O que eu sei, o que você sabe › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais › (p. 37)	› p. 37-MP	
SEMANA 12	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! (abetura) › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte Gond (p. 38 e 39)		› Competências Específicas de Arte 1 e 3
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte Gond (p. 40) › Artes visuais – Elementos da linguagem (p. 40 e 41) › Artes visuais – Materialidades (p. 40 e 41)	› p. 41	› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR 03) (EF15AR04) › Competências Específicas de Arte 1
SEMANA 13	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Materialidades (p. 42) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais: Arte Gond (p. 42)		› (EF15AR04) › Competência Específica de Arte 3 › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção de escrita
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais: Arte Gond (p. 43)		› Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção de escrita
SEMANA 14	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte aborigene australiana (p. 44) › Artes visuais – Elementos da linguagem: formas (p. 44)		› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR03)
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte aborigene australiana (p. 45) › Artes visuais – Processos de criação (p. 45)	› p. 45	› (EF15AR01), (EF15AR06)

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 2		
SEMANA 15	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte aborígene australiana (p. 46) › Artes visuais – Processos de criação (p. 46)		› Competência Específica de Arte 9
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas: Arte aborígene australiana (p. 47) › Artes visuais – Processos de criação (p. 47)	› p. 47	› (EF15AR01), (EF15AR06)
SEMANA 16	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Materialidades: Técnica da arte aborígene tradicional (p. 48)		
	AULA 2	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Materialidades: Técnica da arte aborígene tradicional (p. 49)	› p. 49	› (EF15AR04)
SEMANA 17	AULA 1	› Unidade 3: Um mundo de Arte! › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 50) › Artes visuais – Sistemas de linguagem (p. 50)		› (EF15AR01), (EF15AR07) › Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos › Literacia familiar
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 51)	› p. 51 › p. 51-MP	› Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
SEMANA 18	AULA 1	› Unidade 4: Para cantar e brincar (abertura) › Música – Elementos da linguagem (p. 52 e 53) › Música – Materialidades (p. 52 e 53)		› (EF15AR13), (EF15AR14), (EF15AR15) › Competências Específicas de Arte 1 e 4
	AULA 2	› Unidade 4: Para cantar e brincar › Dança – Elementos da linguagem: brinquedos cantados (p. 54) › Música – Elementos da linguagem: brinquedos cantados (p. 54)		› (EF15AR11), (EF15AR14) › Direitos da criança e do adolescente

REPRODUÇÃO PROIBIDA

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
BIMESTRE 2	SEMANA 19	AULA 1 › Unidade 4: Para cantar e brincar › Música – Contextos e práticas (p. 55) › Música – Elementos da linguagem: brinquedos cantados (p. 55)		› (EF15AR13), (EF15AR14) › Competências Específicas de Arte 1 e 4
		AULA 2 › Unidade 4: Para cantar e brincar › Música – Contextos e práticas (p. 56) › Música – Elementos da linguagem: brinquedos cantados (p. 56)		› (EF15AR13), (EF15AR14) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, numeracia
	SEMANA 20	AULA 1 › Unidade 4: Para cantar e brincar › Música – Elementos da linguagem: a voz (p. 57)		› (EF15AR14)
		AULA 2 › Unidade 4: Para cantar e brincar › Música – Contextos e práticas: ciranda › Música – Materialidades: instrumentos musicais › (p. 58 e 59)		› (EF15AR13), (EF15AR15) › Numeracia
BIMESTRE 3	SEMANA 21	AULA 1 › Unidade 4: Para cantar e brincar › Dança – Contextos e práticas (p. 60) › Música – Contextos e práticas (p. 60) › Música – Elementos da linguagem (p. 60)	› p. 60	› (EF15AR11), (EF15AR13), (EF15AR14)
		AULA 2 › Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 61)	› p. 61 › p. 61-MP	
	SEMANA 22	AULA 1 › Unidade 5: Registros de artistas (abertura) › Artes Visuais – Contextos e práticas (p. 62, 63 e 64)		› (EF15AR01) › Competências Específicas de Arte 4 e 8
		AULA 2 › Unidade 5: Registros de artistas › Artes Visuais – Contextos e práticas (p. 65) › Artes Visuais – Processos de criação (p. 65)		› (EF15AR01), (EF15AR05) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção de escrita

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 3		
SEMANA 23	AULA 1	› Unidade 5: Registros de artistas › Artes Visuais – Materialidades (p. 66) › Artes Visuais – Processos de criação (p. 66)		› (EF15AR04), (EF15AR05)
	AULA 2	› Unidade 5: Registros de artistas › Artes Visuais – Materialidades: encadernação (p. 67) › Artes Visuais – Processos de criação (p. 67)	› p. 67	› (EF15AR04), (EF15AR05) › Competência Específica de Arte 4
SESEMANA 24	AULA 1	› Unidade 5: Registros de artistas › Artes Visuais – Contextos e práticas (p. 68 e 69) › Artes Visuais – Elementos de linguagem (p. 68) › Artes Visuais – Processos de criação (p. 68 e 69)		› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR05) › Competência Específica de Arte 4
	AULA 2	› Unidade 5: Registros de artistas › Artes Visuais – Materialidades: desenho de observação (p. 70) › Artes Visuais – Processos de criação (p. 70)		› (EF15AR04), (EF15AR05) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário e compreensão de textos
SEMANA 25	AULA 1	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 71)	› p. 71	
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 71)	› p. 71 › p. 71-MP	
SEMANA 26	AULA 1	› Unidade 6: Fazendo e refazendo (abertura) › Dança – Processos de criação (p. 72, 73 e 74)		› (EF15AR11), (EF15AR12) › Competências Específicas de Arte 4 e 8
	AULA 2	› Unidade 6: Fazendo e refazendo › Dança – Contextos e práticas (p. 75)		
SEMANA 27	AULA 1	› Unidade 6: Fazendo e refazendo › Dança – Elementos da linguagem (p. 76)	› p. 76	› (EF15AR09), (EF15AR10) › Competência Específica de Arte 8
	AULA 2	› Unidade 6: Fazendo e refazendo › Teatro – Contextos e prática: texto teatral e rubricas (p. 77, 78 e 79)		› (EF15AR18), (EF15AR19) › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 3		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
	SEMANA 28	AULA 1		> Unidade 6: Fazendo e refazendo > Teatro – Processos de criação (p. 80)	> p. 80	> (EF15AR20) > Competência Específica de Arte 8
				> Unidade 6: Fazendo e refazendo > Teatro – Processos de criação (p. 80)		
	SEMANA 29	AULA 1		> Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 81)	> p. 81	> (EF15AR12), (EF15AR21) > Literacia familiar
				> Vamos avaliar o aprendizado (p. 81)		
	SEMANA 30	AULA 1		> Unidade 7: O passeio da linha (abertura) > Artes visuais – Contextos e práticas (p. 82 e 83)		> Competência Específica de Arte 4 > Desenvolvimento de vocabulário
				> Unidade 7: O passeio da linha > Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p.84) > Artes visuais – Processos de criação (p. 84)		
	SEMANA 31	AULA 1		> Unidade 7: O passeio da linha > Artes visuais – Contextos e práticas (p. 85) > Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p. 85) > Artes visuais – Materialidades: desenho (p. 85)		> (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR04)
				> Unidade 7: O passeio da linha > Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p. 86).		
	SEMANA 32	AULA 1		> Unidade 7: O passeio da linha > Artes visuais – Contextos e práticas (p. 87) > Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p. 87) > Artes visuais – Processos de criação (p. 87)		> (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR05)
				> Unidade 7: O passeio da linha > Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p. 88) > Artes visuais – Materialidades: desenho no espaço (p. 88) > Artes visuais – Processos de criação (p. 88)		

TRIMESTRE 3		BIMESTRE 4		
SEMANA 33	AULA 1	› Unidade 7: O passeio da linha › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 89) › Música – Notação e registro musical não convencional (p. 89)		› (EF15AR01), (EF15AR16)
	AULA 2	› Unidade 7: O passeio da linha › Artes visuais – Elementos da linguagem: linha (p. 90) › Artes visuais – Materialidades: desenho (p. 90)		› (EF15AR02), (EF15AR04), (EF15AR26)
SEMANA 34	AULA 1	› Unidade 7: O passeio da linha › Artes visuais – Materialidades: desenho (p. 91) › Música – Notação e registro musical não convencional (p. 91 e 92) › Música – Elementos da linguagem: altura e intensidade (p. 92)		› (EF15AR04), (EF15AR14), (EF15AR16)
	AULA 2	› Unidade 7: O passeio da linha › Artes visuais – Elementos da linguagem (p. 93) › Música – Elementos da linguagem: altura (p. 93) › Música – Processos de criação (p. 93)		› (EF15AR02), (EF15AR14), (EF15AR17)
SEMANA 35	AULA 1	› Unidade 7: O passeio da linha › Música – Elementos da linguagem: altura (p. 94) › Música – Notação e registro musical não convencional (p. 94)		› Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção escrita, consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 95)	› p. 95 › p. 95-MP	
SEMANA 36	AULA 1	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança (abertura) › Teatro – Contextos e práticas (p. 96 e 97)		› Competências Específicas de Arte 4 e 8 › Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, fluência em leitura oral, produção escrita, consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético
	AULA 2	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Teatro – Elementos da linguagem: pantomima (p. 98)		› (EF15AR19)

BIMESTRE 4

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 37	AULA 1	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Teatro – Processos de criação (p. 99)		› (EF15AR20), (EF15AR21)
	AULA 2	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Teatro – Processos de criação (p. 99)		› (EF15AR20), (EF15AR21)
SEMANA 38	AULA 1	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Dança – Elementos da linguagem › Teatro – Contextos e práticas: Teatro de Animação › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 100 e 101).		› (EF15AR10) › Fluência oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção de escrita, numeracia
	AULA 2	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Dança – Elementos da linguagem (p. 102 e 103)	› p. 103	› (EF15AR08), (EF15AR10), (EF15AR11)
SEMANA 39	AULA 1	› Unidade 8: Levando uma linha para passear no Teatro e na Dança › Dança – Processos de criação (p. 104)		› (EF15AR11)
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 105)	› p. 105 › p. 105-MP	
SEMANA 40	AULA 1	› Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 106)		
	AULA 2	› Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 107)		

BONS AMIGOS

ARTE

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD

2

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte



Bons Amigos – Arte – 2º ano
(Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © FTD Educação, 2021

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.
Atua como professora em escolas do Ensino Básico.
Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).
Mestre em Dança pela UFBA-BA.
Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.
Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinícius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scribe Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.), Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.), Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira, Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 2º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-729-3 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-730-9 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-739-2 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-740-8 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73386

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relatorio@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

OLÁ, ESTUDANTE!

NA VIDA, A GENTE APRENDE E ENSINA O TEMPO TODO. PROVAVELMENTE VOCÊ JÁ APRENDEU MUITO COM SUA FAMÍLIA, SEUS PROFESSORES, AMIGOS E CONHECIDOS.

NESTE LIVRO, HÁ MOMENTOS TANTO PARA VOCÊ COMPARTILHAR O QUE JÁ VIVEU QUANTO PARA FAZER NOVAS DESCOBERTAS. VOCÊ VAI LER E PRODUZIR TEXTOS, RESOLVER PROBLEMAS, ENTENDER COMO FUNCIONAM CERTOS PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS, ENTRE OUTROS ASSUNTOS.

ESPERAMOS QUE VOCÊ INTERAJA COM SEUS COLEGAS E PARTICIPE DAS ATIVIDADES. E NÃO SE ESQUEÇA DE QUE SEMPRE PODERÁ TIRAR SUAS DÚVIDAS COM O PROFESSOR.

APROVEITE CADA MOMENTO PARA TORNAR ESSE APRENDIZADO MAIS RICO E DIVERTIDO.

BOM ESTUDO!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....3

VIVA A ARTE!.....6

 VAMOS INICIAR8

UNIDADE

1

MAIS DO QUE MIL PALAVRAS12

CONTANDO HISTÓRIAS14

AS PINTURAS RUPESTRES.....16

• **VENHA CONHECER A DIVERSIDADE DA ARTE RUPESTRE18**

CORES DA TERRA.....20

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....21**

• **ENTRE TEXTOS.....22**

UNIDADE

2

O QUE EU SEI, O QUE VOCÊ SABE24

PULSANDO JUNTOS.....26

• **CONTEXTO EM DESTAQUE INSTRUMENTOS**

DOS POVOS INDÍGENAS27

TOCANDO JUNTOS E SENTINDO O PULSO29

QUEM QUER BRINCAR?30

APRENDER BRINCANDO31

VOCÊ ME ENSINA.....33

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....35**

• **COLETIVAMENTE DIFERENTES FORMAS DE APRENDER.....36**

UNIDADE

3

UM MUNDO DE ARTE!.....38

PINTURAS QUE GUARDAM HISTÓRIAS.....40

• **ENTRE TEXTOS.....42**

A ARTE DO TEMPO DO SONHO.....44

• **ARTISTA EM DESTAQUE EMILY KAME KNGWARREYE.....50**

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....51**

UNIDADE

4

PARA CANTAR E BRINCAR52

BRINQUEDOS CANTADOS54

DESAFIO BRINCANTE55

A VOZ DE CADA UM.....57

CIRANDAS BRASILEIRAS58

• **ARTISTA EM DESTAQUE LIA DE ITAMARACÁ59**

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....61**

UNIDADE 5 **REGISTROS DE ARTISTAS 62**

OS CADERNOS DOS ARTISTAS 64

O DESENHO DE OBSERVAÇÃO 68

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 71**

UNIDADE 6 **FAZENDO E REFAZENDO72**

REGISTRANDO O MOVIMENTO74

 • **FALA ARTISTA TRISHA BROWN..... 75**

 É HORA DE TEATRO!..... 77

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 81**

UNIDADE 7 **O PASSEIO DA LINHA 82**

LEVE UMA LINHA PARA PASSEAR..... 84

 BRINCANDO DE CRIAR LINHAS – PERSONAGEM.....86

 LEVE UM SOM PARA PASSEAR SOBRE AS LINHAS.....89

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO..... 95**

UNIDADE 8 **LEVANDO UMA LINHA PARA PASSEAR
NO TEATRO E NA DANÇA..... 96**

LINHAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS..... 98

 • **CONTEXTO EM DESTAQUE LINHAS QUE LEVAM
 PERSONAGENS PARA PASSEAR.....100**

 LEVE UMA LINHA PARA PASSEAR DANÇANDO.....101

 A LINHA NO ESPAÇO 104

 **VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO.....105**

 **VAMOS CONCLUIR.....106**

 **SAIBA MAIS108**

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS 111**

-  **RESPOSTA NO
CADERNO.**
-  **RESPOSTA ORAL.**
-  **DICA.**

Olá, professor!

Bem-vindo à sua nova caminhada junto ao Ensino de Arte.

Para iniciar essa trajetória, leia o texto desta seção para a turma. Dessa forma, instigue a **curiosidade** do grupo, buscando despertar neles o desejo de conhecer e de aprender, graças ao que o universo da Arte lhes oferece.

O cérebro humano é atraído por situações que despertam a curiosidade e preparam o caminho tanto para a aprendizagem quanto para a retenção dos conteúdos, além de tornarem a experiência muito prazerosa!

Aproveite o momento da leitura para fazer-lhes perguntas como as que seguem.

- Quem já ouviu falar ou conhece alguma das manifestações artísticas citadas no texto?
- O que imaginam que sejam essas manifestações?
- Quem já praticou alguma dessas manifestações artísticas? O que pode relatar sobre essa experiência?

Além das manifestações citadas no texto, há outra que conhecem ou praticam?

Por meio dessas questões, procure perceber os conhecimentos prévios que eles trazem a respeito da Arte. Se preferir, anote na lousa as palavras-chaves de cada pensamento.

Essa leitura e esses questionamentos podem ser realizados tanto para introduzir a avaliação diagnóstica proposta pela seção **Vamos iniciar** da página 8, quanto em outros momentos do ano letivo.

Outra possibilidade é orientar os estudantes a realizarem a leitura em casa com o auxílio dos seus pais e responsáveis, promovendo um processo de **literacia familiar**.

VIVA A ARTE!



BRENDA BOSSATO

UNI, DUNI, TÊ,
SALAMÊ, MINGUÊ,
UM SORVETE COLORÊ,
O ESCOLHIDO FOI VOCÊ!

ORIGEM POPULAR.

VOCÊ FOI ESCOLHIDO PARA DESCOBRIR MUITOS SEGREDOS! E PARA CONHECER SABERES MISTERIOSOS QUE ESTÃO ESPALHADOS POR TODA PARTE! A ARTE SERÁ SUA COMPANHEIRA NESSAS DESCOBERTAS.

A ARTE VAI AJUDAR VOCÊ A ESCUTAR OS SABERES QUE VÊM DE DENTRO DA GENTE. ESSES SABERES FAZEM ATÉ BATUCADA! ESTÁ ESCUTANDO O TUM-TUM DO SEU CORAÇÃO? E OS SONS DA FLORESTA?



FRANMATSUNOTO



KEZIA TRENTIN

A ARTE É INCRÍVEL! ELA DÁ ASAS À IMAGINAÇÃO! NESTE LIVRO, VOCÊ VAI ENCONTRAR SERES FANTÁSTICOS QUE FORAM PARAR NAS PAREDES DAS CASAS. VAI ENXERGAR COM VISÃO DE RAIOS X E ATÉ DECIFRAR CÓDIGOS DE PINTURAS. INACREDITÁVEL, NÃO É MESMO?

MAS NÃO PENSE QUE É SÓ ISSO! JUNTOS, VAMOS DESVENDAR MUITOS MISTÉRIOS! COMO É POSSÍVEL LEVAR UMA LINHA PARA PASSEAR? COMO FAZER UMA LINHA SONHAR? E COMO VER LINHAS INVISÍVEIS?

A ARTE NOS PERMITE VIVER TODA ESSA MAGIA! POR ISSO, SEJA BEM-VINDO! DIVIRTA-SE, DESCUBRA E APRENDA MUITO NO MUNDO MARAVILHOSO DA ARTE!

**SEJA BEM-VINDO
E BOA VIAGEM!**



BRENDA BOSSATO

7

Sugerimos também a você que não deixe de fazer anotações pessoais nesse e em outros momentos. Assim, ao final do percurso, você poderá retomar com os estudantes os conhecimentos iniciais da turma, comparando-os com os novos conceitos adquiridos no decorrer de cada unidade.

Experienciar a Arte como objeto de conhecimento constrói sentidos e vai aguçar a sensibilidade dos estudantes. Buscamos, desse modo, ampliar a capacidade de percepção, expressão e comunicação das crianças, permitindo-lhes também o desenvolvimento de múltiplas habilidades, de modo que possam considerar a si e aos outros, em diversos contextos.

**VAMOS INICIAR**

As atividades desta seção podem ser utilizadas como estratégia de avaliação, e de verificação dos conhecimentos prévios, contribuindo para o monitoramento da aprendizagem dos estudantes. Veja a seguir algumas orientações que podem auxiliar nesse processo.

1. Objetivo

Avaliar se os estudantes conhecem e diferenciam as linguagens artísticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro.

Sugestão de intervenção

Certifique-se de que os estudantes compreenderam como devem realizar a atividade, escrevendo cada linguagem artística abaixo da respectiva imagem. Verifique se reconhecem elementos da matéria artística em imagens do cotidiano e se relacionam o fazer artístico com a sua vida e a de seus pares. Escreva o nome das quatro linguagens da arte na lousa e leia-as em voz alta com os estudantes, solicitando que localizem as palavras lidas no livro. Em um primeiro momento, incentive-os a realizar a atividade individualmente a fim de que você possa analisar possíveis dificuldades e registrá-las para futuras intervenções. Aproveite a oportunidade para observar também de que modo eles se apropriam da escrita e se necessitam de seu auxílio para concluir a tarefa. É importante retomar o estudo das linguagens da arte ao longo do ano letivo a fim de que a aprendizagem desse conteúdo seja consolidada em progressão.

2. Objetivo

Avaliar a consciência dos estudantes com relação aos apoios e à distribuição do peso do corpo.

Sugestão de intervenção

Incentive os estudantes a exercitar a **criatividade** para imaginar de quantas maneiras poderiam se equilibrar sobre os objetos apresentados nas imagens da atividade. Quanto mais possibilidades os estudantes imaginarem, mais consciência corporal demonstram ter.

Para tirar melhor proveito da atividade, avalie a possibilidade de executá-la na prática, incentivando os estudantes a experimentar os apoios mencionados. Pode-se criar jogos como subir na cadeira

**VAMOS INICIAR**

As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.

1. PARA COMEÇAR A NOSSA VIAGEM PELO MUNDO DA ARTE, VAMOS RELEMBRAR QUATRO LINGUAGENS ARTÍSTICAS? ESCREVA EMBAIXO DE CADA IMAGEM A LINGUAGEM QUE ELA REPRESENTA: ARTES VISUAIS, DANÇA, MÚSICA OU TEATRO.



Expectativa de resposta: Teatro.



Expectativa de resposta: Artes visuais.



Expectativa de resposta: Dança.

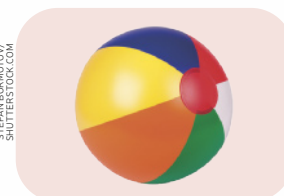


Expectativa de resposta: Música.

2. IMAGINE QUE VOCÊ É UM EQUILIBRISTA! DE QUANTOS JEITOS DIFERENTES VOCÊ PODERIA SE EQUILIBRAR SOBRE OS OBJETOS A SEGUIR? QUAIS PARTES DO SEU CORPO ESTARIAM EM CONTATO COM OS OBJETOS. **Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.**



● UM SKATE.



● UMA BOLA.



● UMA FAIXA ESTICADA.

8

bem devagar e manter-se em equilíbrio durante o maior tempo possível. Se considerar oportuno, você pode ainda inventar uma dança dos apoios sobre os objetos, escolhendo a cadeira, por exemplo, e uma música. Cada estudante passa pelos apoios e suportes se relacionando com a música para acelerar ou diminuir o movimento e até criando pausas. Porém, se realizar essas experimentações, lembre-se: por se tratar de uma atividade de experimentação do equilíbrio do corpo, haverá **risco** de quedas. Verifique a possibilidade de forrar o chão com colchonetes ou demais materiais que possam amortecer possíveis acidentes.

PNA

Na atividade 1, ao ler as palavras, interpretar e relacionar informações e escrever as respostas são explorados os componentes **conhecimento alfabético, desenvolvimento do vocabulário e produção escrita.**

3. OS ARTISTAS USAM DIFERENTES MATERIAIS PARA PRODUIR SUAS OBRAS. LIGUE AS IMAGENS E INDIQUE QUE MATERIAL FOI USADO PARA COMPOR CADA OBRA A SEGUIR.

OBRAS



● CERÂMICA MARAJOARA.



● ESCULTURA MEDIEVAL.



● O PÍER DE SOUTHEND, DE JAMES ABBOTT MCNEILL WHISTLER. 1884.

MATERIAIS



● MADEIRA



● ARGILA.



● AQUARELA.

9

3. Objetivo

Avaliar o conhecimento prévio e a percepção dos estudantes em relação à materialidade nas Artes visuais.

Sugestões de intervenção

Incentive os estudantes a observar os detalhes de cada obra e certifique-se de que eles identificaram os materiais representados na página. Verifique se eles relacionam corretamente a obra ao material com os quais ela foi produzida. Caso os estudantes demonstrem dificuldade em realizar a tarefa, mostre outros exemplos de obras e materiais. No final da atividade, incentive-os a compartilhar as estratégias que utilizaram para solucionar a questão.

Se for possível, providencie um pouco de tinta aquarela e de argila para que os estudantes possam experimentar como tais materialidades servem ao processo de criação. Recomendamos fazer isso apenas com a argila e com a aquarela, pois, no caso da madeira, os instrumentos necessários para trabalhá-la podem apresentar riscos.

PROPOSTA DE ROTEIRO

SEMANA 1

Vamos iniciar

➤ Realização das atividades das páginas 8 e 9.

Aula 1

Vamos iniciar

➤ Realização das atividades das páginas 10 e 11.

Aula 2

4. Objetivo

Avaliar a percepção dos estudantes em relação às fontes sonoras e como elas podem emitir sons.

Sugestão de intervenção

Leia com os estudantes as palavras da atividade e chame a atenção deles para os números que as acompanham. Avalie se identificam os objetos representados nas imagens. É provável que os estudantes estabeleçam correspondências de maneiras diferentes, portanto incentive-os a justificar as respostas. Motive-os também a expressar como imaginam o som se fosse produzido com os movimentos que eles escolheram. Assim, você poderá perceber a lógica da investigação sonora de cada estudante e o que cada um deles entende sobre a relação entre o movimento e a emissão sonora.

Se possível, dependendo da realidade da turma, providencie os materiais apresentados na página (além de outros de sua preferência) para que os estudantes possam experimentar produzir diferentes sonoridades com eles.

Objetivo

Avaliar se os estudantes percebem, por meio da visualização, os sons que poderiam existir em uma imagem, se ela fosse animada.

Sugestão de intervenção

A atividade propõe o despertar da consciência sonora por meio da imagem, remetendo à memória auditiva, à identificação dos sons de um determinado ambiente e dos objetos sonoros. Garanta que todos os estudantes compreenderam como devem realizar a atividade. Incentive-os a darem suas respostas de acordo com sua própria percepção. É possível que alguns deles não identifiquem os sons que poderiam ser escutados se a paisagem fosse animada. Nesse caso, analise com eles os elementos que a compõem. Incentive-os a explorar a memória auditiva para que identifiquem os sons que poderiam ser produzidos em um ambiente como o representado na obra. Ao final da tarefa, promova a troca de percepções para a ampliação da consciência sonora dos estudantes.

4. COMO VOCÊ PRODUZIRIA SONS UTILIZANDO OS OBJETOS ABAIXO? NUMERE OS QUADRINHOS DE ACORDO COM OS MOVIMENTOS QUE VOCÊ ESCOLHER.

1 RASPAR



● BALDE.

3

2 SOPRAR



● CADERNO E CANETA.

1

3 BATER



● FUNIL.

2

5. SE A PAISAGEM AO LADO FOSSE UMA CENA ANIMADA, QUAIS SONS PODERIAM SER ESCUTADOS? RESPONDA COMPLETANDO A TABELA A SEGUIR.

REPRESENTAÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA.



SONS DE ANIMAIS	SONS HUMANOS	SONS DE OBJETOS
Possível resposta: latidos de cachorro.	Possíveis respostas: passos, pessoas conversando, crianças brincando.	Possíveis repostas: carros, bicicletas, as rodas dos carrinhos de bebê.

6. UMA DAS MANEIRAS DE TORNAR UMA REPRESENTAÇÃO ENGRAÇADA É EXAGERAR NAS CORES, NAS EXPRESSÕES, NO MODO DE VESTIR E DE AGIR. CONTORNE NAS IMAGENS A SEGUIR OS ELEMENTOS QUE VOCÊ CONSIDERA EXAGERADOS.

Respostas pessoais. Veja orientações no **Manual do professor**.



● PALHAÇOS DIVERSOS.

7. QUAIS OBJETOS FORAM USADOS PARA COMPOR OS PERSONAGENS A SEGUIR?



● PERSONAGENS FEITOS DE MATERIAIS DIVERSOS.

Pinceis.

Pedaços de papel.

- A) ESCOLHA UM OU MAIS MATERIAIS ESCOLARES, INVENTE NOVAS FUNÇÕES PARA ELES E DÊ VIDA A UM PERSONAGEM!

Resposta pessoal. Veja as orientações no **Manual do professor**.

11

6. Objetivo

Avaliar se os estudantes identificam elementos exagerados como um recurso para tornar uma apresentação engraçada.

Sugestão de intervenção

Em conversa com os estudantes, incentive-os a expressar o que entendem sobre a palavra **exagero**. Analise com eles as imagens propostas na atividade. Questione-os se concordam que o exagero nos elementos de uma representação pode torná-la mais engraçada e observe se os assinalam nas imagens. Se considerar oportuno, solicite aos estudantes que pensem em maneiras exageradas ou marcantes para marcar as respostas usando, por exemplo, cores variadas ou traços fortes. Dessa maneira, é possível verificar se eles se familiarizam ou não com a proposta, respondendo de modo mais contido ou intenso. A observação do traço pode servir como apoio ao professor, no caminho de reconhecer as características de seu aluno.

7. Objetivo

Avaliar o senso de abstração e de criação dos estudantes e se reconhecem alguns dos artifícios utilizados na composição de personagens.

Sugestão de intervenção

A atividade propõe que os estudantes reconheçam alguns dos artifícios, como manipulação de elementos visuais e expressivos, na composição de personagens e do universo ficcional no teatro de animação. No item **A**, observe se o estudante age na direção de resignificar o objeto transformando-o em personagem, dando características estilizadas a ele ou se não houve o despertar do senso de abstração e criação. É importante considerar, avaliar, ponderar e encaminhar o processo de desenvolvimento do estudante. Auxilie os estudantes que apresentarem dificuldade de eleger objetos para realizar a atividade, chamando a atenção deles para os materiais escolares que eles usam no dia a dia e para objetos da sala de aula.

PNA

Ao escrever as respostas nas atividades 5 e 7 é explorado o componente essencial para a alfabetização **produção escrita**.

COMO DESENVOLVER ALGUNS TIPOS DE ATIVIDADES

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam que a avaliação é um processo educacional contínuo e cumulativo. Além disso, o mapeamento das dificuldades dos estudantes deve ter o objetivo de investir no desenvolvimento de habilidades não consolidadas por eles e, nesse sentido, a avaliação diagnóstica não precisa estar atrelada somente ao início do ano letivo. Pelo contrário, é uma ferramenta essencial para indicar pontos de atenção e averiguar a necessidade de reformular as estratégias de condução e de remediação, não devendo ficar limitada a instrumentos tradicionais.

Pensando nisso, além da seção **Vamos iniciar**, apresentamos a seguir algumas propostas que podem ser planejadas como alternativas de avaliação diagnóstica no início do ano letivo ou em momentos oportunos, previamente definidos, de introdução e desenvolvimento de conteúdos novos.

▶ ATIVIDADES EM GRUPO

Em sala de aula, a interação em grupos permite a comunicação e a troca de ideias, além de possibilitar a observação sobre a habilidade de argumentação e de organização das informações. Em uma dinâmica diagnóstica, o professor pode verificar qual integrante domina melhor o assunto e quais deles são mais cooperativos. Para isso, durante as atividades em grupo, o professor tem as funções de acompanhar, atender, avaliar o empenho e a cooperação dos estudantes e intermediar, se for o caso.

Dicas importantes: procure, sempre que possível, formar equipes heterogêneas, nas quais haja estudantes com diferentes habilidades e níveis de aprendizagem, proporcionando o convívio entre estudantes que naturalmente não se relacionariam por falta de afinidade ou oportunidade. Planeje o momento do trabalho em grupo com eles, definindo as metas, a divisão das tarefas, os registros de execução e a autoavaliação individual e coletiva. É importante que respondam a perguntas, como: “Conseguimos atingir os nossos objetivos?”; “O que foi mais difícil de fazer?”; “Todos cooperaram com o grupo durante as atividades?”; “Algo poderia ter ocorrido de outra maneira?”; “O que podemos fazer para que a próxima atividade seja melhor?”. As respostas a essas e outras questões podem nortear a continuidade da aprendizagem.

▶ PESQUISA

A pesquisa pode ser a base para diversas outras atividades, como a produção escrita de uma reportagem ou notícia sobre determinado tema, a produção de um anúncio publicitário ou a apresentação de um seminário. De modo geral, a pesquisa está cotidianamente presente, uma vez que exerce função inerente ao desenvolvimento da ciência, aos avanços tecnológicos e ao progresso intelectual de um indivíduo. Pode ser solicitada como marco diagnóstico ou somativo.

De modo geral, uma pesquisa obedece à seguinte ordem de etapas: definição do tema, planejamento, execução, análise dos dados, elaboração do texto, finalização do trabalho e apresentação.

Dicas importantes: oriente os estudantes delimitando os objetivos esperados, os prazos, a definição das tarefas individuais ou coletivas, a seleção das informações mais adequadas e o uso consciente das fontes de pesquisa. Acompanhe todo o processo e crie neles o hábito de gerar uma primeira versão do texto para ser validada, seguindo determinada ordem lógica com introdução, desenvolvimento e conclusão. Em uma pesquisa mais elaborada, para a versão final escrita pode ser solicitada uma estrutura com capa, sumário, imagens (se houver), referências bibliográficas e anexos. A apresentação pode ocorrer de diversas maneiras, como em seminário ou feira escolar.

▶ FEIRA ESCOLAR

O propósito de uma feira escolar é mostrar ao público o que foi abordado e pesquisado sobre determinado tema. Nela, promovem-se o diálogo entre os componentes curriculares e a interação entre estudantes, professores e comunidade.

Os tipos de feira podem variar. Há feiras de Ciências, de diversidade cultural, de profissões, de esportes olímpicos, literária, gastronômica, musical etc. Geralmente, trata-se de um projeto cujo planejamento pode ser semestral ou anual, pois demanda tempo para pesquisar e produzir o material que será exposto, entre outros elementos que podem complementar a feira. Porém, o professor pode optar por temas menos elaborados, dando conta de levantar elementos diagnósticos a respeito de assuntos trabalhados no ano anterior ou de conteúdos que exponham os conhecimentos prévios dos estudantes para o próximo tópico.

Dicas importantes: nesse tipo de atividade, o interesse da turma é aspecto imprescindível para o trabalho. Por esse motivo, é interessante que o tema seja escolhido de comum acordo com os estudantes, de modo que seja prazeroso e curioso para eles. Com a ajuda de todos, devem ser listados os materiais necessários para uso no dia do evento e as estratégias de divulgação, além de planejar e ensaiar com antecedência as apresentações e testar os possíveis experimentos que serão apresentados.

Objetivos da unidade

- Reconhecer a pintura rupestre como forma de arte, registro e narrativa;
- Explorar a construção narrativa na relação com a imagem;
- Apreciar diferentes produções de arte rupestre, identificando suas características pictóricas e ampliando o repertório imagético;
- Experimentar a pintura fazendo uso de pigmentos naturais, bem como observando as características e resultados das tintas.

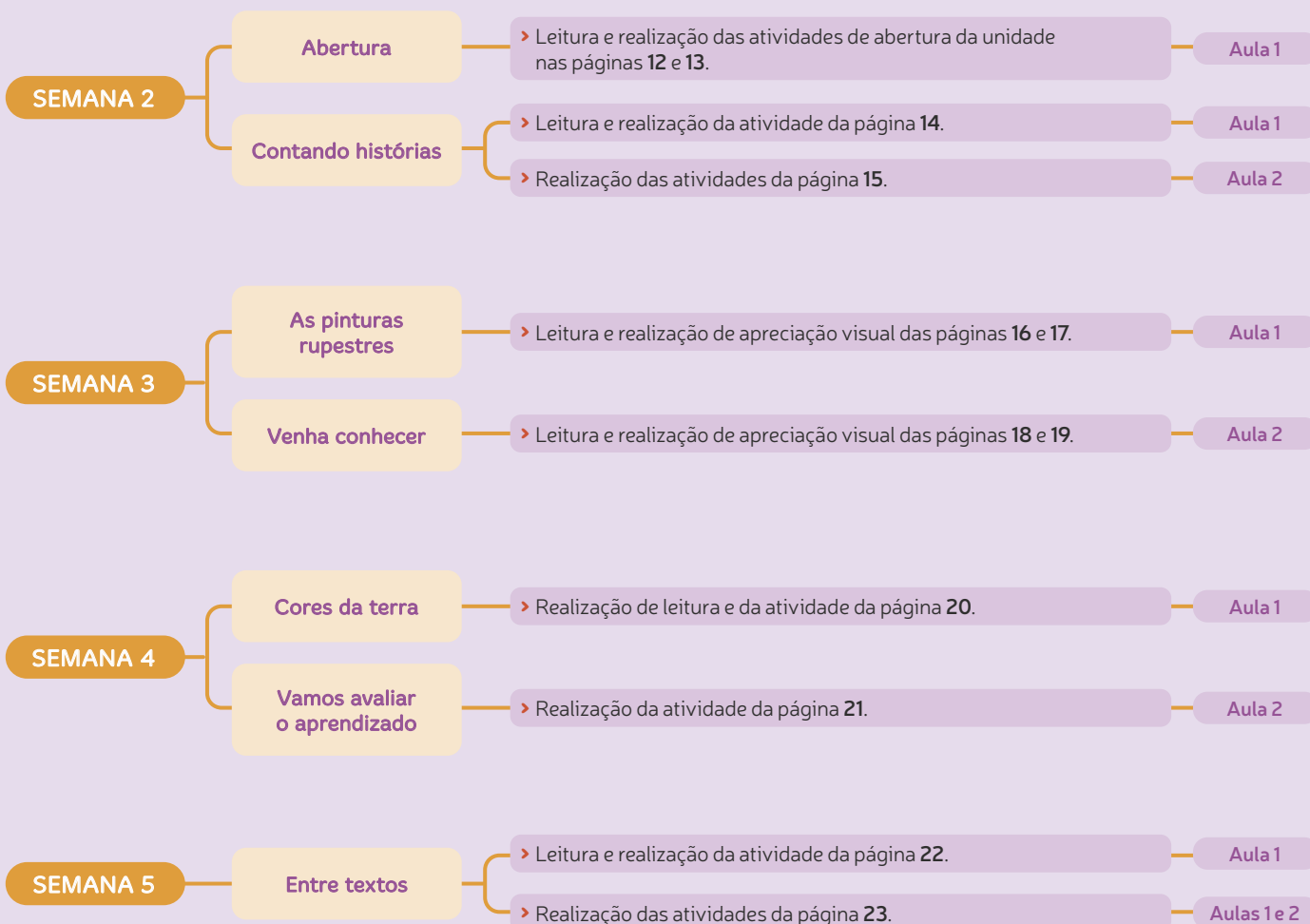
Este segundo volume apresenta diferentes leituras de mundo e formas de se contarem

histórias. Dentro desse conjunto de conteúdos que serão apresentados ao estudante, esta unidade objetiva discutir e problematizar o fato de que o ser humano, desde os primórdios de sua existência, procurou representar por meio de imagens – animais, pessoas, objetos, elementos da natureza, rituais, etc. – os contextos em que vive. Dessa forma, no decorrer da unidade são apresentadas diferentes pinturas rupestres. Nos momentos de leitura e apreciação, para além dos aspectos formais, o estudante é convidado a criar hipóteses e contar histórias com base nas imagens, usando as linguagens oral e corporal. Assim como esses primeiros homens e mulheres, que utilizaram materiais e instrumentos feitos com elementos da natureza, os estudantes serão convidados a produzir e experimentar tintas naturais, feitas com terra, bem como serão motivados a expressar as

impressões e percepções sobre si mesmos por meio da pintura, trabalhando, dessa forma com diferentes materialidades e temáticas para criação. Também terão contato com o conceito de sítio arqueológico, melhor compreendendo a importância de preservarmos registros antigos, pois eles nos trazem informações sobre seus produtores.

Na seção **Venha conhecer**, são apresentados diferentes locais, do Brasil e do mundo, que abrigam manifestações de pintura rupestre. Na seção **Entre textos**, os estudantes irão realizar a leitura e interpretação de um texto sobre o trabalho da grafiteira pernambucana lanah Maia, que utiliza geotintas para criar murais que celebram a natureza, provocando discussões sobre o uso sustentável de materiais em arte. Na sequência, os estudantes são convidados a se expressar utilizando as tintas naturais produzidas anteriormente.

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

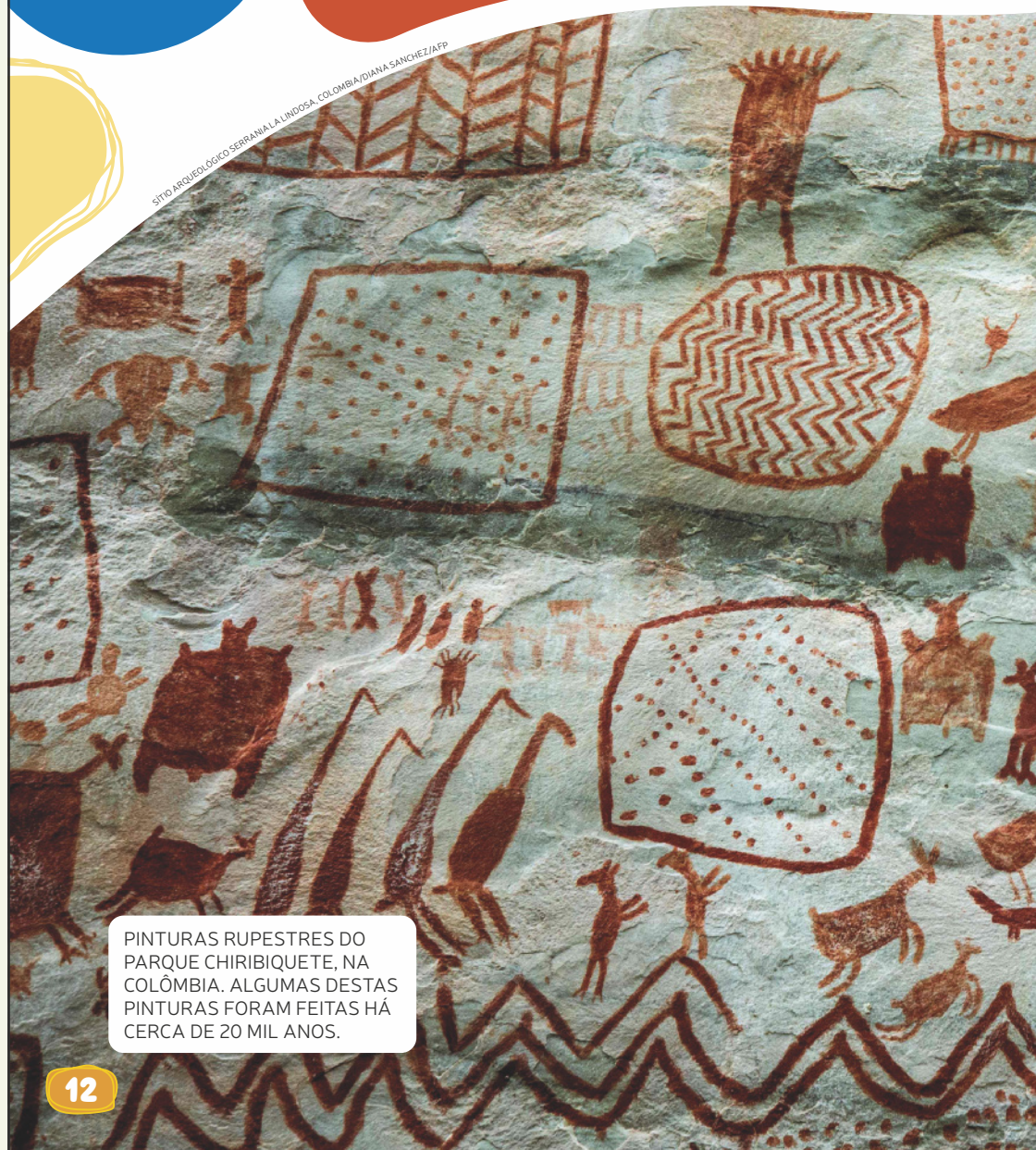
Para iniciar a unidade de forma lúdica e interessante aos estudantes, a imagem inicial pode ser abordada com base na contação de histórias ou outra estratégia de sua preferência. Uma sugestão é contar histórias a respeito da pré-história, realçando como as pessoas viviam naquela época. Convide os estudantes a se imaginarem entrando em uma caverna da pré-história. Descreva a sensação de entrar em uma caverna escura e fria, com corredores baixos e estreitos. Quando fica tudo muito escuro, vocês têm a ideia de ligar uma lanterna e de repente: uau!!! Inúmeras pinturas rupestres, representando pessoas, animais, danças, com cores variadas. São incríveis! Conseguem imaginar? Vocês estão descobrindo algo precioso, seus nomes irão entrar para a História!

Também é possível propor essa imersão inicial preparando e levando para a sala de aula imagens de pinturas rupestres de diferentes lugares do Brasil e do mundo, pontuando sua localização (cavernas, vales etc.) e organizando uma apresentação com apoio de imagens projetadas. Histórias sobre essas pinturas podem ser trazidas aos estudantes de forma lúdica.

UNIDADE

1

MAIS DO QUE MIL PALAVRAS



PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE CHIRIBIQUETE, NA COLÔMBIA. ALGUMAS DESTAS PINTURAS FORAM FEITAS HÁ CERCA DE 20 MIL ANOS.

12

- Como esta unidade trabalha com produções realizadas há milhares de anos, é interessante abordar de forma introdutória os conceitos de tempo, podendo inclusive brincar com a fala "há muuuuito tempo...", pois, nesta etapa do ensino, os estudantes ainda não distinguem os períodos (anos). Para aprofundar as noções de tempo, pergunte: se essas pinturas não têm data, como sabemos há quanto tempo foram feitas? Incite-os a responder com base em seus conhecimentos prévios. Acolha as hipóteses dos estudantes e comente-as, se necessário. Existem processos químicos que validam a datação dos materiais, por isso é possível saber a data aproximada.

BNCC

Esta unidade tem como objetivo apresentar e discutir a arte rupestre, sua importância artística, histórica e cultural, os materiais e instrumentos utilizados por seus produtores e as possíveis narrativas suscitadas por essas imagens. Pretende também oferecer aos estudantes momentos de criação com base em diferentes imagens e materiais. Ao ampliar o repertório imagético dos estudantes, por meio da produção artística em sociedades e tempos diversos, entendendo a arte como fenômeno social, histórico e cultural e ao valorizar a arte rupestre e suas diferentes visões de mundo, reconhecendo-a como patrimônio da humanidade, a unidade desenvolve as **Competências específicas de Arte 1 e 9**.

- A** ESTAS PINTURAS FORAM FEITAS SOBRE QUAL SUPERFÍCIE? COMO VOCÊ DESCOBRIU A RESPOSTA?
- B** QUE FIGURAS VOCÊ IDENTIFICA NESTA IMAGEM?
- C** PARA VOCÊ, O QUE ESTES DESENHOS PODEM REPRESENTAR?

B, C: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.

A: As pinturas foram feitas em superfícies rochosas do Parque Nacional Chiribiquete, na Colômbia.

- Para realizar a leitura da pintura que abre a unidade, o tamanho das imagens e a forma de estruturar o desenho e organizá-lo (composição) podem ser um ponto de atenção. Uma sugestão, para aprofundar a leitura, é destacar alguns elementos do conjunto da pintura e pedir que os estudantes os reproduzam em cartolinas, em tamanhos grandes, utilizando giz de cera ou canetas hidrográficas. Em seguida, oriente-os a recortar as imagens e a ordená-las na lousa, pregando-as com fita crepe. Assim, eles construirão uma nova narrativa. Pergunte: que figuras são essas? O que elas representam? O que está acontecendo na cena que vocês construíram? Como essas figuras se relacionam? São amigos? Fazem parte da mesma família? Estão em uma festa, dança, guerra, brincadeira?
- Se julgar necessário, esclareça-lhes que a arte rupestre era feita por meio de um processo complexo de pensamento e produção de imagens. As pinturas retratam cenas de caça, cerimônias, danças e cenas do cotidiano. Muitos estudiosos afirmam que essas pinturas eram feitas durante rituais.
- Antes de oferecer as respostas a seguir, escute atentamente as teorias e hipóteses dos estudantes, reconhecendo suas conquistas.



Orientações complementares

- A)** Em “Como você descobriu a resposta”, observe os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito da arte rupestre, buscando entender o caminho que percorreram para responder à questão.
- B)** Se você realizou a atividade proposta para aprofundar o processo de leitura da obra, é possível que os estudantes tenham levantado hipóteses sobre as figuras apresentadas na pintura. Uma sugestão é, novamente, isolar algumas figuras e explorar sua natureza, utilizando perguntas para conduzir a leitura: o que temos aqui? É um ser humano? Um objeto? Um animal? O que ele/ela está fazendo? Com o que se parece?
- C)** Para aprofundar a leitura, pergunte: o que essa imagem conta? O que ela representa para você? Para instigar ainda mais o debate, pergunte: quem será que fez essa pintura? Será que era um(a) Caçador(a)? Agricultor(a)? Tinha uma família? Era jovem ou velho(a)? Essas perguntas irão aguçar o imaginário dos estudantes e instigá-los a construir hipóteses sobre as pinturas.

- A atividade 1 objetiva a apreciação e leitura de imagem, enfatizando diferentes formas de se comunicar e diferentes sistemas simbólicos, de acordo com os respectivos contextos de produção.
- Comente com os estudantes que existem muitas formas de se comunicar. Por exemplo, uma pessoa muda se comunica usando a linguagem de sinais. Um bebê se comunica usando o choro, o riso, os gestos, os sons vocais e as expressões faciais. Uma das formas mais comuns de nos comunicarmos é por meio da escrita. Para aprofundar essa questão, pergunte: como vocês registram ou comunicam suas ideias? Acolha as respostas e enfatize a linguagem como forma de comunicação e suas diferentes aparições no mundo: jornais, revistas, livros, cartas, e-mails, poemas, histórias em quadrinhos etc.
- As imagens apresentam muitos elementos. Chame a atenção deles para a construção e agrupamento das figuras, as possíveis narrativas e a simplicidade das formas. Uma sugestão é construir coletivamente na lousa uma dos elementos apresentados em cada imagem. Organize a turma em três grupos. Solicite a cada estudante que observe atentamente uma das imagens e busque descrever as figuras representadas: o que elas são? Com o que se parecem?
- Para uma leitura das narrativas sugeridas, solicite que os estudantes observem as ações. Em seguida, pergunte: Será que os humanos pré-históricos estavam contando histórias por meio desses grafismos e pinturas? Em sua opinião, quais histórias poderiam ser? Indique os elementos da imagem que corroboram sua hipótese. Faça anotações das respostas dos estudantes em relação às possíveis narrativas suscitadas pela imagem. Essas anotações serão úteis para o desenvolvimento do item A da atividade 3, na página 15.

CONTANDO HISTÓRIAS

NA IMAGEM DE ABERTURA DESTA UNIDADE, VIMOS **GRAFISMOS** FEITOS EM UMA PAREDE DE PEDRA. ESSAS PINTURAS FEITAS NA ROCHA SÃO CONHECIDAS COMO **ARTE RUPESTRE**.

VOCÊ SABIA QUE ESSAS PINTURAS SÃO MUITO IMPORTANTES? POR MEIO DELAS, PODEMOS CONHECER OS COSTUMES DE PESSOAS QUE VIVERAM HÁ MUITOS ANOS, QUANDO AINDA NÃO EXISTIA A ESCRITA.

FANTÁSTICO, NÃO É? ISSO MOSTRA QUE NÓS CONTAMOS HISTÓRIAS HÁ MUITO TEMPO. E BOTA TEMPO NISSO: ALGUMAS DESSAS PINTURAS TÊM MAIS DE 40 MIL ANOS!

1 OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR.

A



● PINTURA RUPESTRE DA TOCA DO PARAGUAIO, NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, FEITA HÁ CERCA DE 40 MIL ANOS.

Resposta pessoal. Veja mais orientações no **Manual do professor**.

● **GRAFISMOS**: DESENHOS FORMADOS POR LINHAS E FORMAS QUE GERALMENTE SE REPETEM

14

BNCC

A página conceitua e contextualiza a pintura rupestre, apresentando aos estudantes outras formas de se fazer arte, ampliando o repertório imagético e, dessa forma, trabalhando a habilidade **EF15AR01**. Na atividade 2, os estudantes irão registrar suas impressões com base nas imagens apresentadas, trabalhando a habilidade **EF15AR04**. Dessa forma, os conteúdos e atividades desenvolvem as **Competências específicas de Arte 1 e 9**.

B



BHOJPUR, INDIA/ARUN SAMBHU MISHRA/SHUTTERSTOCK

● PINTURA RUPESTRE DOS ABRIGOS NA ROCHA DE BHIMBETKA, NA ÍNDIA, FEITA HÁ CERCA DE 30 MIL ANOS.

Resposta pessoal. Veja mais orientações no **Manual do professor**.

2 AGORA, REGISTRE NOS ESPAÇOS ABAIXO DAS IMAGENS O QUE VOCÊ PERCEBEU EM CADA UMA. PARA ISSO, UTILIZE LETRAS, PALAVRAS E GRAFISMOS. *Veja orientações no Manual do professor.*

3 VAMOS BRINCAR DE CONTAR HISTÓRIAS?

A) EM DUPLA, ESCOLHAM UMA IMAGEM DA ATIVIDADE 1.

B) COM ESSA IMAGEM, VOCÊS CRIARÃO UMA HISTÓRIA QUE SERÁ NARRADA E REPRESENTADA POR MEIO DE GESTOS E DA FALA. ESCOLHAM QUEM FARÁ A NARRAÇÃO E QUEM FARÁ A REPRESENTAÇÃO. LEMBREM-SE: ESTAMOS BRINCANDO DE CONTAR HISTÓRIAS. POR ISSO, DIVIRTAM-SE!

C) APÓS A REPRESENTAÇÃO, FAÇAM UM DESENHO DA NARRATIVA DE VOCÊS. INSPIREM-SE NA ARTE RUPESTRE E CONTEM HISTÓRIAS, UTILIZANDO IMAGENS OU SÍMBOLOS!

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.

15

BNCC E PNA

Na atividade 3, os estudantes realizarão processos criativos por meio de jogos teatrais. Assim, são trabalhadas as habilidades **EF15AR20**, pois as crianças irão atuar de forma colaborativa em improvisações, e **EF15AR21**, pois irão exercitar o faz de conta. Os estudantes também desenvolvem a habilidade **EF15AR23**, pois experimentarão relações processuais entre as linguagens artísticas. Ao trabalhar com imagens da arte, a atividade desenvolve a **Competência específica de Arte 1**.

A atividade 2 favorece o **desenvolvimento de vocabulário**, o **conhecimento alfabético** e a **produção escrita**. Verifique se os estudantes compreenderam como devem realizar a tarefa. Converse sobre o que pretendem usar para registrar as respostas: letras, palavras ou grafismos. Conforme a realidade da sua turma, analise a necessidade de realizar a atividade coletivamente.

- ▶ Na atividade 2, torne a enfatizar os sistemas simbólicos de representação. Incentive os estudantes a criar registros relacionados às imagens apresentadas.
- ▶ Para auxiliar o desenvolvimento do item **A** da atividade 3, retome suas anotações sobre a atividade 1 da página 14.
- ▶ Para iniciar o item **B**, você pode utilizar o recurso do exemplo prático, escolhendo alguém da turma para ser a sua dupla. Nesse caso, você será responsável pela narração improvisada e o estudante pela interpretação, durante a qual ele recorrerá a sons e expressões corporais. Realize a leitura das imagens, narrando uma situação que julga estar contida ali. À medida que escuta a narração, o estudante deve representar com o corpo os eventos narrados.
- ▶ Se ainda houver dúvidas, abra um espaço para saná-las. Em seguida, convide os estudantes a realizar a prática. Esse processo pode ampliar o repertório de interpretação e pesquisa ficcional.
- ▶ Faça anotações em relação ao desempenho dos estudantes no item **B**. Essas anotações podem ser retomadas ao final da unidade, no processo de avaliação.
- ▶ No item **C**, oriente os estudantes a realizar um desenho baseado nas experiências de interpretação e na história narrada. Outra sugestão é trabalhar com uma sequência de imagens, semelhante a uma história em quadrinhos, criando quatro quadros e desenhos para cada um deles, de acordo com a narrativa.

AVALIANDO

Objetivo

- ▶ Avaliar se os estudantes relacionam uma imagem a uma narrativa, bem como uma narrativa à linguagem corporal.

Sugestão de intervenção

Durante a prática, atenha-se ao envolvimento das crianças em imaginar histórias e representá-las. Verifique se são colaborativos com os colegas. Para aprofundar a atividade, faça o caminho inverso: dramatize uma pequena cena e solicite que narrem o que foi representado. Por fim, peça que criem individualmente uma imagem para essa história. Essa atividade auxilia a compreensão das relações processuais entre as linguagens.

► Chame a atenção das crianças para o trabalho do arqueólogo, profissional que encontra, identifica e analisa objetos e registros do passado. Pergunte se já presenciaram o trabalho de um arqueólogo na TV, em algum programa ou filme. Peça que compartilhem seus conhecimentos.

Referências complementares

► CANTON, Katia. **Narrativas enviadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Nesse livro, você irá encontrar um panorama de diferentes narrativas que se estabelecem na arte, da modernidade à pós-modernidade. O livro inclui entrevistas com artistas contemporâneos brasileiros.

AS PINTURAS RUPESTRES

HÁ MILHARES DE ANOS, QUANDO AINDA NÃO HAVIA PINCEL NEM TINTA PARA COMPRAR, COMO AS PESSOAS FAZIAM PARA PINTAR?

RECONSTRUÇÃO DE
COMO SERIAM
FEITAS AS
PINTURAS
RUPESTRES NA
PRÉ-HISTÓRIA.

AS TINTAS ERAM FEITAS
COM DIVERSOS
ELEMENTOS NATURAIS,
COMO TERRA, CARVÃO E
ATÉ SANGUE DE ANIMAIS!

REPRESENTAÇÃO
ARTÍSTICA BASEADA
EM ESTUDOS
HISTÓRICOS. FONTE:
GOSDEN, CHRIS. **PRÉ-
HISTÓRIA**. SÃO PAULO:
LP&M, 2010.



16

AVALIANDO

Objetivo

► Avaliar o processo de leitura de imagem e os registros criados pelos estudantes.

Sugestão de intervenção

Verifique os seguintes pontos: as crianças reconhecem as pinturas rupestres como um registro criado por povos ancestrais? Percebem diferenças entre os grafismos? Percebem ações nas imagens e criam hipóteses com base nelas (por exemplo: estão dançando, caçando, usando o arco e a flecha etc.?). Compreendem o que é grafismo? Conseguem registrar o que perceberam na leitura das imagens, utilizando as formas de comunicação propostas: letras, palavras, grafismos? Para avaliar esses pontos, proponha uma roda de conversa com a turma para que possam compartilhar suas percepções, suas hipóteses, suas dúvidas.

● **PALETAS:**
SUPPORTES PARA COLOCAR AS
TINTAS USADAS NAS PINTURAS

PEDRAS E OSSOS PLANOS
SERVIAM COMO **PALETAS**.

OS PINCÉIS ERAM FEITOS COM GRAVETOS E
PELOS DE ANIMAIS. OS ARTISTAS DAQUELA
ÉPOCA TAMBÉM UTILIZAVAM OS DEDOS
PARA PINTAR.

17

- Leve para a sala de aula alguns pincéis, uma paleta e tintas (guache, a óleo, acrílica ou aquarela). Mostre-os aos estudantes. Peça que os comparem com os instrumentos e materiais de pintura apresentados nas imagens. Pergunte o que os diferencia. Comente que, no tempo das pinturas rupestres, não havia processos industriais de produção. Por esse motivo, os seres humanos adaptavam os elementos da natureza às suas necessidades básicas – entre elas, a de expressar suas ideias e crenças por meio de imagens.
- Convide os estudantes a experimentar a realização de uma pintura utilizando os dedos no lugar do pincel. Distribua folhas de papel sulfite e disponibilize tinta guache. Após essa experiência, distribua pincéis e solicite que novamente realizem uma pintura. Peça que comparem as duas experiências e compartilhem com os colegas como foi utilizar os dedos para pintar. Em seguida, peça que imaginem os humanos pré-históricos pintando nas paredes. Para tanto, incentive-os a prestar atenção outra vez às imagens das páginas 16 e 17. Para aprofundar a dimensão da reflexão sobre arte e seus processos, pergunte: terá sido fácil ou difícil realizar tais pinturas sem pincéis?
- Comente que, na pré-história, homens e mulheres deixavam registros de suas identidades nas paredes das cavernas. Essas pessoas colocavam as mãos contra a parede e sopravam pó colorido nelas, deixando o formato delas registrado para a posteridade. Esses registros sobreviveram até os dias de hoje. Cole uma folha grande de papel *kraft* em uma das paredes da sala de aula e peça todos os estudantes que registrem suas mãos nesse papel. Eles podem passar tinta e “carimbar” ou contornar a mão com canetão preto.

BNCC

Nesta página, os estudantes entrarão em contato com materiais e instrumentos rudimentares, percebendo o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas e dos instrumentos ao longo dos anos. Ao discutir essas questões e experimentar alguns desses recursos, eles irão trabalhar a habilidade **EF15AR04**.

- É possível dialogar com a unidade 4 do volume 1, que trata de pigmentos naturais, pois essas pinturas foram feitas com pigmentos oriundos de elementos naturais, como argilas, vegetais, pedras, sangue e ossos carbonizados, sobre rochas. Chame a atenção dos estudantes para o fato de os humanos pré-históricos perceberem a necessidade de usar aglutinante para dar estrutura ao pigmento. Para tanto, passaram a usar gordura animal, resina vegetal e cera.

➤ Solicite aos estudantes que observem atentamente cada imagem e descrevam as figuras apresentadas. Para aprofundar o processo de leitura e apreciação, faça algumas perguntas: Que tipo de figuras estão representadas nessas paredes (pessoas, animais, plantas, objetos)? É possível identificar histórias nessas imagens? Que histórias são essas?

➤ Se achar pertinente, escolha uma ou duas imagens e aprofunde a leitura por meio das seguintes questões: O que você vê? Descreva todos os elementos dessa pintura. Como esses elementos estão organizados? O que está acontecendo nesta cena? Que cores foram usadas?

➤ Uma investigação acerca dos materiais e instrumentos utilizados por esses ancestrais pré-históricos pode ser realizada levantando-se hipóteses sobre os meios de produção, com base nas informações trazidas na página 17. Solicite que os estudantes justifiquem suas hipóteses.

Em um site de busca de vídeos da sua preferência procure por "Parque da Serra da Capivara um tesouro arqueológico". Selecione um vídeo da lista, sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara. Compartilhe com a turma e reflitam sobre a exuberância natural e cultural do parque. Converse com eles sobre a importância de preservarmos o patrimônio histórico, artístico, natural e cultural do nosso país.



VENHA CONHECER

A DIVERSIDADE DA ARTE RUPESTRE

AS PINTURAS RUPESTRES DE DIFERENTES ÉPOCAS ESTÃO PRESERVADAS EM VÁRIOS LUGARES DO MUNDO. VAMOS CONHECER ALGUNS DELES?



PARQUE NACIONAL DE CANYONLANDS, UTAH, EUA / ABBE VANNOCK-MATTHEWS/SHUTTERSTOCK.COM

● PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL DE CANYONLANDS, EM UTAH, ESTADOS UNIDOS.

EM UTAH, NOS **ESTADOS UNIDOS**, HÁ PAINÉIS COM PINTURAS DE ATÉ 4 MIL ANOS. AS IMAGENS HUMANAS TÊM TAMANHO DE UMA PESSOA DE VERDADE!



CAVERNA DE SAN BORJITA, MÉXICO / ANDREA TIZZI/UTAL ARTISTO/ARNA

● PINTURAS RUPESTRES NA CAVERNA DE SAN BORJITA, NO MÉXICO.

NO **MÉXICO**, A PINTURA MAIS ANTIGA TEM QUASE 8 MIL ANOS. NELA, APARECEM IMAGENS VARIADAS, ÀS VEZES FEITAS EM CORES ALTERNADAS.



PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ / DANIELA KRONBERGER/SHUTTERSTOCK.COM

● PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, NO PIAUÍ.

UM DOS PRINCIPAIS CONJUNTOS DE ARTE RUPESTRE DO MUNDO FICA NO **BRASIL**, NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA! ESSAS PINTURAS MOSTRAM SERES HUMANOS REALIZANDO DIVERSAS ATIVIDADES E TAMBÉM ANIMAIS E FIGURAS GEOMÉTRICAS.

18

BNCC

Na seção **Venha conhecer**, serão apresentados diferentes sítios arqueológicos, locais e delimitações que abrigam manifestações de pintura rupestre. Dessa forma, as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR07** e **EF15AR25** serão trabalhadas bem como desenvolvidas as **Competências específicas de Arte 1 e 9**.

Referências complementares

- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Trad. Álvaro Cabral. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. Entre as páginas 39 e 53, o autor discorre sobre a arte produzida por povos pré-históricos e primitivos, suas características estéticas e seu caráter utilitário e mágico.
- KOK, Glória. **Memórias do Brasil**: uma viagem pelo patrimônio, artístico, histórico, cultural e ambiental. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. Esse livro aborda vários tipos de patrimônio nacional, inclusive os sítios arqueológicos brasileiros, com informações e imagens de registros rupestres.
- **Fundação Museu do Homem Americano**. Disponível em: <http://fundham.org.br/>. Acesso em: 16 jun. 2021. Essa fundação foi criada para garantir a preservação do patrimônio cultural do Parque Nacional da Serra da Capivara. O site reúne diversas informações sobre esse parque, que abriga registros rupestres. O portal também apresenta informações sobre os Museus da Natureza e do Homem Americano.



KALIMANTAN, INDONESIA/NATIONAL
CENTRE FOR ARCHAEOLOGY/
ANADOLU AGENCY/AFP



TAD DARTACACUS.LÍBIA/PATRICK
POEND L/SHUTTERSTOCK.COM



ALGUMAS PINTURAS DA CAVERNA DE CHAUVET, NA **FRANÇA**, FORAM FEITAS HÁ 40 MIL ANOS. ELAS SÃO MUITO ELABORADAS E DEMONSTRAM GRANDE DOMÍNIO TÉCNICO DOS ARTISTAS DA ÉPOCA.

NO DESERTO DO SAARA, NA ÁFRICA, EXISTEM PINTURAS FEITAS HÁ CERCA DE 5 MIL ANOS, NA ÉPOCA EM QUE OS PASTORES DA REGIÃO COMEÇARAM A CRIAR BOIS E VACAS.

ALÉM DE PINTURAS, OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PODEM
CONTER VESTÍGIOS DE FERRAMENTAS E ATÉ MESMO DE
OSSADAS, COM MILHARES DE ANOS!

19

- Prepare os estudantes para esta atividade solicitando antecipadamente que pesquisem diferentes cores de terra no ambiente escolar, familiar ou comunitário (casa de parentes, amigos, em uma praça etc.). Eles devem pegar amostras de terra e guardá-las em potes limpos e secos.
- Para que a tinta fique mais homogênea, sem pedras, peneire a terra antes de fazer as misturas.
- Em geral, as tintas são feitas com base em um pigmento natural, que lhes dá cor, e também em outra matéria-prima que une e dá liga à tinta, o aglutinante. Existem diferentes aglutinantes, entre eles a cola, que será usada como aglutinante nesta atividade, além de óleo e ovo. A água pode ser utilizada como solvente e é bastante empregada quando se usa aquarela, guache e acrílica.

Referências complementares

- Cores da Terra:** pintando o Brasil. Org. Anôr Fiorini de Carvalho, Fernando de Paula Cardoso e Rachel Quandt Dias. Viçosa, MG: Gráfica e Editora GSA, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/1944/1/BRT-coresdaterra-rachel.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

A brochura reúne informações sobre pintura rupestre, geotintas, receitas de tintas feitas com terra e esclarecimentos sobre a aplicação dessas tintas na construção de casas. Além disso, apresentam-se dados relativos à produção de tintas naturais de origem mineral.

CORES DA TERRA

AS PINTURAS RUPESTRES, COMO VIMOS, ERAM FEITAS COM PIGMENTOS NATURAIS.

VOCÊ SABIA QUE É POSSÍVEL FAZER A MESMA COISA HOJE EM DIA, UTILIZANDO DIFERENTES TIPOS DE SOLO?



● DIFERENTES TIPOS DE SOLO.

1 ENTÃO, VAMOS PRODUZIR TINTAS COM CORES DE TERRA!

- RECOLHA PORÇÕES DE TERRA, PELO MENOS DE DUAS CORES DIFERENTES.
- SIGA A RECEITA PARA OBTER SUA MISTURA.



● DUAS COLHERES DE TERRA



● DUAS COLHERES DE ÁGUA



● UMA COLHER DE COLA

EM UMA VASILHA, JUNTE A TERRA E A ÁGUA. MISTURE-AS BEM. ACRESCENTE A COLA E MEXA MAIS UM POUCO. ESTÁ PRONTA SUA TINTA! GUARDE-A EM UM POTE FECHADO E MÃOS À OBRA!

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.

PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL

MUITAS PESSOAS PINTAM SUAS CASAS COM TINTAS DESSE TIPO, TAMBÉM CONHECIDAS COMO **GEOTINTAS**. ALÉM DE MUITO MAIS BARATAS, ELAS NÃO DEIXAM RESÍDUOS QUÍMICOS NO MEIO AMBIENTE, AO CONTRÁRIO DAS TINTAS INDUSTRIALIZADAS.

A NATUREZA AGRADECE!



● PINTURA DE PAREDE COM GEOTINTA.

20

BNCC E PNA

Na atividade 1, os estudantes irão experimentar a produção de tintas naturais utilizando diferentes tipos de terras, com cores variadas. Assim, trabalham-se as habilidades **EF15AR02**, **EF15AR04**, e também o Tema contemporâneo transversal **Educação ambiental**.

Para produzir tintas com cores de terra, os estudantes deverão seguir as instruções apresentadas no texto. Essa é uma boa oportunidade explorar os componentes **fluência em leitura oral**, **desenvolvimento de vocabulário**, **compreensão de textos**, e habilidades de **numeração** relacionadas ao item B.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar a produção de tinta pelos estudantes.

Sugestão de intervenção

Durante a prática, observe se os estudantes entenderam que, para produzir tinta, é preciso unir o pigmento (nesse caso, a terra) a uma base que confere liga à mistura, o aglutinante (nesse caso, a cola). Verifique se percebem que a mistura se torna mais fluida com a mistura de água. Observe se conseguiram realizar a receita com base nas indicações de quantidades, se percebem as diferenças entre tintas naturais e industrializadas e se estão atentos aos impactos das tintas industrializadas para o meio ambiente. Por fim, peça que experimentem a tinta produzida sobre alguma base de papel. Os estudantes podem experimentar a tinta feita com base nas quantidades propostas ou com um pouco mais de água, para ficar menos densa.

VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. PARA DESVENDAR AS PISTAS A SEGUIR, PREENCHA O DIAGRAMA COM A PRIMEIRA LETRA DE CADA IMAGEM.

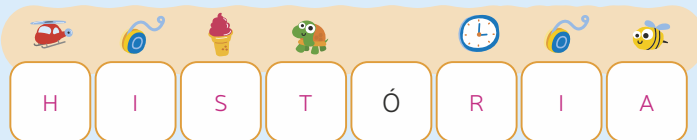
A ARTE FEITA EM ROCHAS, EM VÁRIAS PARTES DO MUNDO E EM DIFERENTES ÉPOCAS, QUANDO AINDA NÃO EXISTIA A ESCRITA. *Veja mais orientações no Manual do professor.*



B NA PINTURA RUPESTRE, ESSE MATERIAL ERA FEITO COM SANGUE DE ANIMAIS, CARVÃO E TERRA.



C EM UMA ÉPOCA EM QUE AINDA NÃO EXISTIA A ESCRITA, UMA PINTURA RUPESTRE PODIA NARRAR UMA...



D ESCOLHA UMA DAS PALAVRAS QUE VOCÊ FORMOU E CONTE O QUE APRENDEU SOBRE ELA PARA **UM COLEGA OU FAMILIAR**. EM SEGUIDA, COM ESSA PESSOA, VOCÊ PODE CRIAR UM DESENHO QUE REPRESENTA O QUE APRENDEU. VOCÊ PODE TAMBÉM CRIAR E CONTAR UMA HISTÓRIA.

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.

21

VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Avaliar a aprendizagem dos estudantes retomando os conteúdos por meio de palavras-chaves dos assuntos trabalhados na unidade.

Sugestão de intervenção

Antes de utilizar os símbolos para desvendar as palavras-chaves, avalie se os estudantes são capazes de encontrar as respostas corretas aos itens **A**, **B** e **C**, orientados pelas informações do livro. Caso encontrem dificuldade, dê outras pistas, retomando os assuntos que foram trabalhados em sala de aula.

Proponha que encontrem as palavras-chaves escrevendo as primeiras letras das palavras correspondentes às imagens apresentadas. Depois que tiverem completado a charada, solicite que alguns estudantes se voluntariem para escrever essas palavras na lousa (relógio, uva, peixe, elefante, sorvete e assim por diante). Outra possível intervenção, depois que todas as palavras estiverem na lousa, é colocá-las em ordem alfabética. Para tanto, mostre um alfabeto impresso ou escreva-o na lousa. Auxilie-os a colocar todas essas palavras em ordem alfabética, enfatizando a ordem das letras no alfabeto.

No item **D**, incentive a partilha de suas descobertas com colegas ou familiares. Os estudantes que criarem desenhos ou histórias com base na palavra escolhida podem ser convidados a compartilhar suas criações com toda a turma. Nesse momento, motive-os a falar sobre suas descobertas, percepções, dificuldades e aquilo que foi mais prazeroso.

Referências complementares

► PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. São Paulo: SENAC, 2009.

O livro discorre sobre a teoria das cores e suas possibilidades de aplicação na pintura. Além disso, apresenta um estudo completo sobre a importância da cor e seus fenômenos interferentes na visão.

PNA

As questões **A**, **B** e **C** abarcam os componentes **desenvolvimento de vocabulário**, **consciência fonológica e fonêmica**, **conhecimento alfabético**, **produção escrita** e **fluência em leitura oral**.

OBJETIVOS

- Retirar informações explícitas do texto e fazer inferências diretas para realizar as atividades.
- Realizar uma proposta prática de pintura com as tintas produzidas anteriormente.

Antes de iniciar as atividades, oriente os estudantes a fazer uma leitura individual do texto. Em seguida, proponha uma leitura coletiva. A interpretação do texto também pode extrapolar a leitura e abrir espaço para discussões paralelas, abrangendo outros sistemas de comunicação que usam paredes como suporte, como o grafite e a pintura mural. Explique que pinturas em muros e paredes foram realizadas em diferentes períodos históricos. Alguns povos da Antiguidade, por exemplo, gregos, romanos e egípcios, utilizavam pinturas parietais. Uma das técnicas utilizadas para realizar essas histórias narradas por imagens era o afresco (pintura sobre uma base de gesso ou cal fresca, ainda úmida), técnica muito utilizada também por artistas do Renascimento italiano. Mais tarde, no século XX, os pintores do movimento muralista mexicano criaram pinturas em locais públicos como forma de comunicação com a massa da população, em sua grande maioria, analfabeta.

Esta seção objetiva contemplar o Tema contemporâneo transversal **Educação ambiental**, na medida em que promove uma reflexão sobre a importância do uso de materiais feitos com base em processos naturais, os quais não poluem ou deixam resíduos químicos no meio ambiente. Dessa forma, os estudantes são incentivados a utilizar geotintas em vez de tintas industrializadas. Problematicar questões sociais e ambientes, bem como tornar os estudantes conscientes e responsáveis por suas escolhas de consumo, recorrendo tanto à leitura e interpretação de texto quanto a uma atividade em que colocarão seus conhecimentos em prática, propicia o desenvolvimento da **Competência específica de Arte 7**. Ao propor a experimentação prática, fazendo uso sustentável de materiais, a seção trabalha a habilidade **EF15AR04**.

ENTRE TEXTOS

LEIA A SEGUIR O TRECHO DE UMA **MATÉRIA JORNALÍSTICA** SOBRE A ARTISTA VISUAL IANAH MAIA.



IANAH MAIA.

PERNAMBUCANA, ELA CRIA **MURAI**S QUE CELEBRAM A NATUREZA USANDO APENAS GEOTINTAS, COM PIGMENTOS FEITOS DE **TERRA**.

[...] COM ISSO, A ARTE URBANA DE IANAH É FEITA DE FORMA MAIS RESPONSÁVEL E, AO MESMO TEMPO, VALORIZA AS CORES DE CADA TERRITÓRIO.

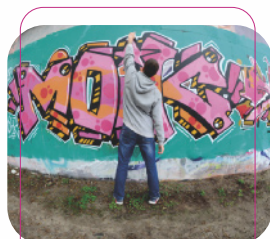
GRAFITEIRA PERNAMBUCANA USA TINTAS DE TERRA PARA CRIAR MURAI S QUE CELEBRAM A NATUREZA. DISPONÍVEL EM: <https://www.hypeness.com.br/2019/11/grafiteira-pernambucana-usa-tintas-de-terra-para-criar-murais-que-celebram-a-natureza/>. ACESSO EM: 8 ABR. 2021

EXPLORANDO O TEXTO

1. EM QUAL SUPORTE A ARTISTA PINTA? CONTORNE ESSE SUPORTE.



EM UMA TELA.



NAS PAREDES.



NO COMPUTADOR.

2. QUAL ELEMENTO ELA UTILIZA PARA CRIAR SUAS TINTAS NATURAIS? NO TEXTO LIDO ANTERIORMENTE, CONTORNE ESSA PALAVRA. **Terra. Veja orientações no Manual do professor.**

● **MURAI**S: NA ARTE, SÃO PINTURAS FEITAS NA PAREDE

22

EXPLORANDO O TEXTO

Orientações complementares

- Casos os estudantes encontrem dificuldade, explique o termo “murais”, para que façam a relação e cheguem à resposta correta.
- Se necessário, releia o texto, para que possam encontrar a resposta à pergunta.
- Após acolher as respostas dos estudantes, trace um paralelo entre a tinta grafite tradicional (tinta em spray, geralmente acrílica ou látex) e a geotinta, comparando os impactos ao meio ambiente em ambos os casos. Prepare e leve para a sala de aula imagens de obras de outros artistas que possuem uma postura responsável em relação ao meio ambiente, seja por utilizarem materiais sustentáveis, como é o caso do artista polonês naturalizado brasileiro Frans Krajcberg, seja por abordarem a questão em suas obras, como é o caso do artista Eduardo Srur. Pergunte de que forma esses artistas contribuem para um mundo mais sustentável. Outra sugestão é convidar os estudantes a criar uma “escultura ambiental”, utilizando apenas elementos encontrados na natureza, sem a intervenção do homem, como pedras, cipós, galhos, folhas, barro etc.

3. O TEXTO AFIRMA QUE A ARTE DE IANAH MAIA É FEITA DE FORMA RESPONSÁVEL. VOCÊ CONCORDA COM ESSA AFIRMAÇÃO? POR QUÊ? *Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

ALÉM DO TEXTO

Orientações complementares

- 1.a) Prepare a sala para esta atividade. Se necessário, solicite aos estudantes que vistam uma camiseta velha. Separe todos os materiais que serão utilizados, distribua-os e organize-os de forma a facilitar o acesso dos estudantes. As folhas devem ser presas à parede (com fita adesiva, por exemplo), para que o estudante vivencie uma forma de "pintura mural ou rupestre".
- b) Crie uma conexão da atividade com o que foi vivenciado no decorrer da unidade. Em seguida, faça uma proposta lúdica aos estudantes: "os ancestrais pré-históricos deixaram registradas nas paredes das cavernas imagens que nos contam histórias sobre como viviam e em que acreditavam. O que você gostaria de contar a seu respeito para as pessoas no futuro?" Os estudantes podem registrar por meio da pintura seus passatempos e esportes favoritos, desenhar o retrato de amigos ou membros da família, fazer um autorretrato etc.
- c) Motive todos a participar. Pintar na parede convida o corpo a se relacionar com a pintura por uma outra perspectiva, diferente de se pintar em uma mesa ou no chão, pois pode envolver todo o corpo. A relação com a visualidade também é diferente. Quando pintamos em pé, fazemos o movimento de nos aproximar e afastar para observar a pintura sob diferentes ângulos.

ALÉM DO TEXTO

1. A ARTISTA IANAH MAIA INOVOU AO TRAZER AS GEOTINTAS PARA AS PINTURAS DE SEUS MURAI. ASSIM, ELA CONTRIBUI PARA A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

AGORA, SERÁ A SUA VEZ DE EXPERIMENTAR COMO É PINTAR COM ESTA TINTA. *1. Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

VAMOS FAZER UMA PRODUÇÃO COM AS TINTAS QUE VOCÊ E SUA TURMA PRODUZIRAM NA ATIVIDADE DA PÁGINA 16.

A) VOCÊ VAI PRECISAR DE:



B) ANTES DE INICIAR, PENSE: O QUE VOCÊ PODERIA PINTAR QUE CONTARIA UM POUCO A SEU RESPEITO?

C) FIXE SUA FOLHA NA PAREDE, SOLTE A IMAGINAÇÃO E PINTA À VONTADE COM SUA GEOTINTA!



Nesta unidade, os estudantes entraram em contato com pinturas, realizadas sobre rochas há milhares de anos, ampliando o repertório imagético e de possibilidades de criação em arte. Foram convidados a refletir sobre a importância desses registros e de sua preservação, a fim de conhecer como viviam e em que acreditavam os seres humanos pré-históricos. Realizaram leituras, criando hipóteses sobre as narrativas suscitadas pelas imagens; criaram e interpretaram histórias com base nas imagens; produziram tintas naturais; e experienciaram esse material por meio da criação artística. Por fim, finalizaram a unidade com uma leitura e interpretação de texto, refletindo sobre sustentabilidade nas Artes visuais, criando um registro sobre si mesmos. Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Para concluir a unidade, sugerimos que você realize uma avaliação individual sobre o percurso de aprendizagens da unidade. Retome as anotações realizadas em sala para ajudá-lo nesse processo. Há algum conteúdo que precise ser revisto, reforçado? O que descobriram até aqui? Uma sugestão é organizar uma exposição com as produções realizadas, agrupando os trabalhos por estudante, para facilitar o processo de avaliação. Para que essa proposta seja realizada, incentive os estudantes a auxiliarem-no na montagem, separando e organizando os trabalhos.

Dando continuidade a esse processo, verifique se foram alcançados os objetivos da página.

Objetivo: Reconhecer a pintura rupestre como forma de arte, registro e narrativa.

- › Reconheceram a arte rupestre como importante registro histórico e patrimônio cultural?
- › Identificaram suas características?

Objetivo: Explorar a construção narrativa na relação com a imagem.

- › Criaram narrativas com base nas imagens apresentadas?
- › Criaram improvisações, explorando diferentes elementos da linguagem teatral (entonações vocais, gestos, movimentos etc.) para contar essas narrativas?

Objetivo: Apreciar diferentes produções de arte rupestre, identificando suas características pictóricas e ampliando o repertório imagético.

- › Formularam hipóteses com base nas imagens rupestres?
- › Identificaram que essas pinturas foram feitas em um tempo muito longínquo?

Objetivo: Experimentar a pintura fazendo uso de pigmentos naturais, bem como observando as características e resultados das tintas.

- › Produziram tintas com base nas instruções dadas em sala de aula?
- › Exploraram a produção de tintas e a prática da pintura ao longo da unidade?
- › Diferenciaram os elementos constitutivos da tinta: pigmento, aglutinante e solvente?
- › Compreenderam as diferenças entre as tintas naturais e as industriais?

É esperado que, ao final da unidade, os estudantes tenham uma vivência com a arte rupestre pela narrativa, bem como pela construção visual e experimentação pictórica na produção de tintas. Sistematize as aprendizagens desenvolvidas nesta unidade. Se possível, monte um portfólio com fotografias dos processos desenvolvidos em sala de aula, pinturas realizadas individual e coletivamente, anotações das principais aprendizagens e pontos de interesse. Com o portfólio finalizado, entregue-o aos estudantes e, em uma roda de conversa, peça que cada um compartilhe seu percurso de aprendizagens, utilizando como base as fotografias. Oriente-os na realização de uma autoavaliação. Lembre-se sempre de documentar os processos e de guardar essa documentação para uma possível retomada em momentos futuros.

Objetivos da unidade

- Promover uma apreciação sensível diante das matrizes artísticas e culturais indígenas, aprofundando conhecimentos rítmicos e corporais com base no fazer dos povos originários;
- Desenvolver a capacidade de reconhecer a diversidade dos povos como um valor a ser cuidado com respeito;
- Estabelecer conversas e práticas para se aprender, bem como propiciar a convivência respeitosa e colaborativa.

Nesta unidade, com base na apresentação de brinquedos, brincadeiras e instrumentos musicais de alguns povos indígenas, vamos conhecer e experimentar o pulso e o

ritmo, que são elementos importantes para as linguagens da Dança e da Música.

Por meio de diferentes práticas, serão trabalhadas, em Música, habilidades relacionadas aos elementos de linguagem, às materialidades e a processos de criação. Já em Dança, por meio das brincadeiras e habilidades corporais aí presentes, trabalharemos aspectos que concernem aos contextos e práticas, bem como aos elementos da linguagem relacionados à expressão do corpo. Iremos experimentar diferentes ritmos, fabricar instrumentos, ouvir músicas de outros povos, criar coreografias, fabricar brinquedos, experimentar brincadeiras diversas e treinar, com isso, diferentes habilidades rítmicas e corporais.

Vamos, ainda, abordar a ideia de ancestralidade e de como os conhecimentos são transmitidos de geração em geração. Ao verem como a transmissão de tradições ocorre en-

tre os povos originários, os estudantes poderão refletir como isso ocorre no seu próprio contexto, reconhecendo suas próprias referências de transmissão, costumes e aprendizados que são passados de pais para filhos.

Ao conhecer culturas diferentes da sua e se reconhecer como integrante de um grupo com características próprias, o estudante poderá aprender maneiras novas de viver e se relacionar. Além disso, terá a possibilidade de identificar o que ele mesmo pode ensinar sobre o que vive cotidianamente.

Os estudantes entrarão em contato com matrizes artísticas e culturais das etnias Enawenê-nawê, Kalapalo, Xavante e Munduruku. Com relação aos costumes dessa última, na seção **Entre textos** as crianças poderão fazer uma leitura do escritor Daniel Munduruku, que produz predominantemente literatura infantojuvenil com o intuito de divulgar e valorizar as tradições indígenas.

PROPOSTA DE ROTEIRO

SEMANA 6	Abertura	➤ Leitura e realização das atividades de abertura da unidade nas páginas 24 e 25.	Aula 1
	Pulsando juntos	➤ Leitura e realização das atividades da página 26.	Aulas 1 e 2
SEMANA 7	Contexto em destaque	➤ Leitura e realização da atividade da página 27.	Aula 1
	Instrumentos dos povos indígenas	➤ Leitura e realização da atividade da página 28.	Aulas 1 e 2
SEMANA 8	Tocando juntos e seguindo o pulso	➤ Leitura e realização das atividades da página 29.	Aula 1
	Quem quer brincar?	➤ Leitura e realização das atividades da página 30.	Aula 2
SEMANA 9	Aprender brincando	➤ Leitura e realização da atividade da página 31.	Aula 1
		➤ Realização das atividades da página 32.	Aula 2
SEMANA 10	Você me ensina	➤ Leitura e realização da atividade da página 33.	Aula 1
		➤ Realização da atividade da página 34.	Aula 2
	Vamos avaliar o aprendizado	➤ Finalização da atividade da página 34.	Aula 2
SEMANA 11	Coletivamente	➤ Realização das atividades da página 35.	Aula 2
		➤ Leitura da página 36.	Aula 1
		➤ Realização das atividades da página 37.	Aula 2

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Nós iremos trabalhar, nesta unidade, o tema do pulso na Música e na Dança. Para começar, você pode apresentar aos estudantes diferentes imagens que mostrem pessoas pulsando juntas como, por exemplo, cantos de trabalho, rodas de Capoeira, Samba de roda do Recôncavo Baiano, guardas de Moçambique e outras manifestações. Utilizando esses nomes como chaves de busca na internet, você consegue encontrar muitos vídeos ou fotografias. Priorize aqueles provenientes de cultores ou mestres da cultura popular.

Com base nessas apresentações, é possível abordar as noções de pulso e de ritmo recorrendo a questões como: o que essas pessoas estão fazendo? Como elas conseguem fazer isso juntas? Como será que se organizam?

Pode-se também abrir o tema de como, nessas situações, os cantos e as danças praticados pelas pessoas foram passados de geração em geração. Esclareça que as crianças dessas culturas possuem contato com esses pulsos desde quando estão nas barrigas das mães.

Junto às reflexões traçadas na **Sugestão de estratégia inicial** ou na visualização da imagem de abertura da unidade, sugerimos que você converse com os estudantes sobre o que as pessoas fazem quando estão juntas, seja entre amigos, seja com pessoas da família ou desconhecidas. Procure questionar como se cria um senso de união e de coletividade entre as pessoas. Escute o que as crianças respondem e faça apontamentos. Dentre as muitas maneiras de estar junto, você pode dizer que uma delas é pulsar junto.

UNIDADE 2

O QUE EU SEI,
O QUE VOCÊ SABE

24

BNCC E PNA

Nesta unidade, será desenvolvida a **Competência específica de Arte 1**, por meio da qual os estudantes irão explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, estando também em acordo com a habilidade **EF15AR03** e o Tema contemporâneo **Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras**.

Serão também trabalhadas as habilidades **EF15AR23** e **EF15AR24**, pois os estudantes irão reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, caracterizando e experimentando brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

As questões apresentadas nas aberturas das unidades favorecem a exploração do componente **desenvolvimento de vocabulário**. Esse componente é contemplado ao longo das unidades, especialmente nos momentos em que os alunos se familiarizam com os termos específicos das linguagens da Arte.

Existem muitas maneiras de fazermos contato uns com os outros. Podemos brincar, cantar, dançar, celebrar.... Tudo isso tem um ritmo e faz pulsar em nós muitos saberes que vêm de pessoas que viveram antes de nós!

- A** Quais instrumentos musicais estes jovens estão usando?
Os instrumentos tocados são flautas.
- B** O que eles estão fazendo? Descreva.
Estão realizando uma celebração de pescaria.
- C** Em sua opinião, em que local eles estão?
Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.

Orientações complementares

- A)** Caso os estudantes tenham dificuldade em reconhecer e identificar esse instrumento, busque áudios e vídeos na internet para que se familiarizem com ele. É importante, ainda, contextualizar que as flautas da imagem são provenientes de uma etnia específica, os Enawenê-nawê. Você encontrará imagens dessa flauta e mais informações sobre esse povo no documentário **Yaõkwa**, descrito no quadro **Referências complementares**.
- B)** Aqui, espera-se que os estudantes se atentem para a informação disponibilizada na legenda, a qual indica que a imagem retratada se trata de um ritual de celebração de pescaria. Aproveite esta questão para ressaltar a importância da legenda na leitura e compreensão de imagens. Em seguida, incentive-os a descrever o que estão fazendo: como esses jovens estão fazendo esse ritual? Para responder, os estudantes devem se atentar para as flautas que os jovens seguram, a sua movimentação em fila, os adereços que trazem nas flautas e em seus corpos e assim por diante.
- C)** Nesta questão, espera-se que os estudantes identifiquem que os jovens são indígenas e que se encontram no território.

Jovens da etnia Enawenê-nawê em celebração de pescaria, em Juína, no estado de Mato Grosso, 2020.

25

Referências complementares

- **Yaõkwa**. Direção: Fausto Campolli e Vincent Carelli. Brasil, 2009 (61 min).
O ritual Yaõkwa, da etnia Enawenê-Nawê, é considerado patrimônio cultural imaterial da humanidade. Durante o filme, há diferentes trechos que mostram músicas tocadas nos rituais. Há também uma versão reduzida desse filme (com duração de dez minutos) disponível na internet.

- É importante conversar com os estudantes, contando-lhes que existem indígenas que moram em aldeias, mas que, também, há indígenas morando nas cidades, assim como há os que fazem uso de tecnologias, estudam nas universidades e possuem diferentes profissões.
- Como exemplo de indígenas urbanos, temos os Guarani Mbya, na cidade de São Paulo, localizados tanto no Pico do Jaraguá, distribuídos em seis aldeias, quanto na região de Parelheiros, na Terra Indígena Tenondé Porã. Além de aldeias e terras indígenas que se localizam nas cidades, há também pessoas de diferentes etnias que vão viver no meio urbano para estudar ou trabalhar e que, na sua grande maioria, não perdem a conexão com seus costumes e sua cultura de origem, embora tenham que passar por uma série de adaptações.

- Na atividade 1, a proposta é vivenciar o ritmo por intermédio da escuta ativa, com base em canções indígenas. Portanto, para preparar a atividade, pesquise previamente músicas dos povos indígenas brasileiros. Você encontra vários registros em:

<https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/>. Acesso em: 25 jun. 2021. Utilizar-se desses registros é muito importante para que os estudantes percebam as diversidades sonoras e como a música é pensada e organizada por diferentes povos.

- Para esta atividade específica, recomendam-se os cantos do povo Xavante, por serem bem marcados ritmicamente. Você encontra um desses, “Darö Wihã – canto de iniciação wapté” em: <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/daro-wiha/>. Acesso em 25 jun. 2021.

- Sugere-se apresentar a atividade 1 na seguinte sequência. Primeiro, escutar o canto e identificar a sequência rítmica, batendo os pés no chão, até que todos na sala estejam batendo os pés juntos, em uníssono. Em seguida, deve-se caminhar livremente pela sala enquanto realizam o ritmo, agora em movimento. Por último, deve-se formar uma fila com todos e orientar que a fila caminhe pelo espaço sem perder o pulso.

O pulso é um elemento passível de se sentir corporalmente enquanto se ouve uma música ou se tenta realizar passos de uma dança. Para tornar isso mais claro aos estudantes, você pode colocar também outras músicas indígenas, pedindo para que eles marquem o pulso com palmas ou com batidas em outras partes do corpo.

PULSANDO JUNTOS

A imagem de abertura mostra uma celebração do povo indígena Enawenê-nawê. A cultura desse e de outros povos indígenas combina músicas e danças cheias de saberes ancestrais, que integram pessoas de diferentes gerações.

Nessas celebrações podemos também aprender muito sobre **pulso musical**.

Mas o que é pulso? Você já parou para ouvir o seu coração batendo? Já ouviu o tique-taque do relógio? O que há em comum entre essas duas batidas? Se você prestar atenção, vai perceber que elas se repetem com regularidade.

O pulso é o som que sempre se repete dentro de um padrão, de forma constante e regular. É como se fosse o coração da música!

- 1 Vamos ouvir o canto de uma celebração indígena para perceber o pulso.
Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.
- A) Agora ande pela sala. Bata os pés, tentando fazer suas batidas coincidirem com as de seus colegas e com os sons da música.
- B) Deu para perceber que, para dar certo, **você e seus colegas** precisam bater os pés ao mesmo tempo? Ao fazer isso, vocês estão marcando o pulso da música!



26

BNCC

Na atividade 1, com base na escuta e na exploração rítmica de uma canção indígena, os estudantes poderão perceber e explorar os elementos constitutivos da música, especialmente o pulso, por meio de práticas de apreciação musical – nesse caso, via movimento corporal. Dessa forma, trabalha-se com a habilidade **EF15AR14**. Ao marcar esse pulso corporalmente, usando batidas dos pés no chão, os estudantes também desenvolvem a habilidade **EF15AR10**.

- Ao término da atividade, em uma roda de conversa, incentive os estudantes a falar sobre suas percepções sonoras e corporais, individuais e com relação ao grupo. Podem ser levantadas as seguintes questões: como foi acompanhar o ritmo com os pés? O que você percebeu em seu corpo nessa vivência? O que foi preciso para que o grupo conseguisse caminhar e marcar o ritmo, com todos pulsando juntos?
- Para avaliar o processo, busque perceber quais estudantes possuem uma desenvoltura rítmica e quais estão com dificuldade. Tente identificar se a dificuldade é com relação à percepção auditiva ou motora. Durante o processo, você pode sugerir que um estudante com dificuldade se posicione na fila atrás de outro que seja mais desenvolto, pedindo para que o primeiro busque imitar os movimentos do segundo. Essa simples ação fará com que o estudante com dificuldade se ajuste, por meio da visualidade, da escuta e do movimento.



CONTEXTO EM DESTAQUE

INSTRUMENTOS DOS POVOS INDÍGENAS

Os povos indígenas possuem diversos instrumentos musicais que reproduzem os sons da mata. Eles marcam o pulso e criam ritmos únicos.

Esses instrumentos são construídos com materiais extraídos da natureza – como fibras, sementes e pedras – e são usados para finalidades variadas como comunicação, festas e rituais.

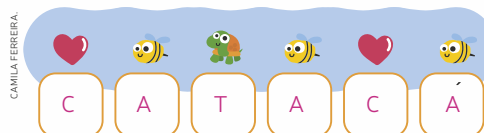
Vamos conhecer alguns deles.

Bastão de ritmo é um instrumento comum de vários povos indígenas. Construído com madeira ou bambu, toca-se o bastão de ritmo batendo-o no chão para marcar o pulso das músicas.

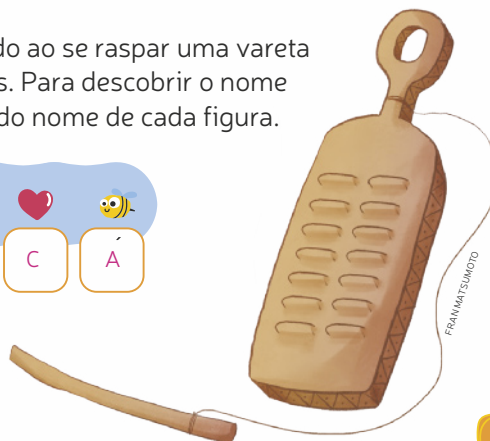


● Indígenas Tukano e Dessana tocando bastões de ritmo, na Comunidade Cipiá, Manaus, Amazonas, em 2019.

- 1 O instrumento ao lado é tocado ao se raspar uma vareta em sua superfície com relevos. Para descobrir o nome dele, escreva a primeira letra do nome de cada figura.



Instrumento característico do povo Tembê, no Pará.



27

- Nesta página, sugerimos que você aprofunde o tema exibindo trechos de documentários sobre culturas indígenas e trazendo outras canções desses povos para a escuta e a apreciação crítica. Busque mostrar aos estudantes as diferentes maneiras que esses povos utilizam para marcar o pulso, seja com a voz, seja com sons corporais ou instrumentos específicos.
- A atividade 1 consiste em um exercício de leitura que proporciona o reconhecimento de um instrumento musical do povo Tembê no Pará. Após a identificação do instrumento, é interessante que se faça uma reflexão abordando as seguintes questões: alguém da turma já viu os instrumentos mencionados nesta página do livro? Sabem o som que eles fazem? Há algum instrumento musical que vocês conheçam que seja parecido com os instrumentos musicais apresentados no texto?

Referências complementares

- ALMEIDA, Berenice; PUCCI, Magda D. **Outras terras, outros sons**. 3. ed. São Paulo: Callis, 2015.
Esse livro realça a importância da abordagem do multiculturalismo na educação, além de dedicar um capítulo inteiro à música indígena, abordando seus aspectos musicais, instrumentos e danças.
- ALMEIDA, Berenice; PUCCI, Magda D. **Cantos da Floresta**: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017. Disponível em: <https://www.cantosdafloresta.com.br/>. Acesso em: 25 jun. 2021.
Trata-se de publicação impressa e em CD que se desdobra em um site, no qual são apresentados registros musicais indígenas de diferentes etnias e também são propostas práticas que podem ser realizadas em sala de aula.

- FUNAI (Fundação Nacional do Índio) – Aba Sons Indígenas. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas>. Acesso em 25 jun. 2021.

Esse site, além de oferecer informações relevantes sobre a realidade e diversidade dos povos indígenas do Brasil, possui uma aba específica de sonoridades indígenas, por meio da qual você pode escutar álbuns e canções de diferentes etnias brasileiras.

- **Xondaro ha'e gui xondaria jeroky**. Direção: Jera Giselda. Brasil, 2012 (16 min).
- Esse documentário mostra a dança dos xondaros e xondarias do povo Guarani Mbya, a qual consiste na preparação do corpo do guerreiro e da guerreira, exigindo prontidão e agilidade.

BNCC E PNA

Nesta seção, diferentes instrumentos musicais indígenas serão apresentados aos estudantes, demonstrando maneiras de explorar fontes sonoras diversas, além de permitir o reconhecimento de elementos constitutivos da música e das características de instrumentos musicais variados. Assim, trabalharemos a habilidade **EF15AR15**.

Essa é mais uma oportunidade para explorar os componentes **desenvolvimento de vocabulário, conhecimento alfabético; produção escrita e fluência em leitura oral**.

- No item 2, os estudantes irão experimentar materiais diversos na construção de instrumentos. Com base no processo de construção de instrumentos indígenas, que se utilizam de materiais da natureza, essa atividade propõe a construção de instrumentos com materiais disponíveis no cotidiano.
- Após ler a explicação sobre os maracás e ver a imagem, é interessante que se faça uma reflexão, abordando questões como: alguém da turma conhece ou já viu esse instrumento? Sabem que som ele faz? Há algum instrumento que vocês conheçam que seja parecido com os maracás?
- Para a realização da atividade, será necessário pedir que as crianças tragam os materiais de casa. Outra possibilidade é você propor que se faça um “sucatório” na escola, visando a realização de atividades como esta.
- Além de produzir maracás, vocês podem também construir bastões de ritmo, utilizando-se de cabos de vassoura ou de bambu. Os materiais podem ser enfeitados com fitas de papel crepom ou até mesmo pintados com motivos indígenas. Dessa forma, os estudantes terão duas opções de instrumento para construir, podendo escolher entre elas. Isso proporcionará uma diversidade sonora para as atividades que se seguirão. Você encontra mais informações sobre o bastão de ritmo em: http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/maginas/acervo-brazinst/copy_of_Muliofones/bastoes-de-ritmo. Acesso em: 25 jun. 2021.

Objetivo

- Avaliar a percepção dos estudantes com relação às materialidades dos instrumentos e dos sons que eles emitem, trabalhando a percepção de timbres e a diferenciação das sonoridades.

Sugestão de intervenção

Com os instrumentos prontos, faça uma roda, pedindo que cada estudante toque, separadamente, o seu instrumento. Busque auxiliá-los na escuta das sonoridades dos instrumentos construídos, comparando uns com os outros.

Coloque perguntas como: qual o instrumento emite o som mais agudo? Qual o mais grave? Qual instrumento emite o som mais forte? Qual é mais fraco?

- 2** Os **maracás** são chocalhos feitos de cabaça e sementes. Estão presentes em diversas culturas indígenas e são muito usados em rituais de cura.

Agora é hora de criar o

seu chocalho! **Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.**

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Pedras e grãos
- Fita adesiva colorida
- Garrafa PET pequena
- Rolos de papelão
- Tesouras com pontas arredondadas



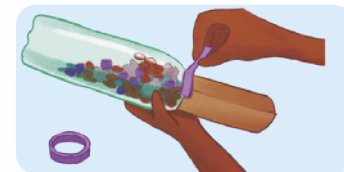
- A** Preencha a garrafa com os grãos e as pedras e tampe-a.



- B** Com a tesoura, recorte o rolo de papelão.



● Maracás do povo Ticuna. 2018.



- C** Com a fita adesiva, cole o rolo na garrafa, criando a base do seu maracá.



- D** Enfeite o seu chocalho como preferir e experimente os sons que ele faz!

O MARACÁ DE PÉS

Além dos maracás tocados com as mãos, também existem maracás que são amarrados ao tornozelo e tocados com os pés. Assim, eles emitem sons enquanto a pessoa dança.

Se você quiser fazer um maracá de pés, basta amarrar o seu no tornozelo com um elástico ou uma fita.

28

BNCC

Ao realizar a atividade 2, os estudantes irão explorar fontes sonoras diversas, como as existentes na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados. Assim, será trabalhada a habilidade **EF15AR15**.

Auxilie-os a dar-se conta da diversidade sonora, enfatizando os detalhes ou pedindo que alguns deles repitam o som, para reforçar a escuta.

Pergunte, também, se eles estão contentes com a sonoridade emitida pelo seu instrumento. Caso não, questione o que é possível fazer para melhorar esse som: o que precisaria mudar no instrumento?

Essas questões direcionarão a escuta dos estudantes para a percepção e diferenciação dos timbres.

TOCANDO JUNTOS E SENTINDO O PULSO

Chegou o momento tão esperado. Vamos tocar juntos! Para isso, vamos fazer uma roda e usar os instrumentos construídos. Vale lembrar que para tocar é necessário escutar! Veja as propostas a seguir.

- 1 Ecos rítmicos:** Cada um vai propor um ritmo que a **turma** deve reproduzir.
- 2 Pulso coletivo:** Primeiro, tente seguir o pulso estabelecido pelo professor.
1 e 2: Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.



- O desafio vai aumentar! Desloque-se pela sala seguindo o professor. Atenção! Não perca o pulso. Conecte-se à sua turma e aos sons!



29

- ▶ Nas atividades **1 e 2**, objetiva-se que os estudantes experimentem improvisações e a criação de ritmo coletivo, utilizando-se dos instrumentos construídos por eles.
- ▶ No item **1, Ecos rítmicos**, sugerimos que você faça uma roda e proponha um ritmo que todos devem repetir. Em seguida, convide uma criança a fazer o mesmo e vá girando a roda, até que todas tenham proposto um ritmo. Busque mostrar que, apesar da diversidade de timbres dos instrumentos, é possível que todos reproduzam o mesmo ritmo.
- ▶ No item **2, Pulso coletivo**, monte uma ou mais filas, de modo que todos os estudantes consigam ver você. Procure, então, estabelecer um pulso comum com todos. Quando o pulso estiver firme, sugira movimentações conjuntas para várias direções, como uma pequena coreografia. Você pode propor, por exemplo, quatro pulsos para trás, quatro para a frente, quatro para a direita e quatro para a esquerda. Repita várias vezes essa célula coreográfica, até que os estudantes a tenham incorporado.
- ▶ Para aprofundar a atividade, convide as crianças a criarem suas próprias coreografias rítmicas com base em um pulso comum. O fato de buscarem direções diferentes a cada período constante de pulsos – pode ser de dois, quatro, seis etc. – introduz o aprendizado empírico de compasso, uma vez que, na estrutura da escrita musical, os compassos são divididos em números de tempos.
- ▶ Para avaliar o processo, verifique se os estudantes são capazes de tocar o instrumento e se movimentar dentro do pulso estabelecido. Perceba se eles podem se abrir a uma escuta coletiva e tocar o instrumento com base no que é produzido **em grupo**. Caso se percam, você pode pedir que todos parem de tocar para recomençar, pouco a pouco, o pulso almejado, dando uma nova oportunidade de que eles absorvam a proposta.

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- ▶ Instrumentos musicais fabricados pelos estudantes.
- ▶ Aparelho de som.

Passo a passo

- Para começar, escolha previamente duas ou mais canções indígenas. Sugere-se que você busque, por exemplo, pela música “Koi Txangaré”, que foi gravada pelo grupo Mawaca e/ou a música “Kworo Kango”, da etnia Kaiapó, com adaptação de Marlui Miranda.
- Use as células coreográficas e rítmicas desenvolvidas no item **2, Pulso coletivo**, e busque, com os estudantes, encaixá-las nas músicas selecionadas, adaptando-as a diferentes pulsos e, assim, apurando o senso de escuta e percepção rítmica dos estudantes.

BNCC

Com a proposta desta página, os estudantes irão explorar fontes sonoras diversas, com base nos instrumentos fabricados por eles, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados. Assim, trabalhar-se com a habilidade **EF15AR15**. Além disso, eles também irão experimentar improvisações, composições e sonorização utilizando instrumentos musicais não convencionais de modo coletivo e colaborativo, trabalhando com a habilidade **EF15AR17**.

Orientações complementares

1. Espera-se que eles respondam que as crianças estão nadando ou que tragam referências próprias de brincadeiras realizadas na água de um modo geral.
2. Você pode ampliar a questão, perguntando sobre brincadeiras coletivas, jogos de rua ou outros jogos que proporcionem vivências alternativas às realidades digitais, com o intuito de valorizar aprendizagens que surgem com base no convívio social e que possibilitam maior envolvimento do corpo.

Referências complementares

► HAILER, Marco; AGUIAR, Raul. **Vamos brincar?**. São Paulo: Carochinha, 2020.

Esse livro infantil apresenta diferentes brincadeiras indígenas, abordando, inclusive, algumas delas que fazem parte do nosso dia a dia e que possuem origens nos povos originários, como, por exemplo, o rodar pião.

► HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições SESC, 2010.

Nesse livro, são registrados vinte e cinco jogos e brincadeiras da etnia Kalapalo. Além disso, apresenta textos e fotos que abordam a cultura desse povo. A publicação vem acompanhada de um documentário em DVD.

Mirim – Povos Indígenas do Brasil – Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/brincadeiras>. Acesso em 26 jun. 2021.

Na Aba “Como vivem” desse site há o subitem “Brincadeiras”, no qual pode-se encontrar uma ampla lista de descrições e imagens acerca de brincadeiras das etnias Kalapalo, Yudja, Gabili do Oiapoque e Xavante.

QUEM QUER BRINCAR?

Além de dançar e fazer música juntos, existe outra maneira muito gostosa de manter contato com as pessoas. Você sabe qual é? Veja a imagem.



CADIUE CASTROPULSAR IMAGENS

● Crianças Guarani brincando, em Bertiooga, São Paulo, 2019.

1 Do que as crianças estão brincando?

Resposta pessoal de acordo com a percepção dos estudantes.

2 Qual é a brincadeira de que você mais gosta? **Veja orientações no Manual do professor.**

Resposta pessoal de acordo com as vivências de cada criança.

Existem muitas maneiras de brincar. Além disso, quando brincamos, podemos fazer amigos e amigas! Algumas brincadeiras e jogos são bem antigos e já viraram **tradição**. E cada cultura tem a sua, mas sempre há brincadeiras e jogos novos para aprender!

● **tradição**: conjunto de saberes transmitidos de geração para geração, que permanecem ao longo do tempo

30

BNCC E PNA

Ao introduzir a temática das brincadeiras, iremos abordar práticas e produções culturais dos povos indígenas. Nesse diálogo com as diversidades, será desenvolvida a **Competência específica de Arte 1**. Ao abordarmos brincadeiras, também permitimos que os estudantes tenham consciência de que essa prática é seu direito. Desse modo, a criança **é respeitada como todo e qualquer cidadão brasileiro**, possibilitando a abordagem do Tema contemporâneo transversal **Direitos da criança e do adolescente**.

Vamos também desenvolver a **Competência específica de Arte 3**, ao pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais, especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

A realização das atividades **1 e 2** propicia a exploração dos componentes **desenvolvimento de vocabulário, consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético e produção escrita**. Analise, conforme a realidade da sua turma, a necessidade de fazer o registro das respostas coletivamente.

APRENDER BRINCANDO

Brincar é muito importante. As brincadeiras nos ajudam a desenvolver muitas habilidades! Mas como assim? Você conhece a brincadeira da **corrida de um pé só**? Essa é uma brincadeira que faz parte do dia a dia das crianças do povo Kalapalo.

Menino Kalapalo brincando de corrida de um pé só, em 2006.



HARGILO PALO JUNIOR

Conheça outra brincadeira do povo Kalapalo.

BRINCADEIRA DO GAVIÃO

- Uma criança é o gavião, e as demais são os pássaros. No chão, uma árvore é desenhada com um galho para cada pássaro. E também é desenhado um ninho para o gavião próximo da árvore.
- A brincadeira começa quando cada pássaro estiver em seu galho. O gavião sai do ninho e espanta os pássaros. Eles correm para longe da árvore, batem os pés no chão e emitem sons para provocá-lo.
- Engatinhando, o gavião aproxima-se do grupo. Ele só se levanta e corre quando estiver perto dos pássaros. Estes só podem fugir quando o gavião ficar em pé. Se um pássaro voltar para o seu galho, o gavião não pode pegá-lo.
- O gavião leva para seu ninho os pássaros que ele pega. O ganhador é o pássaro que ficar por último, tornando-se o próximo gavião da brincadeira.

- Que tal experimentar as brincadeiras dos Kalapalo? Escolham um lugar espaçoso e comecem a brincar! *Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.*

31

BNCC

Ao aprender brincando com os jogos kalapalo, os estudantes irão trabalhar a habilidade **EF15AR24**, uma vez que poderão caracterizar e experimentar brincadeiras e jogos de diferentes matrizes estéticas e culturais. Na lida com matrizes corporais que permeiam essas brincadeiras, os estudantes irão experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes nesses contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal, em acordo com a habilidade **EF15AR08**. Nas brincadeiras, as crianças também irão experimentar diferentes formas de orientação no espaço, bem como ritmos na construção dos movimentos, trabalhando com a habilidade **EF15AR10**.

➤ As brincadeiras apresentadas nesta página propiciarão que os estudantes desenvolvam a consciência corporal e a percepção do pulso e do ritmo em movimento, diante dos desafios que serão apresentados. Para realizá-las, você precisará levar as crianças para um lugar amplo onde o chão possa ser riscado com giz de lousa. Caso não haja um espaço como esse disponível em sua escola, afaste as mesas e cadeiras dentro da sala, para que haja espaço para se mover. Já na brincadeira do gavião, coloque pedaços grandes de papel *kraft* no chão, para desenhar os galhos da árvore.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar a percepção e o repertório corporal dos estudantes, ao lidarem com o desafio da **Corrida de um pé só**, bem como a capacidade de imaginar e simbolizar, com base na **Brincadeira do gavião**.

Sugestão de intervenção

Na **Corrida de um pé só**, mostrada na imagem da página, uma linha é traçada no chão para o local da partida e o da chegada. Os participantes fazem o percurso pulando somente com um pé e quem conseguir atravessar a linha ou chegar mais longe ganha.

Proponha a brincadeira à turma. Cada estudante deve conseguir se equilibrar e manter a constância do salto do início até o final do trajeto. É interessante também que você os instigue a acelerar o movimento. Diante da dificuldade, eles devem evitar cair. É importante sua atenção e suporte para as crianças que não conseguem se equilibrar ou se atrapalham ritmicamente na constância do salto. Busque auxiliá-las a direcionar a atenção para o corpo e para o ritmo do movimento, de modo que possam estar mais concentradas e equilibradas nas tentativas com o movimento.

Já na **Brincadeira do gavião**, é necessário sustentar uma pausa, enquanto o gavião engatinha. Quando ele levanta, as crianças precisam se mover subitamente. Essa percepção da mudança rítmica abrupta, junto a uma capacidade de perceber o grupo e de se mover juntos, poderá auxiliar as crianças “pássaros” a fugir da criança “gavião”. Para ajudá-las a perceber essa mudança abrupta, você pode contribuir batendo palmas em um ritmo mais acelerado, incentivando-as nos momentos das fugas.

Orientações complementares

1. Conforme assinalado no **Livro do estudante**, espera-se que, com base na própria experiência, os estudantes possam perceber que as habilidades necessárias foram resistência, concentração e agilidade.
2. Ao debater esta questão, incentive a turma a perceber que ações simples do cotidiano requerem as habilidades destacadas na questão anterior, tanto na realização de tarefas da escola quanto na consecução de tarefas domésticas ou cotidianas. A agilidade e a noção de tempo/ritmo inerentes às brincadeiras podem ajudar, por exemplo, na noção do tempo necessário para atravessar uma rua sem se colocar em risco. A concentração pode auxiliar também nas tarefas da escola. Aproveite a ocasião para investigar o seguinte ponto: que outras situações os estudantes trazem, com base em sua própria experiência, que exigem resistência, concentração e agilidade?

Na atividade 3, ao realizar o helicóptero de folha, propõe-se uma brincadeira com um brinquedo não industrializado, oriundo dos povos originários.

Para preparar essa brincadeira, será necessário levar os estudantes para um lugar amplo, próximo a árvores e plantas nas quais eles possam coletar a folha e o graveto fino para serem usados na confecção do brinquedo. Caso não haja um espaço verde em sua escola, peça os materiais com antecedência, para que as crianças possam trazê-los de casa.

1. Marque um **X** no quadrado das habilidades que podemos desenvolver com as brincadeiras do povo Kalapalo.

☒ resistência

☐ leitura

☐ equilíbrio

☒ concentração

☒ agilidade

☐ lentidão

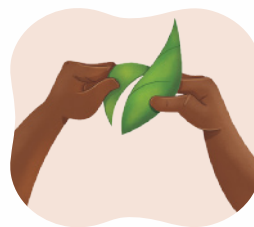
2. Em quais situações essas habilidades seriam necessárias? O que você aprendeu nessas brincadeiras que não sabia? **Resposta pessoal. Veja orientações complementares Manual do professor.** As habilidades desenvolvidas na infância vão ser necessárias ao longo de toda a sua vida. Viu só como brincar é importante?

3. E que tal, construir um brinquedo comum entre crianças indígenas? Vamos fazer um **helicóptero de folha** e brincar para valer.

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.



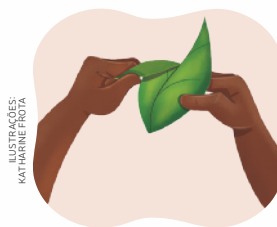
- A** Separe uma folha alongada e um graveto ou palito fino.



- C** Repita o corte no lado oposto da folha, formando assim as hélices.



- E** Com a ponta de um graveto ou palito fure o centro da folha com cuidado.



- B** Rasgue ou corte até a metade um lado da folha.



- D** O graveto ou o palito deve atravessar a folha.



- F** Gire o graveto com as mãos para que o helicóptero levante voo, ou corra segurando seu palito e veja as hélices rodarem.

32

BNCC

Devido às características presentes nas brincadeiras das tradições indígenas, as crianças poderão reconhecer e experimentar relações processuais entre diversas linguagens artísticas, caracterizando e experimentando brinquedos, brincadeiras e jogos de diferentes matrizes estéticas e culturais. Assim, trabalha-se com as habilidades **EF15AR23** e **EF15AR24**.

- Para aprofundar a atividade, mostre mais imagens de pessoas vivendo em territórios indígenas. Evidencie como as tradições se mantêm nas relações interpessoais e sociais nessas comunidades. Atualize a imagem da pessoa indígena que, no decorrer dos anos, foi assimilando aspectos das culturas não indígenas, tais como as vestimentas, o uso das tecnologias, aspectos da arquitetura etc.
- Faça uma roda de conversa e incentive os estudantes a falar das suas experiências, relacionando-as com diversos aspectos da vida, permitindo que percepções mais amplas e simbólicas possam aparecer. Sem julgamentos de certo e errado, promova reflexões sobre as coerências ou incoerências que se apresentarem em suas falas.
- Como avaliação, espera-se que tanto as brincadeiras quanto a roda de conversa gerem uma interação respeitosa e gentil entre as crianças. Permita que se expressem e elaborem seus pensamentos sobre as vivências, conduzindo-as ao respeito entre elas e com relação às culturas abordadas.

VOCÊ ME ENSINA

Você já reparou nas expressões das pessoas de sua família? Por exemplo, qual é a expressão da pessoa que cuida de você quando fica surpresa?

E quando você fica surpreso, como é a sua expressão? Se parece com a dessa pessoa?



● Família Xavante, na Aldeia Bom Sucesso, em General Carneiro, Mato Grosso, em 2020.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes consigam reconhecer algum traço (hábito, gesto ou expressão) que seja semelhante aos das pessoas de seu convívio.

1 Você tem algum hábito, gesto ou expressão que alguém de sua família também faz? Qual?

As pessoas que convivem acabam criando gestos e expressões parecidos, e muitas vezes nem se dão conta disso!

Assim como os gestos e as expressões, também temos comportamentos e atitudes semelhantes aos das pessoas com as quais convivemos.

Por isso, podemos dizer que temos muito de nossa família em nós!

33

- O conteúdo desta página se propõe a despertar a percepção dos estudantes sobre as expressões e gestos das pessoas com as quais convivem, os significados aí presentes e como, sem se dar conta, eles aprendem da própria família os hábitos, costumes, gestos, expressões e movimentos, ao conviver e se relacionar com essas pessoas.
- Uma forma interessante de iniciar essa conversa é pedir aos estudantes que observem a imagem da família Xavante. Que expressões e gestos estão aí presentes? Que tipo de impressão ou emoção as diferentes pessoas da imagem transmitem? Veja se eles conseguem reconhecê-los e proponha que tentem reproduzi-los, imitando algumas dessas expressões e gestos.
- Na atividade 1, espera-se que, com base na identificação e **experimentação** das expressões e gestos da imagem, os estudantes possam também recorrer à sua memória e imaginário para recobrar gestos e expressões de pessoas da sua própria família. Incentive que eles reproduzam expressões, gestos, trejeitos e movimentos que apreendem do seu contexto familiar, evidenciando como, ao conviver com outras pessoas, estamos aprendendo com elas uma maneira de nos mover e expressar.

BNCC

Nesta página, abordaremos sentidos intrínsecos a gestos e expressões corporais que apreendemos ao longo da vida, no nosso contexto cultural. Estaremos, assim, desenvolvendo a **Competência específica de Arte 3**, ao pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, bem como sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

A linguagem dos gestos e expressões corporais também concerne ao universo da Dança. Assim, trabalharemos com a habilidade **EF15AR08**, ao levar as crianças a experimentar e a apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

- Na atividade 2, cada estudante poderá conhecer o contexto cultural da própria família e reconhecer-se como parte de um grupo com hábitos e costumes próprios. Desse modo, a atividade propicia um trabalho com **literacia familiar**.
- De início, sugerimos que você peça para que cada estudante converse com seus familiares a fim de conhecer mais sobre a história da sua família.
- Solicite a pesquisa por meio de um bilhete, pedindo que o adulto responsável registre, em um papel, os jogos, brincadeiras e canções do seu repertório que lhe foram ensinados por outra pessoa.
- Indica-se que, nesta atividade, haja uma delicadeza ao tocar no tema, uma vez que há várias constituições possíveis de família. É recomendável evitar dar exemplos de estruturas familiares convencionais, como pai, mãe e filhos. Como muitas crianças não residem com a família de origem, é importante valorizar o ambiente em que cada criança está inserida.
- Faça uma roda de conversa na qual as crianças possam compartilhar suas respostas. Para avaliar, verifique se o estudante pôde aprender mais e aprofundar os conhecimentos sobre sua própria história e a dos seus antepassados.
- Convidar a família para a atividade, seja com qual constituição for, faz com que o estudante reforce o sentimento de pertencimento e **reconheça e valorize as contribuições dos membros de sua família ou da comunidade** em que está inserida, sendo esses atores importantes para o sucesso escolar das crianças.

2 Com o auxílio de sua **família**, responda às questões a seguir.

a) Quais jogos, brincadeiras e canções as pessoas de sua família aprenderam com algum outro parente?

Resposta pessoal de acordo com a pesquisa realizada.

b) O que você aprendeu sobre sua família que considera importante?

Resposta pessoal de acordo com a pesquisa realizada.

c) O que há de comum entre as pessoas da sua família? Vale expressões faciais, jeitos de fazer algo ou algum costume.

Resposta pessoal. Neste caso, a família pode ser as pessoas com as quais a criança convive.

d) O que você aprende apenas com a sua família?

Resposta pessoal. A criança pode falar do ambiente no qual convive e reside, mesmo que não seja o de sua família de origem.

e) Quais canções, jogos e brincadeiras são ensinados na sua família?

Resposta pessoal de acordo com as experiências do ambiente em que mora.

34

BNCC

Ao investigar costumes e tradições próprios, os estudantes irão explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos, bem como para dialogar com as diversidades, desenvolvendo a **Competência específica de Arte 1**.

Nesta atividade, eles também irão reconhecer e experimentar relações processuais entre diversas linguagens artísticas, trabalhando a habilidade **EF15AR23**.

Orientações complementares

- a) Na partilha das pesquisas durante a roda de conversa, pergunte se o estudante já as conhecia ou se pôde aprender as brincadeiras e canções relatadas pelos seus parentes.
- b) Esta pergunta é muito interessante para notar quais valores e concepções são cultivados entre os familiares das crianças.
- c) Na relação com esta pergunta, você pode incentivar que a criança compartilhe expressões, gestos ou jeitos de fazer o que descobriu, encorajando também a expressão corporal, e não apenas a partilha escrita ou falada.
- d) Aqui, é importante que a criança identifique as particularidades do ambiente em que reside: o que ela não encontra em nenhum outro lugar ou família?
- e) Nesta questão, é importante que o estudante identifique o legado familiar, ou seja, as brincadeiras, jogos e canções que ele já sabia, provenientes do seu contexto.



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Vamos fazer uma feira de brincadeiras **em grupo!**

Respostas pessoais.
Veja orientações no
Manual do professor.

- A** Cada grupo vai criar um cartaz com uma das brincadeiras aprendida na pesquisa realizada com suas famílias.
- B** Com o auxílio do professor, escolham o local onde será realizada a feira de brincadeiras e onde serão fixados os cartazes. Cada cartaz vai marcar uma estação de brincadeira.
- C** Em cada estação, um grupo vai ficar encarregado de explicar as informações do cartaz e ensinar a brincadeira para os visitantes da feira.
- D** Produza uma faixa com os dizeres “Feira de brincadeiras”.



- E** Depois de tanta diversão, converse com os colegas sobre os aprendizados que vocês tiveram nesta unidade.

35

BNCC

Por meio da **Feira de brincadeiras**, os estudantes seguirão com o desenvolvimento das **Competências específicas de Arte 1 e 3**. Eles irão explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, dialogando com as diversidades, e irão, também, pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

Serão trabalhadas as habilidades **EF15AR23** e **EF15AR24**, uma vez que as crianças irão reconhecer e experimentar, em um projeto temático, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas e, junto a isso, irão caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Verificar se os estudantes puderam conhecer e explorar distintas matrizes culturais por meio das brincadeiras, com interesse, respeito e diálogos junto à diversidade.

Sugestão de intervenção

Para seguir as orientações propostas dos itens **A** ao **D**, Você pode fazer a divisão dos grupos com base em brincadeiras e jogos semelhantes, conforme os diferentes contextos familiares dos estudantes.

Além da exposição da brincadeira em si, proponha também que os estudantes falem a respeito da própria família e dos parentes que ensinaram a brincadeira, aproximando do contexto escolar a referência de ensino-aprendizagem presente no contexto familiar, valorizando, assim, as referências culturais dos estudantes.

Por meio dessa exposição, incentive uma reflexão sobre o convívio familiar e sobre as transformações e mudanças nesse convívio de geração para geração.

Avalie cada estudante, então, com base na pesquisa apresentada, no seu envolvimento com o que foi pesquisado e na sua apropriação de todo o conteúdo. Avalie também como cada estudante lida com a diversidade e com as brincadeiras pesquisadas pelos outros – se ele é aberto, respeitoso e interessado ou se tem dificuldade de dialogar com o diferente.

Busque despertar esse interesse – pela própria cultura familiar e por outras culturas – com base na ludicidade das brincadeiras, evidenciando como há diferentes maneiras de se divertir e de aprender, e como todas elas são válidas.

Ao abordar a questão **e**, é possível propor uma roda de conversa, com base na qual você poderá aprofundar a avaliação e ainda realizar alguma intervenção que seja necessária, promovendo reflexões acerca das coerências ou incoerências que se apresentarem nas falas dos estudantes.

OBJETIVOS

- Com base na interpretação do texto apresentado, perceber como é possível aprender brincando, por meio da **observação** e a convivência com os adultos.
- Explorar as formas de brincar e aprender em outras culturas.
- Explorar as próprias formas de brincar e aprender, buscando reconhecer e simbolizar aspectos que pôde assimilar por meio de brincadeiras com os adultos da sua convivência.



COLETIVAMENTE

DIFERENTES FORMAS DE APRENDER

1

CONHECENDO O PROBLEMA

O escritor Daniel Munduruku (1964-) é um importante pesquisador das práticas culturais dos povos indígenas. Ele é indígena e descendente do povo Munduruku. No **relato** a seguir, ele nos conta um pouco sobre a educação das crianças desse povo.

1 CONHECENDO O PROBLEMA

- Daniel Munduruku é professor e escritor indígena, com formação em Filosofia, História e Psicologia, mestrado e doutorado em Educação e Pós-doutorado em Linguística. Ele já publicou mais de 54 obras, dentre as quais muitas são dedicadas ao público infantojuvenil, abordando a temática étnico-cultural relacionada aos povos originários. Daniel é escritor reconhecido mundialmente e já foi premiado diversas vezes por suas obras, recebendo o Prêmio Jabuti, Prêmio da Academia Brasileira de Letras, Prêmio Madanjeet Singh para promoção da tolerância e da não violência da UNESCO, entre outros. Para mais informações sobre esse importante autor, você pode consultar o seu *blog*. Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com/>. Acesso em 27 jun. 2021.



Crianças e educação



[...]

Há coisas que são feitas apenas por adultos e as crianças ficam observando o que eles fazem. Só que não ficam observando passivamente... Por exemplo: se os adultos se reúnem em conselho para discutir qualquer tipo de assunto, as crianças também fazem uma discussão sobre os seus problemas. Se o pajé faz uma sessão de cura, em seguida uma criança imita os gestos do pajé com um amigo seu. Se um adulto está treinando suas flechadas, o menino índio pega imediatamente o seu arquinho e tenta acertar o pé de bananeira. Se a menina vê a mãe amamentando seu irmãozinho, ela pega sua bonequinha em seguida e repete o gesto da mãe. Ou seja, tudo o que o adulto faz, a criança pode brincar de fazer.

[...]

MUNDURUKU, Daniel. Crianças e educação. Em: **Coisas de índio**: versão infantil. São Paulo: Callis, 2003. p. 29.



36

BNCC

Esta seção objetiva contemplar os temas contemporâneos transversais relacionados à **Diversidade cultural, Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras e Vida familiar e social**. Ao respeitar a diversidade cultural no Brasil, também são promovidos **valores cívicos** como o **patriotismo**.

A **Competência específica de Arte 1** seguirá sendo desenvolvida, uma vez que as crianças, ao reconhecerem formas de aprender brincando entre os Munduruku e no seu próprio contexto social, irão explorar, conhecer e analisar criticamente práticas culturais do seu entorno social e dos povos indígenas, reconhecendo a arte como um fenômeno cultural, histórico e sensível a diferentes contextos e dialogando com as diversidades.

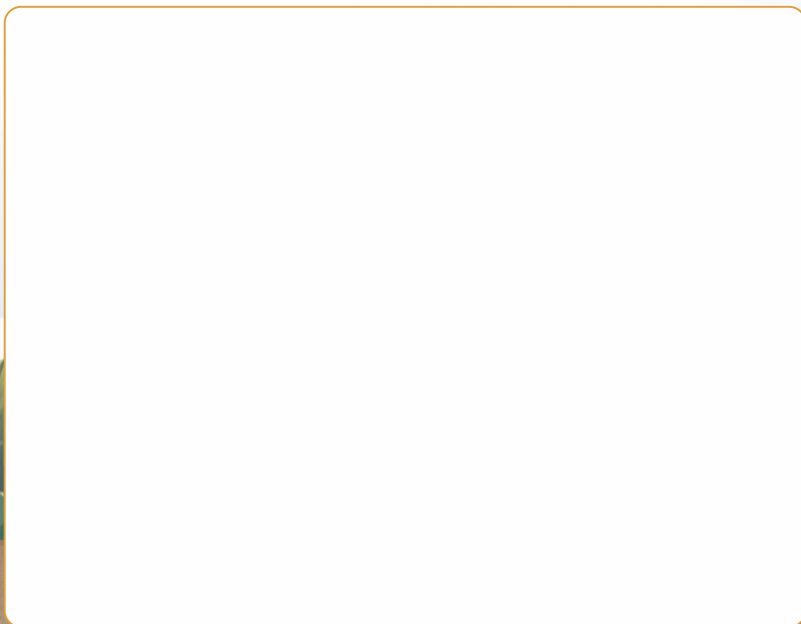
2 ORGANIZANDO AS IDEIAS



- a) De acordo com o relato de Daniel Munduruku, como as crianças indígenas aprendem novos saberes? *Elas observam e reproduzem o que os adultos fazem em suas brincadeiras.*
- b) Contorne as palavras e expressões que você desconhece e, com o auxílio do professor ou de seus **familiares**, pesquise o significado delas em um dicionário. *Resposta pessoal. Com essa atividade, busca-se fomentar o desenvolvimento do vocabulário dos estudantes de maneira ativa e autônoma.*

3 BUSCANDO SOLUÇÕES

- Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.*
- a) E você? Como aprende coisas novas que os adultos fazem? Você já aprendeu alguma coisa do mesmo jeito que as crianças descritas por Daniel Munduruku? Conte para os colegas.
- b) Relembre alguma coisa que você aprendeu com as pessoas adultas próximas a você. Transforme essa sua lembrança em um desenho no espaço a seguir.



37

2 ORGANIZANDO AS IDEIAS

- Antes de iniciar as atividades, oriente os estudantes a fazer uma leitura individual do texto. Em seguida, proponha uma leitura coletiva. A interpretação do texto também pode extrapolar a leitura e abrir espaço para comentários mais pessoais, uma vez que, à medida que as crianças consigam compreender o texto, elas provavelmente irão associar experiências próprias de aprendizagens junto às tarefas adultas. Permita que elas se expressem com relação a isso, pois essas lembranças serão importantes na nossa próxima atividade. Além disso, faça perguntas orais que os ajudem a **interpretar as informações do texto, retirar informações explícitas e analisar seus conteúdos textuais.**

Orientações complementares

- a) Após as respostas, como forma de aprofundar questão, aprimorando as capacidades de leitura dos estudantes, incentive-os a apontar no texto onde está essa informação. Caso apresentem dificuldades, proponha uma segunda leitura coletiva desta página.
- b) Nesta atividade, espera-se que as crianças possam desenvolver mais seu vocabulário, de maneira ativa e autônoma. Você pode anotar na lousa algumas das palavras contornadas pelos estudantes, reforçando, dessa forma, a grafia desses vocábulos e o significado deles.

3 BUSCANDO SOLUÇÕES

- Para esta seção, retome as brincadeiras e imitações narradas no texto de Daniel Munduruku, contextualizando como cada uma daquelas atividades é importante na cultura munduruku. A seguir, questione: na nossa cultura, o que é importante? E o que, dentro disso, vocês já aprenderam ou podem aprender brincando, ao imitar os adultos?

Orientações complementares

- a) Espera-se que os estudantes falem, com base em suas próprias referências, sobre brincadeiras que imitam o cotidiano e que remetam à vida adulta. Brincar de fazer comida, dirigir, cuidar de bonecas, médico, escolinha, dentre outras, podem ser alguns dos exemplos. Sugerimos que você escreva na lousa as brincadeiras e aprendizados elencados, para que os estudantes possam se dar conta da diversidade de brincadeiras e, também, dos pontos em comum entre elas.
- b) O estudante pode escolher qualquer uma das brincadeiras elencadas. Com base nisso, espera-se que ele possa simbolizar, por meio do desenho, a brincadeira que escolheu. Ao desenhar, podem vir à tona mais detalhes e lembranças dessa brincadeira, tornando mais vivo o reconhecimento dessa experiência.

Esta unidade começa propondo a percepção do elemento da linguagem pulso, tanto na Música quanto na Dança. De maneira integrada, o estudante é convidado a perceber a constância dos sons e a repetição dos movimentos. No desenvolvimento da unidade, o assunto pulso se expande para a percepção do coletivo, quando as crianças podem realizar movimentos e sons com outros colegas, pulsando juntos. A ampliação da noção de pulso culmina nas brincadeiras, que também exigem uma comunicação entre o pulso coletivo e o individual. Por fim, ainda em conexão com o pulso, encontramos o contexto familiar, no qual buscamos o que se repete – aquilo que se transmite de geração para geração. Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página **XIII** deste manual.

AVALIANDO

Para encerrar, sugerimos que você organize uma roda de ritmos, na qual as crianças tragam novamente seus instrumentos, como um ritual de fechamento dos aprendizados desta unidade.

Sugerimos que você proponha duas dinâmicas nessa roda. Para começar, repita o exercício em que cada criança toca um ritmo e todas as outras repetem, uma por uma. Depois, proponha a seguinte atividade: você começa a tocar um ritmo e, sem que você pare, a criança ao seu lado busca tocar outro ritmo, que se encaixe no seu. Em seguida, sem que vocês parem, a próxima criança insere seu ritmo e assim por diante.

Essa é uma excelente prática para relacionar o individual e o coletivo. Caso haja dificuldade, você pode pedir para que eles toquem o instrumento em um volume mais baixo, abrindo a escuta para os outros ritmos presentes no espaço.

Espera-se que, após todas as vivências que foram experimentadas, a noção de coletivo da turma esteja fortalecida, e que todos possam se conectar melhor durante esta atividade prática.

Por fim, após a brincadeira com os ritmos, faça uma roda de conversa e proponha uma avaliação coletiva de tudo o que foi aprendido e construído.

Objetivo: Promover uma apreciação sensível diante das matrizes artísticas e culturais indígenas, aprofundando conhecimentos rítmicos e corporais com base no fazer dos povos originários.

- Como foi, para os estudantes, realizar uma atividade de música e movimento em sincronia com os demais colegas, assim como fazem os povos indígenas?
- Os estudantes reconhecem a força coletiva e a potência de pulsar juntos? Eles demonstram interesse e entusiasmo diante da possibilidade de fazer algo coletivamente?

Objetivo: Desenvolver a capacidade de reconhecer a diversidade dos povos como um valor a ser cuidado com respeito.

- Os estudantes reconhecem, em sua fala, as aprendizagens relacionadas ao ritmo, bem como instrumentos musicais, brinquedos e brincadeiras que são provenientes dos povos indígenas estudadas? Reconhecem as diferenças com respeito e interesse?

Objetivo: Estabelecer conversas e práticas para se aprender, bem como propiciar a convivência respeitosa e colaborativa.

- Os estudantes conseguem reconhecer suas próprias dificuldades? Eles reconhecem que, na convivência entre os diferentes, puderam aprender e ensinar diferentes práticas e brincadeiras? Conseguem valorizar as trocas ocorridas ao longo desta unidade?

Levante as dificuldades e, se necessário, explique novamente alguns pontos relacionados aos conceitos de ritmo e de pulso. Faça comentários que os auxiliem a reconhecer momentos em que aprenderam, ensinaram, ajudaram ou foram ajudados.

Nesse momento final, entendemos que os estudantes serão capazes de identificar expressões relacionadas ao pulso e ao ritmo e poderão compreender esses elementos como parte das linguagens de Música e Dança. No desenvolvimento que foi realizado, experimentaram esses elementos em materiais sonoros diversificados, em composições e em improvisações. Além disso, espera-se que, por meio das experimentações, eles tenham aprendido a apreciar manifestações de diferentes povos, desenvolvendo a capacidade de compreender as diferenças para estabelecer diálogos com a diversidade cultural do país.

Objetivos da unidade

- › Conhecer e apreciar a produção artística do povo Gond e dos aborígenes australianos, ampliando repertórios não eurocêntricos.
- › Identificar os elementos da linguagem visual presentes nessas produções.
- › Despertar a imaginação e a fantasia em contato com essa visualidade.
- › Experimentar práticas de desenho, bem como o uso de materiais e de técnicas nos processos de criação.

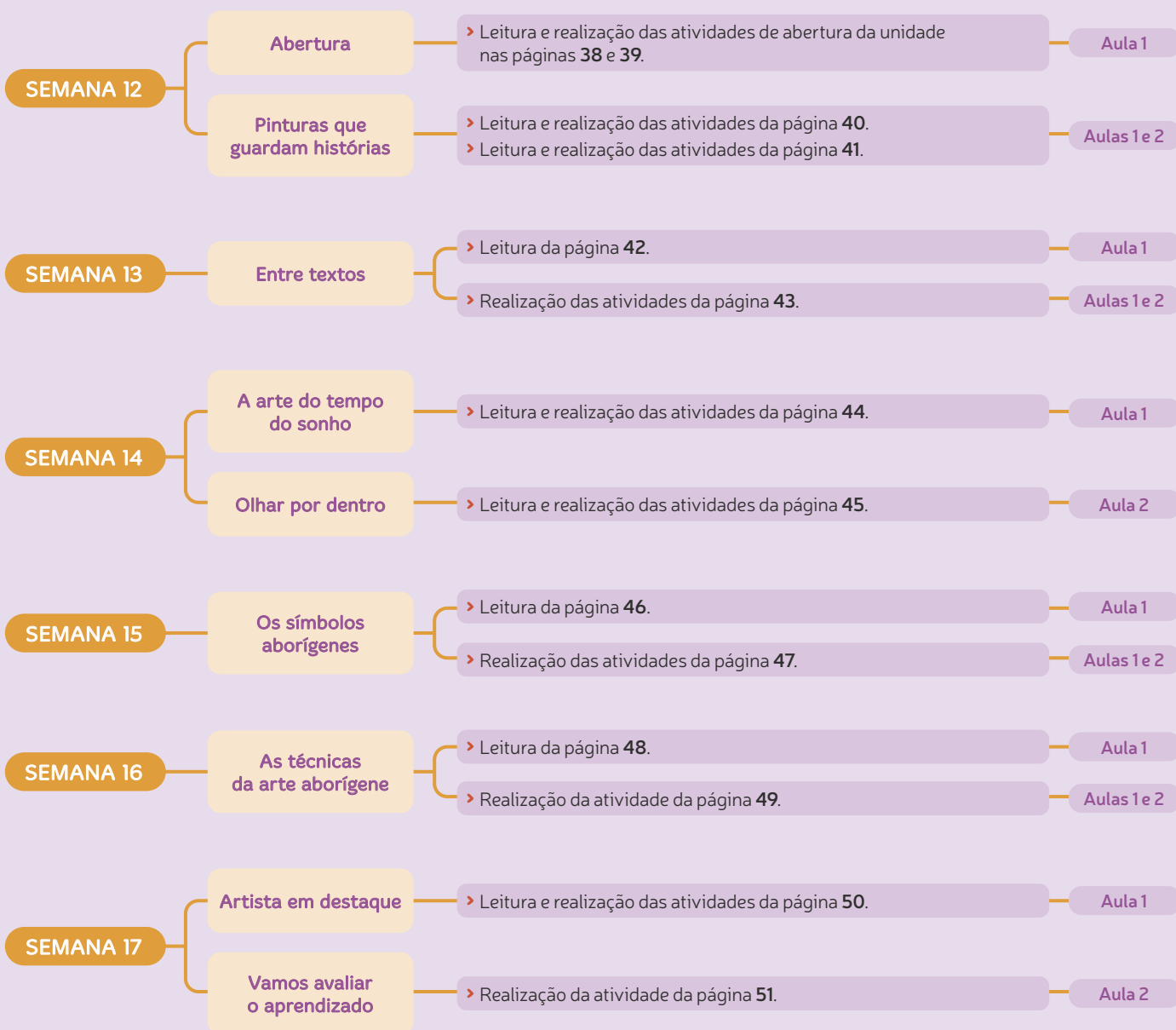
- › Identificar e perceber os propósitos e significados da produção artística de diferentes culturas.
- › Dialogar sobre a própria produção e a dos colegas.

Nesta unidade, mais uma vez, estão presentes as relações entre o desenho e a narrativa. Os estudantes são convidados a entrar em contato com um mundo de imagens fantásticas, por meio da arte produzida pelo povo Gond, da Índia, e pelos aborígenes australianos. Esses povos contam suas histórias por meio de imagens: em ambos, o conhecimento, os saberes, as tradições e as histórias são transmitidos de geração a geração. Outro ponto

em comum é a conexão que esses povos têm com a natureza. Essa conexão está expressa em suas crenças e em sua produção artística. Apesar do respeito à tradição oral, há liberdade criativa nessa produção, pois cada artista tem sua forma particular de expressão, bem como sua própria poética e visão de mundo. Ao entrar em contato com tais obras, os estudantes poderão identificar e analisar os elementos da linguagem visual; experimentar técnicas e processos; e, por fim, trabalhar as relações entre narrativa e imagem.

Na seção **Entre textos**, as crianças irão realizar a leitura de uma adaptação de um conto da tradição Gond, narrativa fantástica que será ponto de partida para a interpretação de texto e para a criação de narrativas visuais.

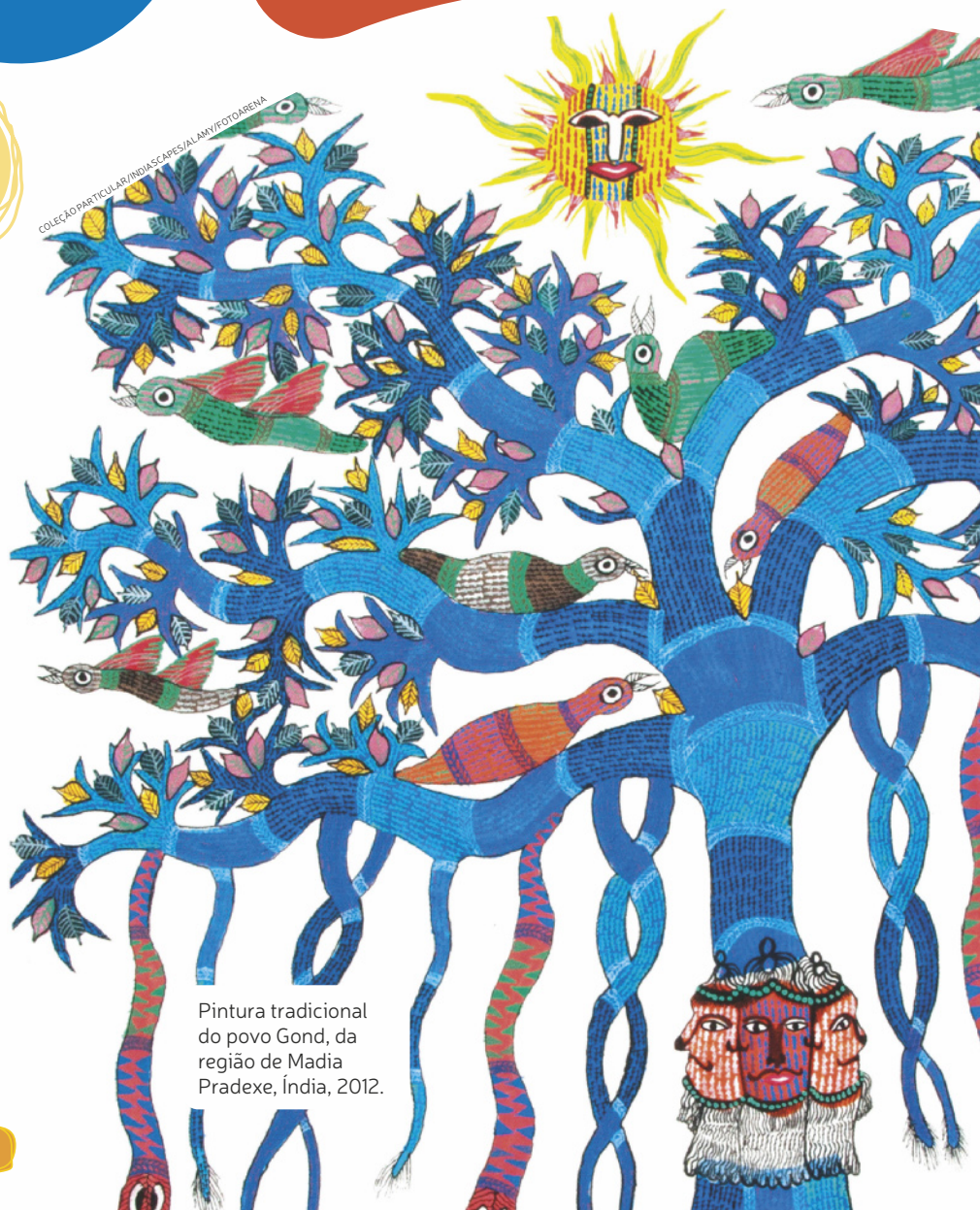
PROPOSTA DE ROTEIRO



► Ao desenvolver esta unidade, procure alcançar sentidos plurais, trabalhando coletivamente com base nas produções e vivências individuais dos estudantes. Para tanto, procure se valer do processo criativo dos artistas apresentados, que têm na ancestralidade e na vivência em grupo fatores de extrema importância para sua criação.

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Para promover múltiplas possibilidades de diálogo com a arte, inicie a unidade com a leitura da imagem de abertura, produzida por um artista Gond. Nessa pintura, diferentes animais se unem e em torno de uma árvore fantástica. Para instigar os estudantes a participar ativamente das aprendizagens que virão, sugerimos iniciar a unidade com a leitura dessa imagem. Faça perguntas direcionadas: o que você vê na pintura? Que animais são esses? De que forma eles estão unidos? O que eles formam juntos? Que outros elementos aparecem nessa imagem, além de animais? Que cores são usadas? Acolha as ideias dos estudantes e comente-as, caso necessário. Permita que os estudantes compartilhem também histórias sobre seres fantásticos. Outra sugestão é dividi-los em grupos, distribuir cartolinas e solicitar que criem conjuntamente um animal fantástico, que deve ser fruto da união de dois ou mais animais. Depois, oriente-os a pintar com muitas cores e a compartilhar com os colegas como chegaram ao resultado final. Por exemplo: “Esse é nosso ‘elefante’. Ele tem orelhas pequenas, como um ratinho, e no lugar de uma tromba, colocamos uma boca de jacaré”. Peça que criem histórias que justifiquem como os animais se metamorfosearam.



Pintura tradicional do povo Gond, da região de Madia Pradexe, Índia, 2012.

38

BNCC

Esta unidade tem como objetivo levar os estudantes a conhecer, explorar, fruir e analisar a produção artística de povos tradicionais, compreendendo essa produção como um fenômeno cultural e social. Assim, serão propostos diálogos com a diversidade de saberes e formas de ser/estar no mundo, desenvolvendo a **Competência específica de Arte 1**. Dessa forma, os estudantes serão colocados em contato com diferentes matrizes estéticas e culturais, realçando suas tradições e manifestações artísticas contemporâneas, o que desenvolverá a **Competência específica de Arte 3**.

Referências complementares

- RAO, Sirish. **Como eu vejo as coisas**. Trad. Ana Maria Machado. São Paulo: Gaia, 2013.
- Ao pintar bichos inexistentes, a personagem principal dessa obra mostra como o mundo pode ser diferente. Se você julgar pertinente, leia trechos desse livro com os estudantes antes da atividade sugerida, com o objetivo de incitar a imaginação deles e prepará-los para os conteúdos da unidade.

Você já parou para pensar que a Arte dá liberdade para a imaginação? Com ela, podemos criar um mundo à parte, usando a fantasia para dar cores novas para nossa vida. Nesta unidade, você conhecerá manifestações artísticas de povos que mantêm ligações profundas com a natureza e com os seus ancestrais.

- A** O que você enxerga nesta imagem?
- B** Qual foi a sua primeira reação ao olhar para essa imagem? Ela fez você se lembrar de alguma coisa? Do quê?

- C** Quais histórias você poderia contar a partir dessa imagem?

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.



COLEÇÃO PARTICULAR INDÍAS CAPEZALAM/AM/FOTARENA

39

- Convide os estudantes a observar como a imagem se constitui, combinando diversos elementos e personagens que se “entrelaçam” em torno da árvore fantástica.
- Aborde as diferentes formas de narrativa: oral, sonora, visual, corporal, musical, audiovisual, literária (dentro do campo literário, também há um universo de “modalidades narrativas”, como o conto, cujo exemplo aparecerá na seção **Entre textos**, além da novela, da crônica, da fábula etc.). Para aprofundar e problematizar a questão das diferentes formas de se contar uma história, pesquise e leve para a sala de aula um trecho do filme sem som sincronizado **O circo**, de Charles Chaplin. Apresente-o aos estudantes e pergunte que história está sendo narrada e como eles foram capazes de descobrir isso, já que não existem diálogos. Chame a atenção deles para a trilha sonora e como essa compõe a narrativa.

Referências complementares

- **A Gallery of Gond Artists**. Disponível em:
<https://artsandculture.google.com/exhibit/1wKyFw3z8dKiJQ>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- O site apresenta imagens de obras de arte contemporâneas realizadas por artistas Gond. Se achar pertinente, projete algumas dessas imagens em sala de aula.

Orientações complementares

1. Durante o debate, proponha perguntas para explorar a estranheza causada pela natureza dessa árvore. Devido ao caráter fantástico da imagem, aproveite a discussão para abordar a importância da fantasia para a compreensão do mundo. Pergunte que livros, séries ou filmes conhecem em que há mundos não reais, mas criados pela imaginação humana. Exemplos: **O senhor dos anéis**, **Harry Potter**, **Avatar** etc.
2. Levante, com os estudantes, suas primeiras impressões e percepções ao observarem a imagem. Com o que se parece? Do que se lembram? Peça que justifiquem as respostas, aprofundando sua análise da imagem.
3. Incentive-os a criar algumas histórias que justifiquem a árvore fantástica apresentada na imagem de abertura. Para ajudá-los nesse processo, pergunte: como ela surgiu? Onde ela vive? O que são esses rostos que saem de seu tronco? Que som eles fazem? O que comem? Dê algum tempo para que formulem suas ideias. Em seguida, peça que as compartilhem com a turma.

- A atividade 1 propõe a leitura e interpretação de uma obra de arte Gond, com o objetivo de ampliar o repertório imagético dos estudantes e fomentar a apreciação estética, sem preconceitos culturais.
- Comente com os estudantes que os desenhos feitos pelo povo Gond, habitantes das florestas da Índia central, são interpretações de histórias contadas de geração a geração. Porém, apesar de uma mesma história ser contada através de gerações, as interpretações criadas pelos artistas são particulares. Para aprofundar a discussão sobre tradições que passam de geração a geração, peça à turma que compartilhe algumas coisas que aprenderam com seus pais, tios, avós ou cuidadores. Pode ser uma brincadeira, um esporte, uma história, a forma de construir um brinquedo etc. Aproveite essa interação para discutir com os estudantes as noções de tempo.
- Os temas mais explorados na arte Gond são: pássaros, animais, seres fantásticos e temas do cotidiano. Representações da árvore Mahua também estão muito presentes. Suas sementes, flores e frutos servem para diversos propósitos dentro da comunidade. Os Gond acreditam que as árvores são o centro da vida: durante o dia, oferecem sombra, abrigo e alimento e, à noite, os espíritos das árvores se revelam.
- Na arte Gond, representam-se conceitos abstratos. Também há uma forte relação com a música. Muitas vezes, os desenhos retratam histórias das canções populares.

PINTURAS QUE GUARDAM HISTÓRIAS

Já pensou se os seres fantásticos saíssem da nossa imaginação, ganhassem vida e fossem colorir as paredes das casas ou os muros da cidade? Como seria isso?

Isso acontece em muitas culturas. Aqui no Brasil, temos diversas manifestações desse tipo: os grafites, os grafismos indígenas e tantas outras. Mas nós vamos começar falando da arte de um país muito distante, a Índia.

Nesse país, vários povos produzem imagens incríveis que contam histórias de seus ancestrais. Em geral, essas criações se inspiram em saberes tradicionais, transmitidos de geração para geração e baseados no respeito à natureza e ao sagrado. Vamos conhecer a arte de um desses povos, o povo Gond.

Observe a imagem.



● Mulher produzindo uma pintura Gond na parede de sua casa, em Hazaribagh, Índia, em 2000.



1 Quais elementos você consegue identificar nessa imagem?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

40

Orientações complementares

1. Realce as linhas orgânicas, os animais (pássaros), as cores (branco e marrom) e o suporte (a pintura está sendo realizada em uma parede). Para que compreendam melhor o que são linhas orgânicas, desenhe na lousa alguns tipos de linhas: retas horizontais, retas verticais, retas diagonais, curvas, tracejadas etc. Pergunte-lhes em que elas diferem. Se achar pertinente, oriente-os a criar desenhos utilizando um desses tipos de linha.

Referências complementares

- BAI, Durga; SHYAM, Bhajju; URVETI, Ramsingh. **A vida secreta das árvores**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. O livro apresenta reproduções de gravuras originais de três dos principais artistas da tradição Gond. Cada imagem é acompanhada de um texto que introduz o leitor ao imaginário Gond, em que se integram aspectos práticos, estéticos e espirituais do mundo natural.

BNCC

A página apresenta a arte realizada pelo povo Gond, da Índia, por meio de texto e imagem. Ao identificar, apreciar e analisar produções artísticas de culturas tradicionais, cultivando o imaginário e o repertório imagético, e reconhecer a arte como fenômeno cultural e social, os estudantes irão trabalhar as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR03** e desenvolver a **Competência específica de Arte 1**. A atividade 1 propõe a leitura de uma obra Gond. Ao realizarem a leitura formal da obra, explorando e reconhecendo seus elementos constitutivos, os estudantes irão trabalhar a habilidade **EF15AR02**.

As pinturas Gond representam seres imaginários ligados à natureza. A árvore é um elemento muito presente nessas produções.

Nas pinturas da arte Gond são utilizadas muitas linhas, pontos e cores vibrantes para representar as histórias! Elas são feitas com técnicas especiais, desenvolvidas e preservadas ao longo de centenas de anos.

Conheça algumas dessas práticas a seguir.



Em uma obra Gond como essa, primeiro o artista traça o contorno do desenho. Depois, ele o preenche com bastante riqueza de detalhes. Esses artistas utilizam a repetição de traçados para criar padrões, a partir de muitas linhas feitas na mesma direção.

- 2** Agora é a sua vez! Experimente criar seres imaginários ligados a uma grande árvore, no estilo da arte Gond. Crie seus seres fantásticos em uma folha de papel. **Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.**

41

- Para o desenvolvimento da atividade **2**, providencie materiais como lápis grafito, canetas hidrográficas pretas de ponta fina, canetas hidrográficas coloridas, lápis de cor e giz de cera. Dê preferência para as cores primárias: azul, amarelo e vermelho. Os estudantes podem trabalhar sobre folha sulfite ou canson.
- Faça algumas considerações sobre a técnica empregada. Enfatize as formas gerais do desenho, que são realizadas num primeiro momento, e para como o artista vai preenchendo os espaços com padrões, formas ou conjuntos de linhas que se repetem. Diga-lhes que, nesta atividade, eles terão liberdade para criar seus próprios padrões.
- Como as figuras (animais e árvore) devem estar conectadas, o que pode ser desafiador para os estudantes, oriente-os a realizar um primeiro desenho simples, focando nas linhas principais. Em seguida, com base na figura que está no papel, instrua-os a construir um segundo desenho simples, e assim por diante. Ao término das figuras, os estudantes devem elaborar os padrões que se repetirão dentro do desenho.
- Na arte Gond, as linhas são pretas e bem marcadas, com padrões que se repetem. Os pontos e traços realçam os detalhes e a sensação de movimento é estabelecida pelas curvas e traços. As cores são vivas e brilhantes, com preferência para o vermelho, o azul, o amarelo e o branco. As tintas são extraídas de fontes naturais: terras coloridas, carvão, folhas, flores, seiva e esterco de vaca.
- Incentive-os a socializar suas produções, organizando uma exposição em sala de aula. Amarre alguns barbantes na sala e pendure os trabalhos com pregadores de roupa, como os cordéis. Para desenvolver a imaginação e trabalhar com a ludicidade, peça-lhes que contem aos colegas que seres fantásticos são aqueles.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar se os estudantes criam um ser imaginário, apropriando-se do estilo Gond.

Sugestão de intervenção

Após a exposição dos trabalhos, peça-lhes que compartilhem o que aprenderam sobre as técnicas da arte Gond. Verifique se compreendem o que é um conhecimento transgeracional; que conexão esse povo estabelece com a natureza; de que forma a arte conta a história desse povo. Faça anotações, destacando o que cada um aprendeu de mais significativo. Questione-os também sobre os desafios encontrados: se foi a técnica, o uso dos materiais, o processo de criação. Aos trabalhar com esses termos, você estará ampliando o vocabulário dos estudantes sobre arte.

BNCC

Na atividade **2**, os estudantes serão convidados a criar uma composição imagética com formas conectadas que se transformam em seres fantásticos. Ao reconhecer e explorar o ponto, a linha e a cor, os estudantes irão trabalhar a habilidade **EF15AR02**. Ao experimentar diferentes formas de expressão artística, irão trabalhar a habilidade **EF15AR04**.

ENTRE TEXTOS

OBJETIVOS

- Vivenciar uma atividade que relaciona a narrativa fantasiosa, muito importante para a arte Gond, com a criação em artes visuais.
- Ler a adaptação de um conto tradicional Gond, buscando **interpretar e relacionar as ideias** com os conteúdos trabalhados na unidade.

EXPLORANDO O TEXTO

Orientações complementares

- a) Reforce que a arte Gond está diretamente ligada à cultura de seu povo, à ancestralidade e às diferentes gerações, ou seja, as mesmas histórias são passadas de geração a geração. No entanto, cada um que as recebe interpreta e transmite essas histórias aos outros de diferentes maneiras. Pergunte aos estudantes se já brincaram de “telefone sem fio”. Peça que expliquem como é essa brincadeira. Diga que a transmissão oral se assemelha a essa brincadeira, pois as informações vão sendo alteradas de acordo com o entendimento de quem as recebe. Se achar pertinente, brinque de telefone sem fio com os estudantes, para que fixem essa característica da tradição Gond.
- b) Caso perceba que os estudantes têm dificuldade em responder, retome as imagens já analisadas nessa unidade, incentivando-os a **fazer inferências diretas e relacioná-las com as informações do texto**.

As pinturas Gond se inspiram em **contos tradicionais**. Vamos ler a adaptação de um deles?

A árvore dos desejos

Eu conto a história que, antes de mim, outros contaram.

Certa vez, um homem estava viajando e, sem perceber, entrou no paraíso. Neste lugar mágico, havia árvores dos desejos. Bastava fazer um pedido embaixo de uma delas e imediatamente este era atendido.

Cansado de caminhar, o homem adormeceu à sombra de uma dessas árvores. Ao acordar, ele disse em voz alta:

– Estou com tanta fome... Gostaria de algo para comer.

E imediatamente apareceu uma mesa repleta de comida à sua frente. Sem pensar de onde teria vindo a refeição, o homem fartou-se.

Em seguida, ele percebeu que estava com sede e disse:

– Estou com tanta sede... Gostaria de algo para beber.

E imediatamente apareceu uma bebida refrescante à sua frente.

Surpreso, o homem perguntou:

– O que está acontecendo? Será que estou sonhando ou existem seres encantados ao meu redor?

Seu último desejo foi atendido e imediatamente apareceram seres fantásticos à sua frente, que fizeram o homem sair correndo dali. Dizem que nunca mais ele quis ouvir falar em árvores do desejo!

Produzido especialmente para esta obra.

42

Os estudantes serão convidados a criar um final diferente para a história e registrá-lo por meio do desenho, trabalhando a habilidade **EF15AR04** e desenvolvendo a **Competência específica de Arte 3**, ao adentrarem o universo fantástico da tradição oral do povo Gond.

Essa seção também possibilita o trabalho com os componentes **fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção de escrita**.

ALÉM DO TEXTO

Orientações complementares

- a) Fomente a imaginação dos estudantes. Sugerimos que você solicite a releitura individual do conto. Em seguida, eles devem imaginar um final diferente e **criativo** para o conto. Eles podem anotar algumas palavras no caderno ou fazer pequenos desenhos para estruturar e registrar suas ideias. Com essa etapa concluída, organize-os em grupos de quatro estudantes cada, para compartilhar com os colegas as suas ideias. Solicite que façam um desenho dessa história, incorporando todos os elementos que aparecem no novo final que criaram. Eles podem utilizar os materiais que desejarem. Enfatize que de cada material se espera um resultado diferente. Portanto, a escolha do material deve estar atrelada ao que esperam como resultado final. Crie, com a ajuda dos estudantes, uma exposição dos desenhos em sala de aula e peça-lhes que relacionem os elementos narrados no novo desfecho às imagens construídas.

EXPLORANDO O TEXTO

- a) Explique com suas palavras o que significa a primeira frase do conto: “Eu conto a história que, antes de mim, outros contaram”. *Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.*
- b) Quais elementos presentes no conto também aparecem em muitas pinturas da arte Gond?

É esperado que os estudantes mencionem elementos da natureza, como árvores e animais. Veja orientações complementares no Manual do professor.

ALÉM DO TEXTO

- a) Agora, atenção!

Abracadabra, pé de cabra:
transforme a garotada
em autores de uma
história encantada.

Produzido especialmente para esta obra.

Pense em um final diferente para a história lida e, em uma folha avulsa, faça um desenho que represente esse novo desfecho. *Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.*

Representação artística baseada em:
SHYAM, V. R. S. e ANAND, S. *Finding My Way*. Paris: Hachette, 2016.

43

- Enfatize aos estudantes que não é apenas o povo Gond que possui tradição oral. Os povos tradicionais do continente africano também transmitem suas histórias e saberes de geração a geração. Essa herança reside na memória dos tradicionalistas, ou *griots*, que são a memória viva da África. Os tradicionalistas são os grandes depositários da herança oral africana. Confira a referência seguir.

Referências complementares

- HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História geral da África I: Metodologias e pré-história da África*. 2 ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

A leitura desse capítulo favorecerá o entendimento, por você, da importância da tradição oral africana.

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- comidas
- objetos
- brinquedo/brincadeira
- artesanato
- trabalhos manuais confeccionados por você

Passo a passo

- a) Aprofundando a questão da tradição oral entre os povos Gond e africano, providencie algum dos mate-

riais listados que tenha sido assimilado, por você, de um dos seus antepassados.

- b) Organize uma roda de conversa e permita que todos os estudantes segurem, toquem, observem, experimentem aquilo que você trouxe.
- c) Diga-lhes que o objeto/atividade que está sendo apresentado foi confeccionado/aprendido por você. Explique como adquiriu esse conhecimento, há quanto tempo e de que forma o preservou.

- d) Promova um debate sobre coisas que aprendemos com nossas famílias/amigos e sobre como guardamos essa tradição conosco. Reforce a importância da tradição oral como forma de adquirirmos conhecimento também, além da linguagem visual, sonora, audiovisual e escrita.

- e) Ensine aos estudantes como se faz/brinca e peça que compartilhem com outras pessoas aquilo que aprenderam.

- Organize uma roda de conversa, questionando os estudantes sobre quais são seus sonhos e de que forma buscam alcançá-los. Para aprofundar essa reflexão, peça que realizem uma colagem com recortes de revista, ilustrando um sonho que almejem realizar.
- O “Tempo dos Sonhos” é a base da cultura aborígene australiana e refere-se à criação do universo, quando os seres supernaturais do passado nasceram dentro de sua própria eternidade. Esse universo mítico é habitado pelos ancestrais: animais, humanos, plantas etc. Tudo o que existe foi criado nesse universo, como as cores, as formas, a dança e a música. As pinturas aborígenes, apesar de parecerem abstratas, são verdadeiros mapas com significados ocultos. Para saber mais a esse respeito, confira as referências complementares da página 46 deste manual.

Orientações complementares

- Acolha as respostas dos estudantes. Em seguida, explique as diferentes formas de se usar a palavra **sonho**: os sonhos que temos à noite, enquanto dormimos; sonhos como desejos, metas a serem alcançadas; sonho, o doce que se vende na padaria. Pergunte-lhes que outras palavras possuem diferentes sentidos. Retome a explicação do que significa sonhar para os aborígenes e reforce a ideia de que as palavras adquirem diferentes significados de acordo com a cultura.
- Realce os detalhes da obra. Investigue, com as crianças, que ideias vêm à mente delas ao observar essa imagem. Pergunte: com que se parece? Lembra-lhes alguma coisa (uma estampa, um bordado, uma paisagem)? Ela tem algum simbolismo? Para você, o que ela quer dizer/contar?
- Chame a atenção dos estudantes para as formas orgânicas e circulares que se repetem. Enfatize também o uso de pontos coloridos, sobrepostos e justapostos, na construção do fundo e das figuras. Uma das formas representadas lembra uma flor. Outros artistas também trabalharam com pontos na composição de suas pinturas. Um exemplo é o pintor pós-impressionista francês Georges Seurat. Se achar pertinente, prepare e leve para a sala de aula algumas de suas obras. Exemplos: **Um domingo na ilha da Grande Jatte** (1884–86) e **O circo** (1891).

A ARTE DO TEMPO DO SONHO

Depois da arte Gond e da Índia, agora, o seu destino é a Austrália. Aperte os cintos e vamos embarcar no tempo do sonho com a **arte aborígene australiana!**

- Para você, o que é sonhar?

Para os **aborígenes** da Austrália, sonhar significa recontar histórias da época em que tudo se formou. Essa época, conhecida como “Tempo do Sonho”, é lembrada por meio de pinturas cheias de significados. Algumas dessas pinturas são como mapas que nos transportam para esse tempo do sonho.

Observe a imagem ao lado.

- O que você acha que essa pintura representa?

- O artista utilizou formas que se repetem. Que formas são essas?

Kaliyangku, de Ena Gimme Nungurrayi. Polímero sintético sobre tela, 120 cm x 60 cm. 1991.

Observe ao lado um detalhe da imagem desta página. Você reparou que ela é feita com muitos pontinhos? Esta é uma das técnicas que os artistas aborígenes utilizam para criar formas em suas obras!

- aborígenes**: povos nativos, originários de um determinado lugar

1, 2, 3: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

44



GALERIA NACIONAL DE MELBOURNE, AUSTRÁLIA
© NUNGURRAY/ENA/AUTVIS BRASIL, 2021

BNCC

Nesta página, os estudantes são introduzidos à arte aborígene australiana, trabalhando a habilidade **EF15AR01**, ao apreciarem formas distintas de Artes visuais. Isso ocorre por meio das atividades 1, 2 e 3, em que eles irão **formular hipóteses e raciocínios** sobre os símbolos presentes na obra reproduzida nesta página, cultivando a percepção, o imaginário e ampliando o repertório imagético. Além disso, irão identificar seus elementos constitutivos, trabalhando, dessa forma, a habilidade **EF15AR02**. O estudo sobre as pinturas e grafismos aborígenes e suas simbologias em relação ao cotidiano desse povo também contempla a habilidade **EF15AR03**.

OLHAR POR DENTRO

Você sabia que nas paredes rochosas da Austrália existem pinturas feitas há milhares de anos que mostram o esqueleto e os órgãos internos do animal desenhado? Até parece que os aborígenes tinham visão de raio X!

Atualmente, alguns artistas aborígenes ainda utilizam essa técnica em suas obras.

Ative a sua “supervisão” e observe a imagem. Quais partes internas do animal é possível observar nela?



PARQUE NACIONAL DE KAKADU, AUSTRÁLIA/AGEFOTOS/GETTY IMAGES

● Pintura aborígene do Parque Nacional de Kakadu, Austrália.

1. Agora, pense em um animal qualquer e desenhe o contorno, o esqueleto e os órgãos dele. Use sua criatividade! Depois, mostre o seu trabalho aos colegas e veja o que eles desenharam.

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.

45

- Sugerimos que você retome os estudos de **Ciências Naturais** do primeiro ano, para rememorar a localização e a representação das partes do corpo humano. A seguir, convide-os a refletir sobre o que há dentro do corpo de um animal. Para tanto, recorra a perguntas disparadoras, tecendo comparações com a anatomia humana: o ser humano tem coração. Será que os animais também têm? Qual a função do coração no corpo do animal? O ser humano tem estômago, no qual é guardada provisoriamente toda a comida ingerida. Para onde vai a comida que os animais comem? O ser humano tem pulmões, que permitem que ele respire. Como os animais respiram? Todos os animais respiram da mesma forma? E os peixes, como respiram debaixo da água? Como é o esqueleto humano? Todos os animais possuem um esqueleto? Acolha as respostas e complemente-as, quando necessário.
- Aborde a atividade 1, convidando todos a desenhar com base em suas hipóteses e nas discussões realizadas. Ao final, solicite que compartilhem seus desenhos e façam comentários sobre seus trabalhos e os dos colegas, encontrando pontos comuns e não comuns entre as produções.

AVALIANDO**Objetivo**

- Avaliar se os estudantes imaginam e representam a estrutura interna do corpo de um animal.

Sugestão de intervenção

Se achar pertinente, grave, filme ou faça anotações dos comentários dos estudantes sobre seus próprios desenhos e aqueles dos colegas. Para aprofundar o processo de avaliação, verifique como foi a relação entre o conhecimento prévio do corpo do animal e a imaginação: os estudantes atentaram-se ao sentido literal das funções do corpo ou utilizaram recursos da fantasia? Avalie as cores e traços, além da forma como cada estudante estruturou o desenho. Avalie também o processo de compartilhamento: os estudantes conseguiram argumentar e falar sobre seu processo criativo? Comentaram com criticidade e respeito as produções dos colegas?

BNCC

A atividade 1 objetiva despertar a atenção dos estudantes para uma técnica desenvolvida pelos aborígenes, em cujas imagens é representada a estrutura interna do corpo de animais. Assim, as crianças serão convidadas a representar graficamente o que conhecem e o que imaginam da anatomia interna de um animal, compartilhando com a turma seus processos criativos. Dessa forma, a atividade desenvolve as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR06**.

- Antes de trabalhar com a página do **Livro do estudante**, reproduza na lousa alguns dos símbolos ali presentes e solicite aos estudantes que tentem deduzir que símbolos são esses. Em seguida, apresente os conteúdos do livro e peça-lhes que levantem hipóteses para justificar o porquê desses símbolos terem sido escolhidos para representar determinados objetos/situações/fenômenos/construções. Acolha todas as respostas e complemente-as, se necessário.
- Prepare e leve para a sala de aula outros símbolos visuais. Exemplos: símbolos para toalete feminino, toalete masculino, restaurante, placas de trânsito etc. Apresente-os aos estudantes, para que vocês discutam o que estes símbolos representam. Amplie a discussão comentando que todas as sociedades possuem seus símbolos. Talvez, para nós, os símbolos aborígenes não façam sentido, mas, dentro da cultura desse povo, eles são reconhecíveis.

Convide os estudantes a criar símbolos para algumas situações cotidianas. Organize a sala em grupos e designe uma situação específica para cada grupo. Por exemplo: estou com fome; estou com dor de cabeça; acordei mal humorado; estou muito feliz; quero brincar etc. Os grupos deverão discutir e juntos encontrar símbolos visuais que representem as situações escolhidas.

OS SÍMBOLOS ABORÍGENES

Os pontinhos encontrados em muitas pinturas aborígenes australianas formam símbolos que representam ações e elementos do dia a dia desses povos. Quando os artistas agrupam os pontinhos, eles contam histórias do tempo dos sonhos.

A seguir, você conhecerá alguns desses símbolos e seus significados.



Artista aborígene produzindo pintura com pontos, na Austrália, em setembro de 2019.

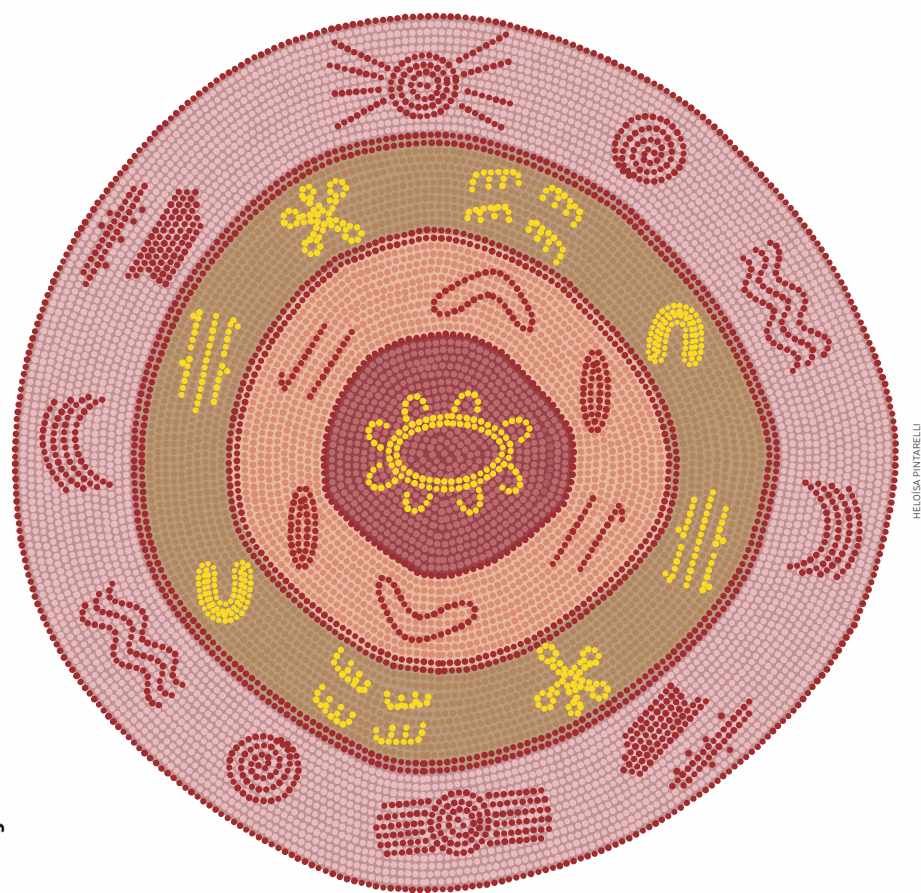
Homem	Mulher	Bumerangue	Lança de caça	Escudo
Lugar de descanso	Dois homens conversando	Lugar de encontro	Acampamento	Encontro de quatro mulheres
Fumaça, água corrente, relâmpago, incêndio florestal	Pessoas reunidas	Chuva	Arco-íris, dunas ou nuvem	Poça de água
Gambá	Formigueiro	Pegadas de canguru	Pegadas na areia ou trilhas de animal	Formigas

A página apresenta a simbologia presente na pintura aborígene australiana e seus significados, desenvolvendo a **Competência específica de Arte 9**.

Referências complementares

- O tempo dos sonhos:** arte aborígene contemporânea da Austrália. Recife: Caixa Cultural Recife, 2018. Disponível em: http://www.caixacultural.com.br/cadastrodownloads/1/Catalogo_Expo_TempodosSonhos_RE.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.
O catálogo da exposição, realizada em 2018, conta um pouco da história da Austrália e de seus povos, apresentando diversas obras, artistas e técnicas aborígenes. Também relaciona a história e os movimentos artísticos e suas dimensões visual, política e cultural, enfatizando a riqueza dessa cultura e o modo como esse povo pratica suas antigas tradições artísticas, incorporando suportes contemporâneos.

- 1** Você já conhece alguns símbolos e seus significados. **Com os colegas**, observe atentamente o desenho a seguir e tentem descobrir histórias que esses símbolos podem contar. **Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.**



HELOISA PINTARELLI

Representação artística baseada em: Aboriginal Dot Art. **Artlandish Aboriginal Art Gallery.**
Disponível em: <https://www.aboriginal-art-australia.com/aboriginal-art-library/aboriginal-dot-art-behind-the-dots/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

- 2** Vamos brincar de detetive? Escolha alguns símbolos da página anterior para desenhar e contar uma história para seus colegas. Não conte a história antes: será um segredo que eles tentarão desvendar! **Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.**

47

AVALIANDO

Objetivo

- ▶ Avaliar se os estudantes percebem e compreendem os símbolos como forma de comunicação.

Sugestão de intervenção

Ao término das atividades **1** e **2**, peça aos estudantes que criem um desenho sobre a história expressa por meio de símbolos. Reforce que podemos nos comunicar de diferentes formas. Os símbolos, a linguagem oral e o desenho são apenas algumas dessas formas. Acolha os comentários e complemente-os, se necessário. Para melhor avaliar essas atividades, verifique se todos os estudantes criaram estruturas simbólicas para se comunicar ou se utilizam os símbolos de forma aleatória, só para cumprir com a atividade. Verifique também o processo de elaboração e uso de símbolos. Incentive a comunicação da criança sobre seu processo de elaboração e funções atribuídas a cada símbolo. Verifique se houve compreensão sobre usos e funções de símbolos. Foram capazes de decifrar as histórias ou não compreendem bem os significados e usos dos símbolos? Se achar necessário, retome os conteúdos que não foram bem assimilados por eles.

BNCC

Nas atividades **1** e **2**, os estudantes são convidados a explorar o sistema de representação simbólico aborígene, por meio da leitura de uma produção artística, e a criar uma história utilizando esses símbolos. Essas atividades desenvolvem as habilidades **EF15AR01**, pois os estudantes irão apreciar formas distintas de artes visuais, cultivando o imaginário e a percepção. Trabalharão, ainda, a habilidade **EF15AR06**, ao dialogar com os colegas sobre sua criação e a deles.

- Os artistas aborígenes fizeram a transposição de sua arte ancestral para a tela, o que permite que essas pinturas viagem e possam ser vistas em diferentes países.
- Os Wajãpi, povo indígena de aproximadamente mil pessoas distribuídas em 48 aldeias no Brasil (estados do Pará e Amapá), também desenvolveram um complexo sistema simbólico com o qual adornam seus corpos e os objetos cotidianos, tais como peças de cerâmica e de tecelagem (bolsas, tipóias, cestos). Os padrões criados por esse povo são chamados de Arte Kusiwa e, por meio deles, os Wajãpi expressam a diversidade de seres que habitam o Universo, de acordo com suas crenças e tradições. Em 2003, a Arte Kusiwa recebeu o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade.

AS TÉCNICAS DA ARTE ABORÍGENE

Você reparou como a arte aborígene nos inspira a dar sentido para as nossas produções? Em geral, os artistas aborígenes seguem três passos. Observe!

Antes de começar a fazer os seus pontos, os artistas pintam a superfície com tinta, para servir de base.



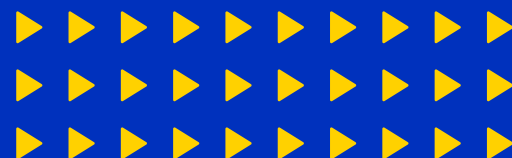
Depois, os artistas aborígenes fazem uma prévia do desenho com tinta.



Por fim, eles trabalham os pontinhos nas cores desejadas.



ILUSTRAÇÕES: HELOISA PINTARELLI



Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

**Para solicitar o acesso
completo, entre em contato
com a nossa Central de
Relacionamento:**

 **0800 772 2300**

 **www.ftd.com.br/contato/**

